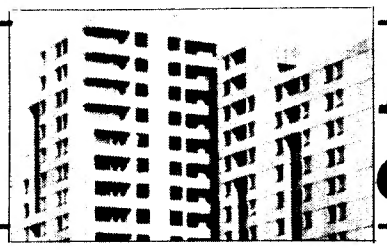
## CRÉDITO A HABITAÇÃO



## 100 milhões de contos em 86 "dobram" 85

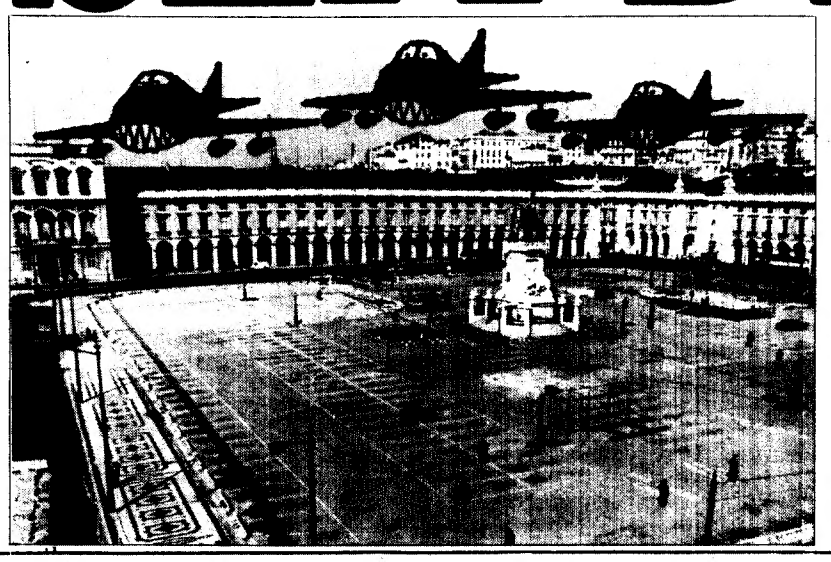
Pág. 14


# Diário de Lisboa

ANO 66 N.º 22 282 Quinta-feira, 5 de Fevereiro de 1987 Preço 40$00


### Em caso de "raid" aéreo capital não escaparia

# LISBOA, CIDADE SEM DEFESA



Claro que somos um país pacífico, que não incomodamos ninguém e que, por todas estas razões, não é previsível que alguém se lembre de nos bombardear. Mas nunca fiando, até porque, como membro de um dos blocos militares, pudemos apanhar por tabela... E se tal acontecesse, estávamos sem defesa. Lisboa nem sequer está em condições de detectar a aproximação de uma esquadrilha de mal intencionados bombardeiros. Nem o Carmo, nem a Trindade escapariam. Tudo isto ressaltou da maratona parlamentar que encerrou às 4 horas da madrugada de hoje e durante a qual foi dito e redito pela Oposição que este Governo não tem uma política de Defesa. Cavaco Silva rebateu, com argumentos fornecidos por uma «organização insuspeita». Mas certo, certo, ficou que, se o inimigo chegar pelo ar, a nossa capital não escapará. «Um «raid» aéreo sobre Lisboa não poderia ser convenientemente detectado, nem interceptado, nem neutralizado» — Jaime Gama dixit.

Pág. 3

## Defesa e desenvolvimento

A iniciativa parlamentar do Partido Renovador Democrático de interpelar o Governo sobre questões de Defesa Nacional teve, sem dúvida, o mérito de chamar a atenção da opinião pública para um problema importante e de actualidade, na medida em que os debates parlamentares são acompanhados. Há, reconheçamo-lo, um certo cansaço relativo a debates que atingem veemência polémica e não visam o esclarecimento dos cidadãos. Mas, neste caso, parece ter feito caminho uma ideia simples: a de que «Defesa Nacional» não é a mesma coisa do que «defesa militar».

Estamos perante um conceito global que abrange, a par dos aspectos militares, questões como a segurança das populações e do território, o desenvolvimento económico, a cultura nacional. Hermínio Martinho, vice-presidente do PRD, recordou, oportunamente, que: «Não há defesa se alguns de nós, em particular os mais desfavorecidos, continuarem a sentir que a Pátria lhes é madrasta, que tudo se passa como se nela não tivessem lugar ou fossem a mais».

Com efeito, a defesa nacional terá que ser encarada na perspectiva integrada do desenvolvimento socioeconómico do País. O cidadão não pode considerar-se como não tendo lugar na Pátria, não pode sentir que ela lhe é madrasta. Terá que estar empenhado no desenvolvimento do País e terá que pensar, a partir da sua própria

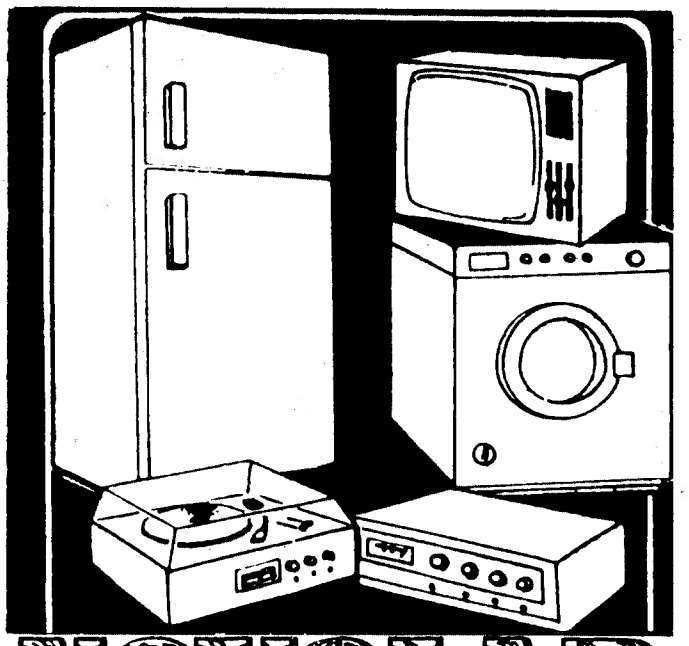
Continua na pág. 4

## ACUSA A TSF BASEANDO-SE NOS DOCUMENTOS EXISTENTES

# A Renascença não requereu frequências para emissões

Com base no requerimento apresentado pela Rádio Renascença a Anselmo Rodrigues, então secretário de Estado Adjunto do Ministro de Estado, Emídio Rangel, da Cooperativa TSF, afirmou esta manhã em conferência de Imprensa que a emissora católica portuguesa não está a utilizar as frequências de acordo com os objectivos e justificações apresentados.

pág. 9

NOVOLAR

TUDO PARA O LAR

R. Ferreira Borges, 139-143 68 79 28

R. Correia Teles, 1-3 68 68 16

Campo d'Ourique LISBOA

*A questão da irresponsabilidade dos titulares de cargos públicos*

# O QUE ALEGA O PROVEDOR DE JUSTIÇA NO DOCUMENTO ENVIADO AO TC

**A Agência Lusa retoma hoje, no seu serviço noticioso, a informação dada ontem pelo «DL» relativa ao pedido de apreciação e verificação de inconstitucionalidade por omissão apresentado pelo Provedor de Justiça ao Tribunal Constitucional, a propósito da questão levantada pelo dr. Francisco Salgado Zenha relativa à irresponsabilidade penal dos titulares de cargos políticos por actos praticados no exercício das suas funções.**

Recorda-se que a inconstitucionalidade por omissão só pode ser requerida pelo Presidente da República ou pelo Provedor de Justiça.

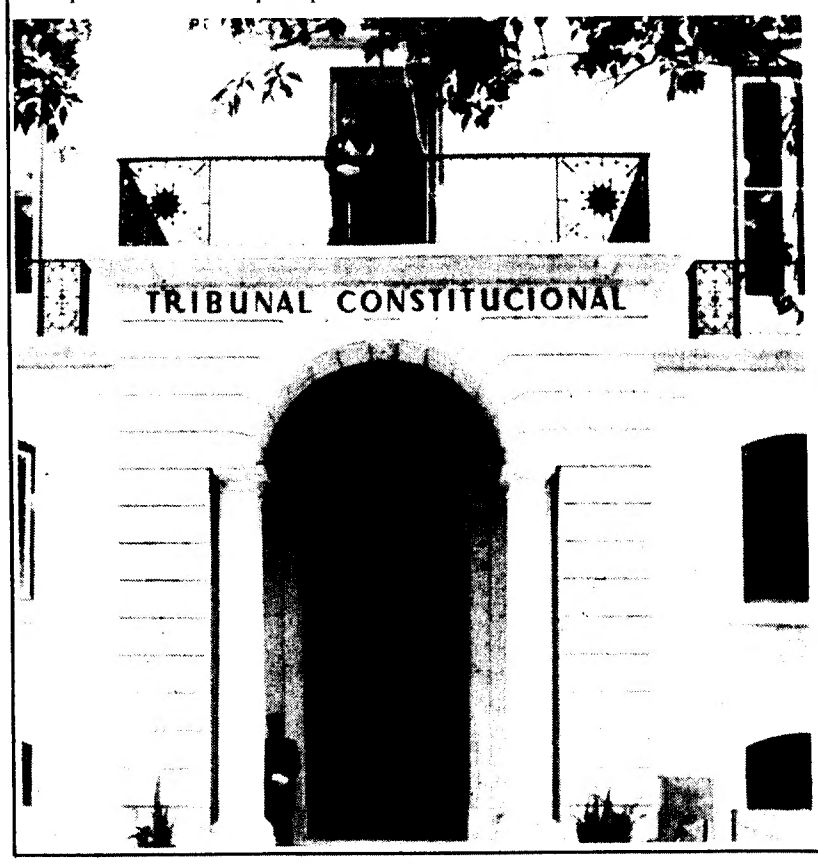
No caso actual está em causa a necessidade de serem tomadas medidas legislativas que tornem exequível o Art.º 120, n.º 3, da Constituição.

Segundo o documento enviado ao Tribunal Constitucional, e do qual o «DL» tem desde ontem conhecimento, o Provedor de Justiça, dr. Ângelo Almeida Ribeiro, considera que: «O Artigo 120.º n.º 1 da Constituição reconhece o princípio geral da responsabilização criminal dos titulares de cargos políticos por actos cometidos no exercício das suas funções e o n.º 3 do mesmo artigo prevê a publicação de uma lei sobre os crimes de responsabilidade, sanções aplicáveis e seus efeitos. A competência legislativa sobre esta matéria é da Assembleia da República nos termos dos Artigos 167.º alínea g) e 168.º, n.º 1, alínea c).»

Na realidade, como acentuou o Provedor de Justiça: «Embora a previsão da publicação da lei sobre os crimes de responsabilidade remonte ao texto originário da Constituição e o primeiro regimento da Assembleia da República (D.A.R. n.º 16 suplemento de 31/7/76) tivesse incluído aquela lei entre o elenco das que teriam prioridade sobre quaisquer outras e seguiriam o processo de urgência (artigos 251.º e 252.º, alínea b), a Assembleia da República ainda não promoveu iniciativa no sentido da sua publicação.»

«Por outro lado, a tutela dos interesses ofendidos pela prática dos crimes de responsabilidade dos titulares de cargos políticos não poderá efectivar-se pela aplicação da Lei n.º 266.º, de 27 de Julho de 1914, a qual, para além de ter um âmbito subjectivo mais restrito do que o previsto no artigo 120.º n.º 3 da Constituição, deve considerar-se revogada por duas rupturas constitucionais sucessivas — a Constituição de 1933 e a Constituição de 1976, que implicaram alterações radicais na Constituição financeira e nas relações entre o Governo e a Assembleia — no confronto com o regime da Constituição de 1911 (art.º 55.º e 85.º) em que se fundamentava a lei n.º 266.º.

«Com base neste entendimento — como sublinha o Provedor de Justiça — foi arquivada em 10/10/86 no 2.º Juízo Correccional do Tribunal Criminal da Comarca de Lisboa uma queixa-crime contra incertos apresentada pelo Senhor Dr. Francisco Salgado Zenha (ora reclamante no processo deste Serviço que deu origem a este requerimento) e que se fundamentava na violação do artigo 13.º da Lei n.º 266.º.»




E o documento prossegue: «Da não publicação de uma lei geral reguladora dos crimes de responsabilidade decorrem algumas consequências graves, que merecem especial evidência: a) — em primeiro lugar, os titulares de cargos políticos respondem como qualquer cidadão pelos crimes praticados no exercício das suas funções previstos no Título V, capítulos I e II do Código Penal, sendo a qualidade do agente relevante apenas para determinação da medida da pena nos termos do seu Artigo 72.º; b) — em segundo lugar, e na falta de publicação da lei especial a que se refere o Artigo 437.º n.º 2 do Código Penal (que deverá ser necessariamente a dos crimes de responsabilidade) os titulares de cargos políticos não estão abrangidos por nenhum dos crimes constantes do capítulo IV do Título V — actualmente apenas aplicáveis a funcionários públicos — e nos quais se incluem a corrupção, peculato, abuso de autoridade, violação de segredo e abandono de funções; c) — em terceiro e último lugar, a falta de incriminação legal de outras condutas lesivas dos interesses do Estado ou de particulares, que são exclusivas do exercício de funções políticas (na Lei n.º 266 previstas, nomeadamente, nos Artigos 9.º 12.º e 13.º) implica também a sua não punibilidade actual, quando é certo que o alargamento do campo da intervenção do Estado e das correlativas competências atribuídas aos titulares de cargos políticos tem como consequência inevitável a necessidade da futura lei sobre crimes de responsabilidade tipificar um mais variado elenco de condutas puníveis.»

Consequentemente:

«Verificam-se neste caso os três pressupostos exigíveis para o funcionamento do instituto da inconstitucionalidade por omissão: a) — O não cumprimento da Constituição deriva da violação de uma norma constitucional — o Artigo 120.º n.º 3; b) — Esta norma constitucional não é exequível por si mesma, não só porque remete a sua efectivação para lei futura como ainda porque o princípio da legalidade (Artigo 19.º n.º 2 da Constituição), na sua vertente da tipicidade, exigiria sempre a definição por lei da conduta punível e da respectiva pena; c) — O juízo sobre o tempo em que a lei sobre os crimes de responsabilidade deveria ser publicada também inculca no sentido da necessidade de tal lei e da obrigação do legislador a ter já produzido; aliás, a consciência da necessidade de tal lei e da sua urgência é também partilhada pelo órgão legislativo competente, como decorre das disposições do Regimento da Assembleia da República citados no ponto 3.º.»

A declaração da inconstitucionalidade por omissão obrigará a Assembleia da República a tomar as adequadas e urgentes medidas legislativas que ponham termo à presente situação de imoralidade pública.

JOVENS PROBLEMAS...

*Luís Filipe Monteiro*
*15 anos,*
*paquete numa agência de seguros*

# "Agora até assassinam os taxistas"

**Como é que te tornaste paquete?**
— Estava a fazer o 9.º ano e chumbei. E como o outro paquete que havia na agência se matou, o meu pai, que trabalha lá, meteu-me a trabalhar.
**Castigo?**
— Sim e não. Talvez tenha sido castigo por eu não estudar, mas também foi para não andar aí sem fazer nada.
**Vais desistir de estudar?**
— Não, para o ano que vem vou continuar, no nocturno. O meu pai diz que a minha vida assim não dá.
**E está a fazer-te bem, trabalhares?**
— Sim. Tenho evoluído, vou amadurecendo. Conheço muita gente, pessoas mais velhas e aprendo com elas.
**Estás agora com pressa de amadurecer, é?**
— Quanto mais cedo melhor. Tem-se mais conhecimentos, surgem outras oportunidades.
**Diz-me lá porque é que não gostavas de estudar?**
— Não tenho paciência para ficar a olhar para um livro.
**Preferes a acção e o movimento?**
— Sim, gosto de ter uma vida agitada. O desporto é que me interessa.
**Não havia disciplina alguma que te motivasse?**
— Só a Matemática e a Física-Química não eram coisas mortas. As melhores notas tive-as sempre nessas duas.
**Lisboa já tem demasiada confusão ou está bem assim?**
— Não, está a ficar mal, há muitos assaltos e ataques a pessoas. Agora até assassinam os taxistas. Mas o pior é mesmo à noite, e à noite ando sempre perto de casa, com os amigos, para passar o tempo.
**As pessoas que precisam de «passar o tempo» não são as que andam um bocado aborrecidas?**
— Bom, tu sabes que o trabalho de um paquete torna-se numa rotina. Nos tempos livres o que eu quero é divertir-me.

*Parlamento: interpelação sobre Defesa*

# GOVERNO INVERTE ESTRATÉGIA EM DEBATE QUE FICA AQUÉM DAS EXPECTATIVAS

Aurea Sampaio

**Entre a intervenção do ministro Fernando Nogueira, quase no início da interpelação do PRD sobre política de defesa, e o discurso final de encerramento feito pelo Primeiro Ministro não vai só um percurso de várias horas. Pelo meio fica a inversão de toda a estratégia que o Governo e a bancada parlamentar que o apoia tinha delineado para este debate.**

O Executivo esperava que, ante as «expectativas» criadas pelo PRD a propósito desta interpelação, os renovadores chegassem ao hemiciclo e tirassem da manga, qual passe de mágica, um novo modelo de política de defesa alternativo ao que tem vindo a ser adoptado. Certos ainda de que os renovadores jogavam uma cartada política fundamental, os sociais-democratas aguardaram com impaciência mal disfarçada pelos sucessivos silêncios que, do partido liderado pelo general Eanes, surgisse um pacote de leis que desse corpo a esse tal modelo.

Não é, pois, de estranhar que o Governo tenha partido para esta interpelação com um objectivo: tentar minimizar a sua importância ou, quando muito, reduzi-la a um mero confronto entre o PS e o PRD pela hegemonia da liderança da oposição.

Só neste sentido se compreendem estas palavras de Fernando Nogueira: «O PRD ao interpelar o Governo e ao dramatizar o que deve ser um acto normal em democracia parlamentar, não estava tanto a questionar o Governo, mas antes a procurar mostrar ao país que a oposição mais forte era a do PRD»; ou, ainda, uma outra passagem do discurso do mesmo ministro que lamentava o facto de o «Parlamento continuar a ser palco e os portugueses espectadores de uma luta que se trava no seio da chamada oposição de esquerda e que tem como objectivo claro a disputa pela liderança de um mesmo espaço político».

## Estratégia isolacionista

Só quando se certificam de que não há nada escondido na manga dos renovadores é que as hostes governamentais se apercebem do desaire político a que o debate os estava a conduzir. Inverte-se a estratégia: Cardoso Ferreira, um proeminente social-democrata na comissão parlamentar de Defesa, aliás também membro do Conselho Superior de Defesa Nacional, cuja intervenção estava prevista, prescinde e avança Angelo Correia. Este deputado tem uma única preocupação: demonstrar que «há um amplo consenso» entre o PS, PSD e CDS quanto ao «modelo» a seguir em matéria de defesa. Pretende-se assim quebrar a estratégia isolacionista em que o Governo (inadvertidamente?) se tinha colocado e que, segundo alguns, «se estava a revelar perigosa» se se tiver em conta as recentes derrotas sofridas no Parlamento.

Não se estranhe, pois, que, passado o «susto» de uma grande ofensiva do PRD, seja um Cavaco Silva quase eufórico a encerrar o debate — o que, de resto, inicialmente não estava previsto.

## Os números de Cavaco

O Primeiro Ministro, aliás, veio partilhar algumas das teses dos renovadores ao afirmar que o desenvolvimento económico é condição essencial para desenvolver «com eficácia a política de defesa nacional». E como que para demonstrar que o Governo prossegue neste caminho atira com uma série de dados fornecidos por uma «organização insuspeita» como a OCDE; «o crescimento do produto foi zero na Grécia, 1,5% na Irlanda, 3% em Espanha, enquanto que em Portugal atingiu 4, 25%»; a mesma organização refere que «o nosso superavit nas contas externas representou 5,7%, quando países como a Grécia, a Irlanda, a Dinamarca e a Noruega registaram deficits que vão de 1,8 a 6,8%».

Depois vem a pergunta: «Será que estes países não disfrutaram da mesma conjuntura internacional? Ou será que se situam noutro planeta, onde não há petróleo, em que não circula o dólar e onde não se praticam taxas de juro!?».

Ao evidente divertimento de Cavaco ao ler o seu discurso, em certas partes quase soletrado enquanto ia bebendo goles de água, juntavam-se os sorrisos abertos de Pedro Santana Lopes e de Durão Barroso na zona da galeria reservada ao Governo. Cavaco era o último a falar.

## Durante a madrugada

Para trás ficou um debate que talvez se esperasse mais interessante. De facto, só altas horas da madrugada surgiram intervenções como a da renovadora Ana Gonçalves que nos vem dar o quadro preocupante do sentimento juvenil face ao país em que vive: 68,5 % dos jovens entre os 15 e os 24 anos manifesta indiferença pelo nosso país ou, «indo mais longe, anseia pela troca das fronteiras portuguesas por outras». Ou ainda a de um outro deputado do PRD, Tiago Bastos, que nos apresenta esquemas no domínio da cooperação para resolver problemas ligados ao cumprimento do serviço militar obrigatório; ou de Glória Padrão tocando os vectores culturais «tanto nos objectivos permanentes como nas estratégias» de defesa.

No fundo, o essencial do debate redundou no dissecar do vector militar da defesa que se afirmou como sendo a sua componente essencial.

Aqui, destaque para um ponto em que houve a unanimidade das oposições: «o Governo não tem política de Defesa Nacional» e «nem se quer existe um Ministério da Defesa». Disse-o Magalhães Mota, corroboraram-no de uma forma ou de outra quase todos os intervenientes.

Em discursos sucessivos outros deputados da bancada dos renovadores apontaram ainda críticas às opções do Governo em áreas tão diversas como as da protecção civil, da dependência tecnológica e até quanto às relações de Portugal com a Nato. Marques Júnior manifestou ainda preocupação pelo facto de a Lei de Defesa Nacional «não salvaguardar da melhor maneira a subordinação das Forças Armadas ao poder político, evitando a sua instrumentalização política».

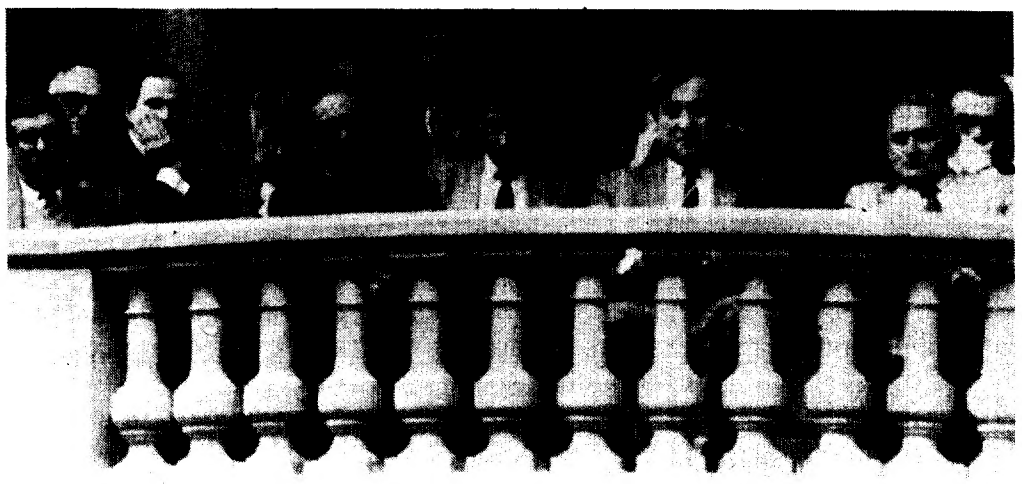
## Questões quentes

Para além de tudo isto o Governo viu-se confrontado com uma série de perguntas sobre questões «quentes» que têm dominado manchetes dos jornais e até noticiários internacionais. O PCP apresentou uma série de perguntas versando assuntos que vão da necessidade de definição do conceito de «inimigo interno», até ao «cerrado silêncio» no caso Irangate que envolve o nosso país no trânsito de armas norte-americanas para os «contras» da Nicarágua, ou ainda sobre os investimentos na compra das fragatas, mísseis e aviões A-7. A recente nomeação do general Soares Carneiro para o cargo de vice-CEMGFA suscitou também a curiosidade. A propósito, disse o Ministro da Defesa que o «processo foi transparente e simples». «Cabe ao Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas indicar o seu vice. Isso foi feito.O Governo apreciou a proposta e considerou que o candidato tinha um perfil digno e respeitado pelo que a fez seguir para o Presidente da República. O Chefe de Estado aprovou-a».

Quanto ao «Irangate», tanto Leonardo Ribeiro de Almeida como o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Pires de Miranda, reafirmaram várias vezes «que nenhum avião militar transitou pelo nosso país» com armas para os «contras». O Ministro da Defesa que a certa altura se referiu ao escândalo que tem abalado a administração norte-americana como «essa embrulhada», envolveu-se ainda numa acesa discussão com o socialista Jaime Gama a propósito da alegada «forma negligente» como este negociou, enquanto ministro da tutela, o acordo das Lages e a concessão de facilidades aos EUA para a instalação de uma estação de rastreio de satélites, em Almodovar.

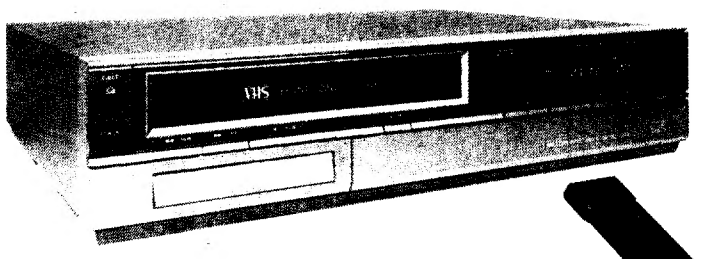
Jaime Gama que afirmou ser hoje «Portugal um país sem defesa»; «que um raid aéreo sobre Lisboa não poderia ser convenientemente detectado, nem interceptado, nem neutralizado», que «o assalto ou a tomada de um aeroporto numa ilha de um dos arquipélagos atlânticos não poderiam ser dissuadidos ou evitados»; que «uma ameaça naval à nossa frota mercante ou pesqueira, sobre a nossa zona económica excluiva, rotas de comércio, águas costeiras ou instalações portuárias, não poderia ser eficazmente contida».

Do balanço do debate deixamos a opinião do centrista Gomes de Pinho ao dirigir-se ao Ministro da Defesa: «V. Ex.ª privilegiou mais aquilo que nos divide do que nos une pelo que o Governo sai daqui mais isolado».



*Antigos conselheiros da Revolução seguiam atentamente os debates*

# VIDEOS-VHS
## com garantia



## a baixo preço
## 59.900$

**M. L. FERREIRA** RUA D. ESTEFÂNIA, 48-A 1000 LISBOA
CENTRO COMERCIAL AMOREIRAS - Loja 2098


S. R.

SECRETARIA DE ESTADO DO TURISMO

INSPECÇÃO-GERAL DE JOGOS

## ANÚNCIO

## CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA CONCESSÃO DA EXPLORAÇÃO DE JOGOS DE FORTUNA OU AZAR NA ZONA DE JOGO DE VIDAGO – PEDRAS SALGADAS

1. Nos termos do n.º 1 do art.º 1.º do Decreto Regulamentar n.º 73/86, de 23 de Dezembro, se declara aberto concurso público, pelo prazo de 60 dias, que terminará dia 6 de próximo mês de Abril, para a adjudicação da concessão da exploração de JOGOS DE FORTUNA OU AZAR NA ZONA DE JOGO DE VIGADO – PEDRAS SALGADAS, cujo prazo se iniciará na data em que principiar a exploração dos jogos de fortuna ou azar e terminará em 31 de Dezembro do 25.º ano porterior e nas condições referidas no citado decreto regulamentar e nos Decrètos-Leis n.º 48 912, de 18 de Março de 1969, e n.º 372/85, de 19 de Setembro e na Portaria n.º 30/87, de 16 de Janeiro.
2. As propostas, a remeter sob registo dos CTT e obedecendo aos requisitos constantes do mencionado decreto regulamentar, serão dirigidas a Sua Excelência o Secretário de Estado do Turismo e apresentadas em sobrescrito duplo: o sobrescrito interior, lacrado e mencionando exteriormente a identificação e endereço do proponente, conterá unicamente a proposta propriamente dita; o sobrescrito exterior, fechado, lacrado e endereçado à Inspecção-Geral de Jogos, sita na Av. D. Carlos I n.º 146, 1.º-Dt.º, 1200 Lisboa, referirá o concurso a que respeita e terá capacidade para nele serem encerrados, em condições de não serem danificados à abertura, não só o atrás referido sobrescrito interior, como também os documentos mencionados nas alíneas *a)* e *f)* do n.º 1 do art.º 6.º do mencionado Decreto Regulamentar n.º 73/86, para além do requerimento a que alude o n.º 1 do art.º 1.º do mesmo diploma legal.
3. Na Inspecção-Geral de Jogos se prestarão aos interessados os esclarecimentos que solicitem e serão emitidas guias respeitantes aos depósitos a que alude a alínea *c)* do n.º 1 do mencionado art.º 6.º.
4. A abertura das propostas para efeito de apreciação das condições de admissão dos concorrentes realizar-se-á na Inspecção-Geral de Jogos, em acto público, dia 9 DE ABRIL próximo pelas 16 HORAS.
5. No dia 24 DE ABRIL próximo, proceder-se-á também na Inspecção-Geral de Jogos e à mesma hora, à abertura dos envelopes dos concorrentes que não hajam sido excluídos e que contenham as propostas propriamente ditas.

Inspecção-Geral de Jogos, 23 de Janeiro de 1987

O INSPECTOR-GERAL
*A. M. E. da Silva Ferreira*


**GRUPO EM FORMAÇÃO CREDORES DA**

**CAIXA ECONÓMICA FAIALENSE**

**Reunião em 11 Fev. às 17 h na R. Cap. Ramires, 3 - 5.º esq.º Lisboa. Interessados avisar presença pelos CTT ou T. 534636**

Lisboa cidade limpa


*Debate em Lisboa sobre Médio Oriente*

# IS PREPARA CONFERÊNCIA DE PAZ E CONDENA PRESENÇA DOS EUA

**A condenação do envio de porta-aviões pelos EUA para junto do Líbano, o embargo imediato de todos os fornecimentos de armas ao Irão e Iraque e a decisão de se avançar na realização de uma conferência internacional de paz para o Médio Oriente, «sem condições prévias» e com «todas as partes interessadas»(incluíndo a OLP e a URSS, cuja participação é contestada por Tel-Aviv e Washington), foram as principais conclusões da reunião de Lisboa da comissão permanente da Internacional Socialista.**

Hans-Juergen Wischnewsky dirigente do SPD alemão-federal, tornou públicas, ontem ao fim da tarde, as conclusões da reunião a que presidíu, juntamente com Jorge Sampaio, responsável do PS para as relações internacionais. Sublinhou Wischnewsky que a situação no Médio Oriente «agravou-se consideravelmente nos últimos meses» e deu conta da decisão de envio, a partir de Setembro, de uma missão ao Médio Oriente para desbloquear a convocação de uma conferência internacional de paz para a região. A missão deverá visitar Israel, a Síria, a Jordânia, o Egipto e, «se fôr possível», o Líbano.

Respondendo à questão das reservas postas por Israel e pela administração Reagan à participação da URSS e da OLP na conferência, o responsável da IS frisou que ela deve ser convocada «sem condições prévias» e deve incluír «todas as partes interessadas, entre elas obviamente, a Organização de Libertação da Palestina». Indicou, a propósito, que a comissão decidíu, por unanimidade, convidar para a próxima reunião, a realizar no mês de Abril, em Roma, «personalidades palestinianas cuja representatividade é aceite por ambas as partes» envolvidas no conflito israelo-árabe.

### Porta-aviões não são «meio eficaz»

Referindo-se às concentrações de tropas norte-americanas junto à costa do Líbano, o dirigente da IS considerou que elas «não contribuem para tranquilizar a situação na região». Lembrou, na circunstância, que «as experiências recentes provam que os porta-aviões e os bombardeiros não são o meio mais eficaz para combater o terrorismo» e reafirmou as posições já tomadas pela IS sobre a matéria.

«Para acabar definitivamente com o terrorismo e com os sequestros, é preciso atacar as causas políticas da violência pelo diálogo e pela negociação política», salientou ainda Wischnewsky.

Numa resolução sobre a guerra do Golfo, aprovada pela comissão permanente da IS, é condenado o «crescente envolvimento das populações civis» e a «utilização de armas químicas e o envio de menores para a frente de combate». A resolução apela ainda para a organização de trocas de prisioneiros de guerra.

### OLP contra «pessoas anónimas»

O Médio Oriente esteve representado na conferência apenas por responsáveis israelitas, membros do Partido Trabalhista e do MAPAM. Segundo os organizadores, o Partido Socialista Progressista do Líbano não se fez representar por alegadas «dificuldades» com a actual situação no país.

Ilan Halevi, responsável da OLP para os contactos com a IS, esteve no hotel onde se realizou o encontro, para entrega de uma mensagem da sua organização. Em declarações aos jornalistas, Halevi disse que a mensagem apela à IS para que reconheça a OLP e abandone a política de falar com «pessoas anónimas».

Também Jorge Sampaio, ministro-sombra do PS para os Negócios Estrangeiros, presente(tal como Manuel Alegre) nos trabalhos da comissão permanente da IS, criticou a eventual intervenção militar norte-americana no Líbano, sublinhando que ela «complicaria ainda mais a situação que se vive no Médio Oriente».

### Almoço em Belém

Após a sessão final da manhã de ontem, os participantes foram recebidos em Belém pelo Presidente da República, Mário Soares, que lhes ofereceu um almoço. Jaime Gama, membro da comissão da IS para o Médio Oriente, foi igualmente convidado para o almoço presidencial.

*Aspecto da reunião de Lisboa da comissão permanente da Internacional Socialista, que registou a presença dos dirigentes do PS, Jorge Sampaio e Manuel Alegre*

# Defesa e desenvolvimento

Continuação da pag. 1

experiência, que esse desenvolvimento se realiza no sentido de promover o bem-estar, a saúde, a instrução, a prosperidade e segurança material, das mais largas camadas da população.

A estabilidade política e social e o desenvolvimento económico e social são condições essenciais da política de «Defesa Nacional».

O Primeiro-Ministro o reconheceu na sua intervenção no debate. Mas o afrontamento institucional e a permanente culpabilização da Assembleia da República, que são tónicas do discurso governamental, não contribuem para esse clima de estabilidade.

Por outro lado, a estabilidade social está comprometida por problemas como o desemprego, a falta de primeiro emprego, os salários em atraso, as carências dos pensionistas, reformados e idosos.

Não consideremos, portanto, satisfeita, no que a um conceito global de «Defesa Nacional» diz respeito, a condição de estabilidade social e esperemos que a estabilidade política seja possível com um mais forte enraizamento da vida democrática nos vários planos institucionais. DL

*Em entrevista à Lusa*

# CARRINGTON NÃO VÊ OBJECÇÕES À INTEGRAÇÃO DOS AÇORES NO IBERLANT

**O secretário-geral da NATO, Lord Carrigton, disse ontem em Bruxelas que não acredita que exista qualquer objecção à integração dos Açores na área do comando Iberlant da organização. A afirmação foi feita no decurso de uma entrevista dada ao correspondente da agência «Lusa», na capital belga, durante a qual revelou que a questão relativa a esta matéria fora já submetida ao Comando Supremo Aliado do Saclant, que ainda não respondeu.**

Lord Carrington falou à «Lusa» na véspera da partida para Lisboa no cumprimento de uma visita oficial de dois dias a Portugal a convite do chefe do governo português. Durante a sua estada na capital, o primeiro responsável da NATO encontrar-se-à com o presidente da República, Mário Soares, com o primeiro-ministro, Anibal Cavaco Silva, com os ministros dos Negócios Estrangeiros e da Defesa, respectivamente, Pires de Miranda e Leonardo Ribeiro de Almeida, respectivamente, Pires de Miranda e Leonardo Ribeiro de Almeida, e, ainda, com os líderes de partidos.

A propósito da sua deslocação a Portugal, o entrevistado lembrou que o Governo português não deixará de querer falar aconsigo sobre a questão relativa à integração dos Açores no Iberlant. Nas suas declarações, o secretário-geral da NATO considerou que é bem possível que advenham para Portugal algumas consequências em resultado das negociações que se encontram em curso entre a Espanha e a OTAN para uma eventual atribuição de missões comuns de defesa àquele país, apesar da obrigação a que Madrid está sujeita, em consequência do referendo de não participar na estrutura militar integrada.

Interrogado sobre se a atribuição de missões de defesa à Espanha no triangulo Gibraltar-Baleares-Canárias (tal como é pretendido pelo governo espanha) poderia vir a afectar interesses portugueses, Lord Carrington considerou que tais missões, caso venham a ser atribuídas, assumiriam o carácter «de ajudas adicionais para a NATO, e não de substituições daquilo que existe». «O único prejuízo para Portugal e para os seus interesses, se assim se pode falar, só poderia ter resultado se a Espanha tivesse que se integrar na estrutura militar integrada, na medida em que, dessa forma, teria de existir um rearranjo das fronteiras da NATO e isso poderia, provavelmente, afectar Portugal e o conjunto da área», acrescentou o entrevistado.

### Portugal: fiel aliado

O repórter da «Lusa» perguntou entretanto a Carrigton se Portugal tem condições de assumir missões comuns de defesa, já que «o dinheiro é um factor limitativo». «Penso que não é a participação que está em causa, na medida em que os governos de Portugal, independentemente da sua tendência, sempre tentaram ser os melhores aliados e fazer o melhor», respondeu o número um da NATO. Sublinhou ainda que «é bastante difícil fazer melhor se os recursos são limitados - como é o caso».

Carrington disse que, «pessoalmente», sempre tentou, desde que é secretário-geral da NATO, «encorajar os países membros mais ricos a ajudar os portugueses em termos de modernização de forças». E concluiu: «Alguns ajudam um pouco, mas gostaria muito de ser capaz de persuadir os outros a fazer algo para ajudar Portugal». Disse, a propósito, que «será dificíl obter muito mais dinheiro do que aquele que obtemos actualmente». «Infelizmente, em quase todos os países europeus, e também nos Estados Unidos, existem problemas económicos e governos preocupados com as despesas em defesa e em ajudas a outros países», acrescentou Lord Carrrigton.

*Por causa do açúcar*

## Governo dos Açores em conversações com a CEE

O secretário regional da Agricultura e Pescas do Governo açoriano, Adolfo Lima, vai deslocar-se a Bruxelas para tratar de assuntos ligados ao açúcar e pescas.

Em declarações à «Lusa», Adolfo Lima disse que o Governo dos Açores deseja rever com a Comunidade Económica Europeia o preço de intervenção dos excedentes de açúcar produzidos pela fábrica de Ponta Delgada. Presentemente, revelou, a quota estabelecida à fábrica é de 20 mil toneladas por ano, mas o consumo interno não ultrapassa as 9 mil, pelo que há necessidade de apoio comunitário para as restantes 11 mil toneladas, considerado indispensável para a sua viabilidade.

O Governo dos Açores entende que o preço de intervenção da CEE estabelecido para Portugal não teve em conta a realidade açoriana, ou seja, a pequenez do mercado e os custos mais altos de laboração em relação ao continente.

# UDP reactiva-se para o 7.º Congresso

A UDP vai realizar o seu sétimo Congresso de 30 a 31 de Maio, em Lisboa, anunciaram em conferência de imprensa os dirigentes daquele partido, Mário Tomé e Carl;os Marques, que referiram a existência de «uma situação política aguda em que os males do povo português se estão a gravar». Estes dirigentes afirmaram que «há demagogia do Governo, recuos, o não avançar com algumas medidas, designadamente o pacote laboral», prevendo a possibilidade de eleições antecipadas, mas há também «repressão nas empresas, salários em atraso, trabalho precário e de crianças e aumento do desemprego».

Mário Tomé e Carlos Marques lembraram que «quando os estudantes começam a mexer é sinal de que algo vai mal»

Afirmaram, por outro lado, que a situação de manutenção da dívida externa é conjuntural porque basta que o dólar ou o petróleo subam para que ela dispare.

Na opinião da UDP, Portugal não é hoje um País livre, porque «tem uma dependência terrível, quer económica, quer política e está hipotecado a interesses estrangeiros»

Os dirigentes da UDP apontaram a necessidade de defesa da liberdade, o que tem a ver com a oposição à lei de segurança interna, ao código penal e à alteração da lei eleitoral, à saída da NATO e da CEE, à defesa dos postos de trabalho, ao pagamento dos salários em atraso, à concessão de subsídio de desemprego a todos os desempregados.

No âmbito da preparação do Congresso vão ser estabelecidos contactos com não militantes da UDP para auscultar a sua opinião sobre os problemas que vão estar em debate. Assim, está convocado para os dias 27 e 28 de Março próximo, um encontro nacional sobre saúde e encontros regionais sobre associativismo local, bem como um ciclo de colóquios sobre o tema geral da independência nacional.

Mário Tomé e Carlos Marques disseram não se saber ainda o número exacto de delegados, que depende do recenseamento aos militantes da UDP, ainda em curso. Salientaram no enbanto que não há delegados por inerência, devendo todos ser eleitos em núcleos de base. No caso de qualquer membro do Conselho Nacional não ser eleito poderá participar e intervir no Congresso mas sem direito a voto.


# Declaração de Rendas

**A Direcção Geral das Contribuições e Impostos informa:**

A actualização das rendas dos prédios urbanos efectuada em 1986 implica por si só, a obrigatoridade de ser apresentada a respectiva **declaração** nas repartições de finanças, o que, a verificar-se em Janeiro, acarretaria incómodo acrescido para os contribuintes.
Assim, por motivos conjunturais, a apresentacão das respectivas **Declarações de Rendas** abrangerá **todos** os prédios urbanos, (total ou parcialmente arrendados, ou em sublocacão) mas deverá este ano efectuar-se excepcionalmente no decurso de **Fevereiro**, ainda que se não tenham verificado alteracões em 1986.
A Declaracão é obrigatória mesmo para os arrendamentos sazonais, de termas, de praias, etc.
Concebeu-se um **novo** impresso onde os dados a apresentar são os mesmos que anteriormente, mas agora com identificação do número fiscal de contribuinte.
**Porém, se os inquilinos não mudaram, os declarantes estão dispensados de repetir o preenchimento dessa coluna.**
Não há portanto uma **nova** obrigação, mas tão somente um **novo impresso**, e as declarações este ano não são entregues em Janeiro mas sim em Fevereiro.
O actual modelo de Declaração visa facilitar a implementação de tratamento informático com vista à Reforma Fiscal, designadamente identificando os verdadeiros titulares do direito aos rendimentos dos prédios, quando estes se encontrem em regime de compropriedade, ou façam parte de herança indivisa.
Os novos impressos já estão à venda nas respectivas Tesourarias, bem como nos habituais postos de venda.
Sendo indispensável o Imposto Único com taxas moderadas, impõe-se conhecer todos os rendimentos e os respectivos contribuintes.

**Até final de Fevereiro**

**CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS**

# AVISO

**Concurso público para arrematação do direito de ocupação de um «rondável», sito no Parque Municipal de Oeiras**

Caução provisória — 10 000$00

Local, dia e hora limite para entrega das propostas — Serão remetidas pelo correio, sob registo e com aviso de recepção, à Câmara Municipal de Oeiras, até às 17.00 horas do dia 19 de Março próximo.

Local, dia e hora do acto público do concurso — Sala das Reuniões da Câmara, pelas 10.00 horas do dia 20 de Março próximo.

Local e horário para exame do processo — Câmara Municipal de Oeiras — 8.ª Secção da Secretaria, durante as horas normais de expediente.

Oeiras, Paços do Concelho, em 26 de Janeiro de 1987.

**O Presidente**
**Isaltino Morais**

*Coimbra volta hoje às aulas*

# GREVE EM LETRAS: 100% DE ADESÃO

**REGISTA uma adesão de 100 por cento a greve que as Faculdades de Letras de Lisboa, Porto e Coimbra ontem realizaram. As duas primeiras Faculdades continuam em grevbe, a de Coimbras limitou-se ao dia de ontem.**

«Houve suficiente abertura do conselho científico para a resolução» dos problemas que afectam os alunos — segundo disse à Lusa um dirigente ntais em debate: urgências, desemprego e a proposta de «uma nova grelha salarial para médicos» separada da Função Pública.

Mário Jorge disse ainda que nessa reunião serão adoptadas «as formas de luta julgadas convenientes, não excluindo o recurso à greve», na sequência do conflito que tem oposto o Sindicato à ministra da Saúde.

### PSD: hospitais poderão funcionar melhor

O secretário-geral do PSD afirmou ontem em Lisboa que os hospitais centrais poderão funcionar melhor. Dias Loureiro dava conta, ao exprimir-se assim, da conclusão a que chegara a Comissão Permanente social-democrata sobre a necessidade de nomeação dos gestores hospitalares pelo Governo. Segundo ele, para os hospitais funcionarem melhor.

O secretário-geral do PSD criticou a não ratificação pelo Parlamento do decreto sobre aquela matéria e considerou que os hospitais «podem e devem funcionar melhor para servir melhor os seus utentes», acrescentando que uma maneira de o conseguir é responsabilizar os gestores hospitalares perante o Governo, que dirige a Administração Pública.

Falando aos jornalistas no decurso da reunião da Comissão Permanente daquele partido, Dias Loureiro criticou particularmente a posição de recusa de ratificação assumida pelo PS, sublinhando que o ministro socialista do anterior Governo tinha um projecto para que os gestores hospitalares fossem nomeados pelo governo.

O secretário-geral do PSD acusou o PS de teimar em acertar o passo pelo PCP e pelo PRD. Para Dias Loureiro, a recusa de ratificação do decreto de Leonor Beleza sobre Gestão Hospitalar significa que a oposição entendeu que tudo deve continuar na mesma.

## JSD acusa: ministro semeia agitação

A Juventude Social Democrata acusou o ministro da Educação de «estar a lançar as sementes da agitação e a eternização dos conflitos».

O editorial do «Jovem Reformista», orgão oficial da JSD, publicado dia 4, afirma que «o maior Ministério deste país tem de repensar a sua estratégia: uma actuação a prazo para as mudanças estruturais, uma acção inteligente a curto prazo, por forma a corrigir correcções conjunturais».

A JSD refere que «de nada servem as declarações de boa vontade contra os regimes de prescrições e precedências», acrescentando que «soam a falso as propostas sobre a reestruturação dos cursos superiores de Letras».

«Não aceitamos posições de duvidosa credibilidade. Estamos habituados à credibilidade», conclui o editorial.

### JCP: apelo aos militantes

O secretariado da Direcção Central do Ensino Superior da Juventude Comunista Portuguesa apelou aos seus militantes para que contribuam de forma decisiva para a unidade e mobilização estudantil «na luta em defesa dos seus direitos e por uma Universidadef ao serviço da Democracia e do Desenvolvimento».

«Num momento em que a situação do Ensino Superior se caracteriza pelo aumento de elitização e da selectividade no acesso, nomeadamente através de um Numerus Clausus inqualificável, pelo corte de verbas, pelos favores às Universidades Privadas, pela tentativa de impor Precedências e Prescrições e outras medidas anti-pedagógicas, pela insegurança no futuro profissional, a luta dos estudantes de Letras assume particular importância pelos exemplos de unidade e mobilização de factores estes, que são fundamentais para a defesa dos interesses e direitos estudantis».

## Monomotor "Sagres" retido pelo mau tempo na China

O monomotor «Sagres», já com o «aileron» reparado, encontra-se, ainda, retido no aeroporto de Kunning, China, devido ao mau tempo.

O comandante Jorge Cruz, disse à Lusa que é sua intenção descolar logo que o tempo melhore, e que a tripulação está ansiosa por chegar a Macau.

Segundo Jorge Cruz, a calendarização do programa da viagem inicial teve que ser «consideravelmente alterado devido a uma série de vicissitudes de toda a ordem».

O «Sagres» prepara-se para a última etapa em direcção a Macau, onde há 63 anos foram recebidos pela população os pioneiros do voo Lisboa-Macau, Beires, Pais e Gouveia.

## Terrorismo e droga levam Eurico de Melo a Espanha

A cooperação com Espanha na luta contra o terrorismo e o tráfico de drogas, são os principais temas em agenda, na visita oficial que o ministro da Administração Interna realiza na próxima semana a Madrid — disseram fontes oficiais espanholas.

As mesmas fontes referiram que outras áreas de segurança serão também abordadas no encontro entre Eurico de Melo e o seu homólogo espanhol José Barrionuevo, durante a visita que decorre de 8 a 11 de Fevereiro.

O ministro português, que será acompanhado por responsáveis dos diversos corpos de segurança, isitará instalações da Guarda Civil, em Madrid, e a Academia da Polícia Nacional, em Ávila..

Os dois ministros abordarão também questões de cooperação nas áreas fronteiriças da sua competência, bem como a problemática da emigração portuguesa em Espanha.

## Acesso ao Ensino Superior

O prazo das inscrições para o exame extraordinário de avaliação de capacidade para acesso ao ensino superior decorre de 9 a 24 do corrente.

As inscrições devem ser feitas nas delegações distritais do Gabinete Coordenador do Ingresso no Ensino Superior do distrito de residência do candidato.

*Nos hospitais de S.José e St.ª Maria*

# "É IMPOSSÍVEL GARANTIR A ASSISTÊNCIA MÉDICA

## — diz Sindicato dos Médicos do Sul

**«É impossível garantir a assistência médica» nos Hospitais Civis de Lisboa e em Santa Maria, segundo o Sindicato dos Médicos da Zona Sul, cuja direcção promoveu uma conferência de Imprensa em Lisboa, como o «DL» noticiou na sua edição de ontem.**

O Sindicato dos Médicos da Zona Sul congratulou-se com a «derrota parlamentar» averbada pela ministra da Saúde, Leonor Beleza, e o director-geral dos Hospitais, Jacinto de Magalhães, anunciando nova assembleia dos seus filiados a 11 de Fevereiro.

Souto Teixeira, um dos 16 chefes de equipa de triagem dos Hospitais Civis que anunciaram o seu propósito de se demitir, assegurou que a falta de pessoal dos Bancos de Urgência pode «pôr em risco a vida» de quem hoje necessita daqueles serviços.

O médico assegurou estar mandatado pelos seus colegas para confirmar que os 16 se demitirão no próximo dia 19, se até lá não tiverem recebido respostas às condições que, colocaram.

Dessas exigências, a principal é a de que sejam «melhoradas as degradantes condições de trabalho para níveis aceitáveis por nós».

Mário Jorge, vice-presidente do Sindicato dos Médicos, congratulou-se com a rejeição no Parlamento do decreto-lei sobre gestão hospitalar, acrescentando que a Assembleia da República «impediu, assim, a aplicação de uma gestão gravosa dos hospitais e a designação de comissários políticos para administradores».

Quanto à Assembleia de Médicos marcada para dia 11, terá três pontos fundamentais em debate: urgências, desemprego e a proposta de «uma nova grelha salarial para médicos» separada da Função Pública.

Mário Jorge disse ainda que nessa reunião serão adoptadas «as formas de luta julgadas convenientes, não excluindo o recurso à greve», na sequência do conflito que tem oposto o Sindicato à ministra da Saúde.

### PSD: hospitais poderão funcionar melhor

O secretário-geral do PSD afirmou ontem em Lisboa que os hospitais centrais poderão funcionar melhor. Dias Loureiro dava conta, ao exprimir-se assim, da conclusão a que chegara a Comissão Permanente social-democrata sobre a necessidade de nomeação dos gestores hospitalares pelo Governo. Segundo ele, para os hospitais funcionarem melhor.

O secretário-geral do PSD criticou a não ratificação pelo Parlamento do decreto sobre aquela matéria e considerou que os hospitais «podem e devem funcionar melhor para servir melhor os seus utentes», acrescentando que uma maneira de o conseguir é responsabilizar os gestores hospitalares perante o Governo, que dirige a Administração Pública.

Falando aos jornalistas no decurso da reunião da Comissão Permanente daquele partido, Dias Loureiro criticou particularmente a posição de recusa de ratificação assumida pelo PS, sublinhando que o ministro socialista do anterior Governo tinha um projecto para que os gestores hospitalares fossem nomeados pelo governo.

O secretário-geral do PSD acusou o PS de teimar em acertar o passo pelo PCP e pelo PRD. Para Dias Loureiro, a recusa de ratificação do decreto de Leonor Beleza sobre Gestão Hospitalar significa que a oposição entendeu que tudo deve continuar na mesma.


PARA AS SUAS FÉRIAS

A POLÍCIA JUDICIÁRIA ACONSELHA:

2 - SE VAI PARA O ESTRANGEIRO, ADQUIRA DIVISAS APENAS NAS INSTITUIÇÕES DE CRÉDITO AUTORIZADAS A EXERCER O COMÉRCIO DE CÂMBIOS. Lembre-se: os passadores de notas falsas servem-se com frequência do mercado clandestino de divisas.

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

descentralização dos Serviços de Crédito à Habitação Própria

Continuamos uma descentralização que permite maior rapidez e comodidade ao utilizar os nossos serviços. Os assuntos relacionados com novos pedidos de crédito para aquisição de Habitação Própria passam, também, a ser tratados nas seguintes dependências:

**AMADORA**
Av. da República, 32-A e
Ruá Elias Garcia 362 A/C
2700 AMADORA
Tel. 494 87 31 - 493 78 22

**BARCELOS**
Praça de Pontevedra
4750 BARCELOS
Tel. 83 206

**CALDAS DA RAINHA**
Largo Dr. José Barbosa, 1
2503 CALDAS DA RAINHA
CODEX
Tel. 22480 - 25560

**CHAVES**
Bairro Aliança
5400 CHAVES
Tel. 22 170

**COVILHÃ**
Praça do Municipio
6200 COVILHÃ
Tel. 26 141/2

**ELVAS**
Rua da Cadeia
7350 ELVAS
Tel. 62 119 - 69 349

**ESTREMOZ**
Lg. da República, 34
7100 ESTREMOZ
Tel. 22 764

**FIGUEIRA DA FOZ**
Praça Luís de Camões, 25
3080 FIGUEIRA DA FOZ
Tel. 26 184/5

**GUIMARÃES**
Lg. do Toural, 88
4800 GUIMARÃES
Tel. 41 41 81 - 41 41 10

**LAMEGO**
Av. 5 de Outubro, 16
5100 LAMEGO
Tel. 62 847 - 62 014

**MIRANDELA**
Parque Império
5370 MIRANDELA
Tel. 22 104

**MONTIJO**
Rua José Joaquim
Marques, 64
2870 MONTIJO
Tel. 231 22 18

**MOURA**
Rua da República
7860 MOURA
Tel. 22 367

**OEIRAS**
Rua Comandante Cordeiro
Castanheira, 41 e 41 A
2780 OEIRAS
Tel. 243 16 51

**OLIVEIRA DE AZEMÉIS**
Av. Dr. António José de
Almeida, 364
3721 OLIVEIRA DE AZEMÉIS
CODEX
Tel. 62 006 - 64 106

**PORTIMÃO**
Rua Júdice Biker, 2
8500 PORTIMÃO
Tel. 26 151 - 24 251

**PÓVOA DE VARZIM**
Praça do Almada
4490 PÓVOA DE VARZIM
Tel. 62 46 34 - 62 43 46

**QUELUZ**
Rua António Enes, 17 A
2746 QUELUZ CODEX
Tel. 95 79 05

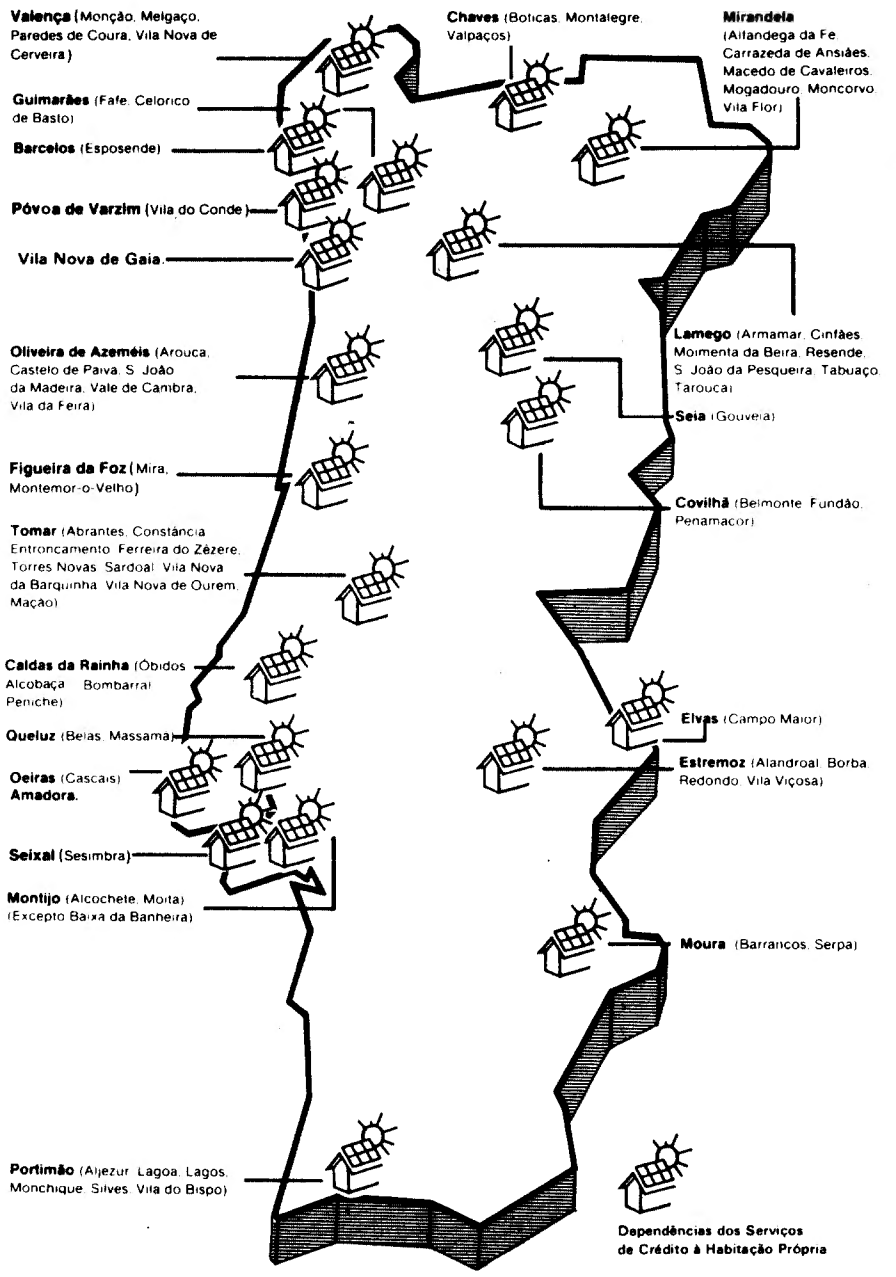
**SEIA**
Largo Marques da Silva
6271 SEIA CODEX
Telef. 22 119

**SEIXAL**
Largo dos Restauradores, 1
2840 SEIXAL
Tel. 221 28 88

**TOMAR**
Rua Serpa Pinto
2300 TOMAR
Tel. 32 135 - 31 766

**VALENÇA**
Rua Mouzinho de
Albuquerque
4930 VALENÇA
Tel. 22 311

**VILA NOVA DE GAIA**
Av. da República, 835
4400 VILA NOVA DE GAIA
Tel. 303 112




I/87 Ogilvy&Mather

*Julgamento principal das FP-25 suspenso até dia 26*

# TERMINARAM ALEGAÇÕES FINAIS DOS RÉUS E JUÍZES VÃO ELABORAR OS QUESITOS

**COM a audição dos últimos quatro reus — dois dos quais «arrependidos» — terminaram ontem, no Tribunal de Monsanto, as alegações finais dos arguidos no processo «FUP/FP-25», tendo sido fixada para 26 de Fevereiro a continuação da audiência, para leitura pública dos quesitos.**

A data para a leitura da sentença continua a ser uma incógnita e dependerá de eventuais reclamações da acusação e da defesa aos quesitos a ler, da resposta do Tribunal a tais eventuais objecções e do tempo que o colectivo, depois de as contemplar ou não, no todo ou em parte, leve a deliberar sobre o veredicto.

Ontem, enquanto alguns advogados admitiam a possibilidade de a sentença vir a ser conhecida em Março, outros, mais prudentes, adiantavam Abril/Maio como a data mais provável.

### «Intervenções delirantes»

Guedes Monteiro, um dos «arrependidos», disse ontem em Monsanto que o «Projecto Global» de Otelo — que a acusação identifica com as FP-25 degenerou pela intromissão de «marginais».

«O PG descambou porque a barreira que separava os operacionais de elementos marginais era muito ténue» — comentou Guedes Monteiro antes de adiantar:

«Enquanto uns faziam assaltos para a organização outros faziam-no para si próprios, com a DIMA (Direcção Militar) sempre a perguntar por dinheiros que deviam chegar-lhe e não lhe chegavam».

Ângelo Benevides, outro «arrependido», disse por sua vez que o Projecto Global era «um cadaver corrupto».

A justificar as razões que o levaram também a colaborar com a Justiça, Ângelo Fernandes Benevides evocou o congresso do Vimeiro, da fundação da FUP, em que disse ter participado e presenciado «intervenções delirantes».

Era como — referiu — «se as águas do Vimeiro estivessem inquinadas e fizessem as delícias de um especialista de psiquiatra forense».

«Em democracia a violência é descabida» — concluiu Ângelo Benevides.

«Antes, Guedes Monteiro, ao abordar tema semelhante, asseverou que «enquanto for necessária» a sua «colaboração para desmantelar o que resta da organização» continuará «sempre à disposição da Justiça».

Na sessão de ontem — a 254.ª — foram ainda ouvidos os reus Júlio Vitorino de Castro e José Moutinho Teixeira.

O primeiro evocou a sua actuação como paraquedista voluntário na então colónia em guerra da Guiné-Bissau, para rejeitar o perfil de terrorista que lhe querem aplicar, e o segundo apenas alegou «não se encontrar no uso de todas as faculdades físicas e psíquicas» para poder usar da palavra em sua defesa.

Moutinho Teixeira disse que não está ainda recuperado da lesão na coluna sofrida no acidente ocorrido com a viatura da PJ que o transportava do Porto para Lisboa logo após a sua prisão em Junho de 84. Até agora ainda não foi tratado.

## Explosão de gás numa residência

O rebentamento de um termoacumulador danificou ontem de manhã parcialmente duas dependências de uma casa de habitação, em Coimbra, mas só um dos moradores, uma mulher de 80 anos, sofreu ferimentos ligeiros.

As paredes da casa de banho, onde se encontrava o termoacumulador, ruíram, bem como uma do quarto onde dormia a mulher ferida. Um cão que na altura vagueava pela casa morreu devido à explosão.

O rebentamento ocorreu por volta dos 8h00, altura em que ainda não se encontrava de pé qualquer dos cinco moradores.

Acorreram ao local meios da companhia de Bombeiros Sapadores de Coimbra e dos Bombeiros Voluntários, os quais se ocuparam da remoção dos destroços.

O termoacumulador estava a funcionar há mais de 10 anos, sem que até ao momento tenha motivado quaisquer problemas, disse a dona da casa.

Na semana passada, no Bairro do Ingote, Coimbra, uma casa ficou praticamente destruída devido a uma explosão causada por uma fuga de gás.

## Criminalidade de Janeiro nos Açores

Dois indivíduos foram presos em Ponta Delgada, Açores, por consumo e tráfico de droga, durante o mês de Janeiro, soube-se junto da Polícia de Segurança Pública local.

Os indivíduos, com idades compreendidas entre os 18 e os 20 anos, tinham na sua posse «haxixe» em pequenas quantidades.

Por outro lado, durante o mês de Janeiro verificaram-se, na ilha de S. Miguel, 34 acidentes, com o saldo de um morto e 24 feridos, dos quais 15 em estado grave.

Registaram-se, ainda, furtos que não ultrapassaram os 70 mil escudos.

Os três elementos duma activa quadrilha de assaltantes foram presos pela Guarda Nacional Republicana de Idanha-a-Nova que ainda lhes apreendeu parte dos artigos furtados, duas armas de caça, meia centena de munições e 143 chaves de diferentes modelos, utilizadas para a prática de furtos.

Mário Pinto, de 18 anos, residente em Castelo Branco, foi o primeiro detido o qual viria a indicar os seus companheiros: Carlos Dias e seu irmão Paulo, de 26 e 23 anos respectivamente, residentes em Idanha-a-Nova.

*Uma visita pouco usual: guardas da PSP, da esquadra das Mercês, no «DL»*

# Polícias do Bairro Alto vieram ver como funciona o "DL"

**«Temos como preocupação fundamental tornar a nossa zona num lcal seguro, onde os cidadãos residentes, os turistas nacionais e estrangeiros e os que aqui trabalham se sintam seguros e confiantes», afirma o actual responsável pela esquadra da PSP, no Bairro Alto, Braga Domingos, que tem vindo a dinamizar uma campanha de esclarecimento e sensibilização junto da população da área com vista a melhorar, não só a imagem da Polícia, como o relacionamento entre os agentes de autoridade e o público.**

*Braga Domingos*

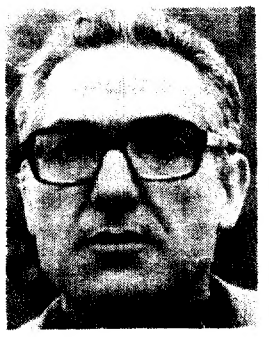
**Braga Domingos, pertence à PSP há 14 anos e chefia a esquadra das Mercês, como é conhecida a esquadra do Bairro Alto, há pouco mais de um ano, uma esquadra que durante largo tempo foi o exemplo mais acabado do que não deve ser uma Polícia, onde desde o abuso de autoridade às mais variadas irregularidades tudo** se praticava na mais perfeita impunidade.

Hoje a população do bairro verifica que a imagem dos elementos da esquadra é outra e bem diferente. A tal ponto que as crianças das escolas primárias fazem visitas àquele departamento policial para se inteirarem como funciona e como é o trabalho de um polícia.

**No âmbito das diferentes iniciativas, visando conhecer a sua área da qual elaborou um completo e bem elaborado levantamento, o chefe Domingos visitou ontem as instalações do nosso jornal, fazendo-se acompanhar de 22 guardas que para além de observarem como se faz o «DL» conviveram com todo o pessoal desde a administração ao pessoal mais modesto, passando pela direcção e redacção e responsáveis técnicos.**

Bem fardados e com invulgar aprumo, jovens na sua maioria, cativaram pela simpatia todos os que aqui trabalham e lhes desejam bons êxitos nas missões de que estão incumbidos.

## FUNDO DE GAVETA



**Mário Castrim**

*Como se sabe, o* **tratado de Roma** *é a pedra angular das grandes transformações históricas. Ele marca o início daquela filosofia segundo a qual as contradições não existem se não na mente de uns quantos ideólogos encartados. As ideologias morreram, paz à sua alma! A contradição deu lugar à cooperação. Deixámos de ser uns contra os outros para sermos uns com os outros. A Europa retomou o seu lugar de unificadora do Universo. Agora somos todos inimigos sim, mas cooperantes. Os nossos confrontos entram em diálogo. Nem este, nem aquele morrem.*

*Os carneiros ingleses provocam engulhos na França. Os lanifícios portugueses perturbam a Inglaterra. A CEE quer arrancar os tomates a Portugal, embora nos deixe cá todos os nabos. A Alemanha Federal acha que não deve subsidiar a agricultura francesa, esta exige solução para o não escoamento de lacticínios e cereais. Redimensionem!, gritam os germânicos, não custeamos as vacas familiares! dizem os ingleses. Os espanhóis avançam com a sua agricultura desenvolvida, os seus camiões são voltados e queimados em terras de França. O franco guerreia com o marco, o marco guerreia com o dólar, o dólar guerreia com o iene. Os Estados Unidos declaram guerra económica à Europa, exigem compensações pelos 400 milhões de dólares que perderam com a adesão da Espanha. A Europa responde à ameaça de represálias com ameaça de represálias. As vozes bélicas sobem de tom, arrastam-se armas e estandartes pelas arcadas sombreadas dos claustros. Os ingleses ameaçam abandonar a CEE. A Grécia diz que fez um mau negócio, nem sequer o PIM! lhe vale, grita-se «fora com a CEE». Perfilam-se, apontadas ao coração da CEE, as espingardas americanas e japonesas. Quem vai morrer primeiro?*

*Morrer sem ideologia, claro. Tem outro gosto!*

*TSF passa ao ataque*

# RENASCENÇA PEDIU FREQUÊNCIAS PARA UM FIM E ESTÁ A UTILIZÁ-LAS PARA OUTRO

**A TSF-Cooperativa de Profissionais de Rádio- trouxe novos elementos à polémica sobre a concessão de frequências à Rádio Renascença e à Rádiodifusão Portuguesa, ao divulgar em conferência de Imprensa realizáda esta manhã, o requerimento da emissora católica portuguesa. Daí que, os responsáveis da TFS acusem agora a Renascença de ter pedido frequências para um fim e estar a utilizá-las para outro.**

«A Rádio Renascença solicitou frequências para um fim e está a utilizá-las para outro», declarou Emídio Rangel, da TSF, baseando a sua argumentação no requerimento de três páginas de 29 de Abril de 1985 assinado pelo Conselho de Gerência da emissora católica portuguesa e dirigido ao secretário de Estado Adjunto do Ministro de Estado para a Comunicação Social.

De acordo com aquele documento, a RR sublinha que sempre «defendeu a sua pretensão não só de completar a cobertura nacional na actual faixa de frequência dos 87,5 MHZ aos 100 MHZ, como de vir a utilizar uma nova rede nas faixas dos 100 MHZ aos 108 MHZ com a finalidade de melhorar as condições da sua audiência, nomeadamente no que se refere a serviços de âmbito regional, qualidade de emissões estereofónicas e transporte de programa para os novos emissores de Onda Média».

Na parte final, o requerimento dirigido a Anselmo Rodrigues é explicito ao «solicitar a V. Exa. a imediata atribuição à Rádio Renascença (...) de uma das 3 redes planeadas na faixa dos 100 aos 108 MHZ, que esta utilizaria, sem necessidade de instalar novos centros emissores, para melhorar a qualidade das suas emissões estereofónicas».

Deste modo, para a TSF, fica claro que a Rádio Renascença «em nenhuma parte do requerimento solicitou uma nova rede para criar um novo canal de FM com programa distinto».

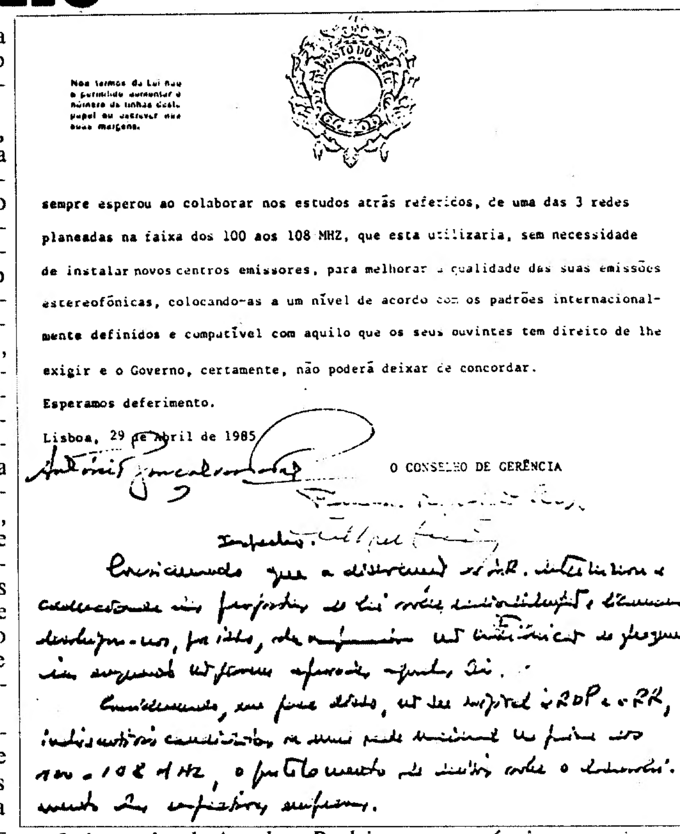
Para além deste facto, Emídio Rangel sublinhou que «se a Renascença estivesse a usar as frequências de acordo com o pedido formulado, incorreria numa outra violação do Regulamento dos Serviços Radioléctricos, uma vez que o transporte de programa, razão fundamental do pedido, não pode ser efectuado através da utilização de frequências de FM destinadas apenas à radiodifusão sonora (87,5-108 MHZ), mas sim, como estipulam as normas da Assembleia Mundial de Comunicações e o Regulamento dos Serviços Radioeléctricos, pelo uso de feixes hertzianos ou linhas, em UHF, na banda dos 900 MHZ».

### «RDP não pediu frequências»

Comentando afirmações de responsáveis da Rádio Renascença sobre os prejuízos que lhes adviriam da aprovação da Lei da Rádio, Emídio Rangel ironizou: «primeiro falaram de 100 mil contos, depois de 250 mil, mais tarde de 500 mil e agora já dizem que o prejuízo é de um milhão quando, de acordo com noticia publicada no «Expresso» a facturação em 1985 da Rádio Renascença foi de 402 mil contos».

Sobre as interpretações, segundo as quais a emissora católica portuguesa tem direitos adquiridos, Emídio Rangel considerou que «o despacho de Anselmo Rodrigues não foi publicado no Diário da República, não havendo por isso conhecimento público da decisão, e que, mal a TSF teve dela conhecimento, impugnou para o Supremo Tribunal Administrativo». A este propósito, Emídio Rangel sublinhou que a sub-comissão de Comunicação Social, tal como a TSF, «tem pareceres e estudos de direito administrativo, baseados nas lições de Freitas do Amaral e no Manual de Marcelo Caetano, segundo os quais o Estado sempre pode resgatar a qualquer momento as licenças».

Outro ponto chave da argumentação da TSF, depois de ter tido acesso aos novos documentos, refere qe «a RDP não solicitou em nenhum momento qualquer frequência ou rede de frequências». Assim, «a concessão do Dr. Anselmo Rodrigues só é explicada por uma certa má consciência quando no acto de conceder verificou que iria priveligiar só a RR, tendo então decidido também conceder à RDP, despachando, curiosamente, no próprio requerimento da RR as duas concessões».


Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.

sempre esperou ao colaborar nos estudos atrás referidos, de uma das 3 redes planeadas na faixa dos 100 aos 108 MHZ, que esta utilizaria, sem necessidade de instalar novos centros emissores, para melhorar a qualidade das suas emissões estereofónicas, colocando-as a um nível de acordo com os padrões internacionalmente definidos e compatível com aquilo que os seus ouvintes tem direito de lhe exigir e o Governo, certamente, não poderá deixar de concordar.

Esperamos deferimento.

Lisboa, 29 de Abril de 1985

O CONSELHO DE GERÊNCIA

*O despacho de Anselmo Rodrigues, no próprio requerimento da Renascença*

### «Assembleia vai manter o seu voto»

Aliás, segundo dados fornecidos pela TSF, a RDP dispõe actuamente de 13 frequências no Continente e cerca de quatro dezenas nas Regiões Autónomas, que não utiliza.

Considerando que «ninguém defende a diminuição do património da RR ou da RDP», Emídio Rangel considerou que o se quer é dar mais força à «voz da Igreja» e «à voz do Estado», sublinhando que «se estas frequências não reverterem para o domínio público, não vamos ter emissores nacionais, protagonizados por entidades privadas e não vai ser possível o aparecimento de um emissor regional em cada capital de distrito». «O que está em causa», prosseguiu o cooperante da TSF, «é o interesse nacional, que aponta para o aparecimento de novos emissores, para que possamos ter em Portugal outras vozes, outras maneiras de fazer informação e programação».

Por isso, os membros da TSF estão confiantes que a Assembleia da República, apesar do veto do Presidente da República, «vai manter a sua posição, pois é a que se conforma com o interesse nacional nesta matéria».

*Emídio Rangel no centro do ataque: «a Rádio Renascença solicitou frequências para um fim e está a utilizá-las para outro»*

## Bomba de Carnaval incendeia casa de octogenário em Lisboa

Uma bomba de carnaval, cujo rastilho ainda não se extinguira totalmente, pegou fogo à sala de estar de um casal de idosos, em Lisboa, ao princípio da tarde de anteontem. O artifício foi lançado por alunos da Escola Nuno Gonçalves, com cerca de 12 anos, e entrou pela janela do apartamento de Manuel Vaz Coelho, de 82 anos, residente na Rua General Roçadas 36 - 1º/C, perto da escola.

O fogo principiou pelas roupas que se encontavam em cima de um sofá cama e estendeu-se à alcatifa e outras peças de mobiliário.

Manuel Coelho disse ao «DL» que se ele e a mulher não se tivessem aprecebido a tempo, e acorrido imediatamente com baldes de àgua, o incêndio ter-se-ia alargado ao resto da casa e, provavelmente, do prédio.

Os miúdos responsáveis pelo lançamento da bomba acabaram por ser identificados e a PSP esteve no local para tomar conta da occorrência. A vítima apresentou queixa e reivindica uma indemenização que cubra os prejuizos que sofreu. Segundo nos disse, as bombas são vendidas numa loja das proximidades e «de noite ninguém pode dormir na zona porque estão sempre a rebentar bombas».

## Câmara de Lisboa assina protocolo com o ISCTE

A Câmara Municipal de Lisboa e o Centro de Investigação de Sociologia do Instituto Superior de Ciências e Técnicas de Empresa, através do seu núcleo de Estudos Urbanos e Territoriais, assinam hoje um protocolo de colaboração no domínio da problemática social e urbanística da cidade de Lisboa, que prevê a investigação e a formação de sociólogos.

Ao nível da investigação sócio-urbanística, as duas entidades propoem-se encontrar formas de colaboração recíproca na concretização de estudos, análise e diagnóstico de «situações-problemas» e no desenvolvimento analítico.

No campo da formação, o protocolo prevê acções de apoio técnico, documental e informativo por parte do Município e estágios de formação de estudantes nos serviços camarários.


VIAGENS AVIC TURISMO

FALLAS DE VALÊNCIA

EXCURSÃO EM AUTOPULLMAN DE LUXO
COM AR CONDICIONADO, WC, E TV-VÍDEO
ALOJAMENTO NO HOTEL EXPO (1.ª ★★★)
2 PARTIDAS: 15 A 23/3 E 15 A 21/3
VISITANDO: BADAJOZ • VALÊNCIA • ALBUFERA
BARCELONA • ANDORRA • ZARAGOZA • MADRID

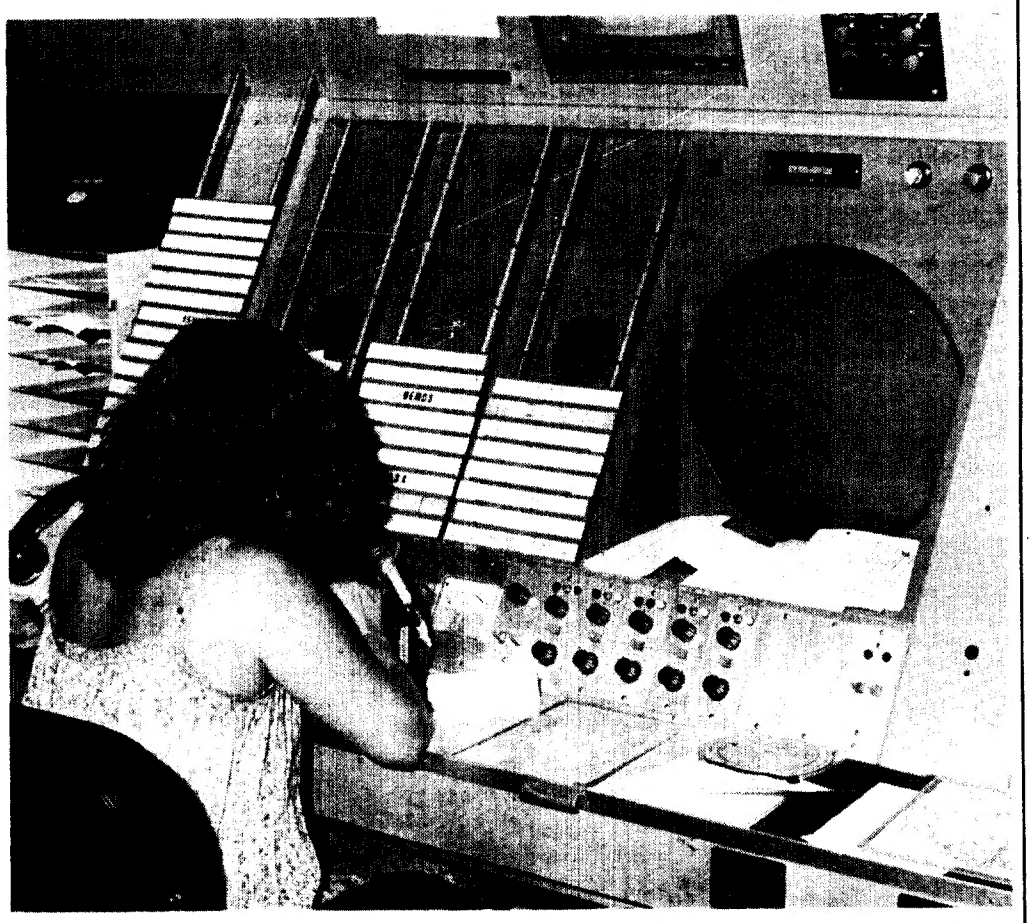
PREÇOS DESDE 50 000$00

RESERVAS E INFORMAÇÕES NO SEU AGENTE DE VIAGENS OU NA
AVIC AV. 5 DE OUTUBRO, 53 LISBOA
☎ 561116-521117-572970
CONCEDEMOS DESCONTO ESPECIAL
AOS PORTADORES DO CARTÃO JOVEM

*Portela em obras até 1990*

# SEIS MILHÕES DE CONTOS PARA MANTER AEROPORTO DE LISBOA OPERACIONAL

**O aeroporto duplicará a sua capacidade de processamento de passageiros e pistas a partir de 1990, mercê do investimento de seis milhões de contos previsto para os três próximos anos. Neste momento, entre a ampliação do Aeroporto da Portela e a construção de um novo, é a primeira tese que vinga nos meios aeroportuários nacionais, como ontem ficou patente na abertura do I Congresso Nacional de Aviação, que decorre até amanhã em Lisboa.**



Um dos responsáveis pelo planeamento e desenvolvimento da Direcção-Geral de Aviação afirmou aos cerca de quatrocentos congressistas reunidos na Gulbenkian as inúmeras vantagens que advêm dessa opção, isto é, da ampliação das infra-estruturas do aeroporto de Lisboa, já que a construção de um novo para processar volumes de tráfego idênticos aos previstos para a Portela, «envolveria investimentos da ordem dos 15 milhões de contos».

Luís Coimbra, o técnico em questão da DGA, adiantou ainda que a decisão da ANA-EP em desenvolver gradualmente as infra-estruturas da Portela tem evitado a criação de mais um «elefante branco em Portugal» com a construção de um novo complexo.

Segundo o mesmo técnico, o Aeroporto da Portela tem potencialidades para vir a processar anualmente, e no mínimo, o triplo do tráfego actual, ou seja, 12 milhões de passageiros, 34 movimentos por hora e 30 000 toneladas de carga, mas, considerou, «trata-se de níveis de **saturação** a registar entre os anos 2005 e 2010».

Sobre os «incómodos» que o aeroporto pode provocar no tecido urbano lisboeta, Luís Coimbra concluiu que o Aeroporto da Portela «acabou por ser envolvido pela expansão urbana». Agora, «o que importa — defendeu — é minimizar os impactos negativos sobre a cidade e maximizar as suas vantagens».

### Sequeira Braga: TAP tem que recuperar

O secretário de Estado dos Transportes e Comunicações, Sequeira Braga, abriu ontem oficialmente o I Congresso Nacional da Aviação Civil, tendo-se debruçado sobre a situação em que se encontram os Transportes Aéreos Portugueses. Relativamente à TAP, aquele responsável governamental afirmou que a companhia «terá de proceder a uma efectiva recuperação económica» e ao seu sanemanto financeiro, a prazo.

«Estando a trabalhar com a administração da empresa no exame do seu plano a médio prazo, do qual esperamos um grande contributo para a reestruturação empresarial e para a recuperação económica da companhia», disse Sequeira Braga.

O presidente da Associação dos Pilotos Portugueses de Linha Aérea (APPLA), comandante Magalhães e Silva, abriu a sessão com um curto discurso em que chamou a atenção para a necessidade de «pautar por extremo cuidado e zelo» toda a negociação que envolva abertura de novos mercados, «conscientes de que só assim se salvaguardará devidamente o património nacional».

«É uma reflexão que aqui fica para quem de direito, no futuro, vier a actuar e decidir, recordando que no passado recente, negociações nesta matéria não foram, quanto a nós, devidamente acauteladas», afirmou.

Sequeira Braga defendeu ainda que o Estado abandone as intervenções económicas empresariais, particularmente em áreas de mercado internacional, frisando a propósito que ao nível da CEE existe «um vasto consenso quanto à redução da intervenção dos Estados na fixação das condições de exploração da actividade do transporte aéreo».

A sessão foi presidida pelo representante do Presidente da República, general Conceição e Silva, ladeado pelo Ministro da República para a Região Autónoma dos Açores, Rocha Vieira, os secretários de Estado dos Transportes e do Turismo, e o director-geral da Aviação Civil.

O congresso reúne 400 participantes que até amanhã apresentarão 90 trabalhos nas três secções em que se subdivide o congresso: «segurança e actividade aérea», «políticas do transporte aéreo» e «infra-estruturas e actividade completas complementares».

*Recomendação do CCS*

## Mensagens publicitárias: impõe-se identificação clara

O Conselho de Comunicação Social (CCS) acaba de recomendar aos órgãos de informação do sector público que identifiquem claramente as mensagens publicitárias.

Numa recomendação com carácter vinculativo, o Conselho defende a necessidade de ser aplicada «com maior rigor» a legislação respeitante à forma de divulgação das mensagens publcitárias.

Dirigindo-se especificamente à Rádio e à Televisão, o CCS recomenda que evitem que a qualidade da informação e da programação «seja diminuída por uma interpenetração com as mensagens publicitárias que possa induzir em erro os ouvintes e os espectadores».

O CCS salienta que não põe em causa a inserção de publicidade nos órgãos de Comunicação Social públicos e afirma ser sua preocupação salvaguardar a sua independência e o rigor e objectividade da informação difundida.

## "O Charadista" fez 65 anos

Define-se como «um dos mais modestos e apagados órgãos de Imprensa», mas orgulha-se de ser dos mais antigos do género em língua portuguesa: trata-se da revista «O Charadista», que no passado sábado festejou 65 anos de existência, com um almoço dedicado a todos os amigos da «Arte de Édipo».

«O Charadista» apareceu pela primeira vez a 1 de Janeiro de 1922, dirigido, como ainda hoje, por João Francisco Lopes, anunciando aos devotos da arte de decifração que aceitava que colaborassem com «charadas em verso, enigmas e logogrifos em verso, charadas em frase, enigmas figurados e ilustrados».

O mensário pertence à «Tertúlia Edipíca», sociedade que defende o charadismo como «um excelente exercício mental» que «desenvolve as faculdades de raciocínio e incute o gosto pela leitura e consulta dos dicionários, onde há muito que aprender».


ESPECTÁCULOS ÚNICOS

BR

Alameda Cardeal Cerejeira
Parque Eduardo VII

Botequim do Rei

NOITES DE
5 E 6 DE FEVEREIRO

COM

FADO E MUSICA AO VIVO
NO CORAÇÃO DE LISBOA
COZINHA TRADICIONAL PORTUGUESA

ELENCO PRIVATIVO

FERNANDO SOUSA
MANE
MILU
FLORA SILVA
CARLOS MARQUES

CIDÁLIA MOREIRA

RESERVE JÁ SUA MESA • TEL. 53 20 74

DIA 5
JÁ ESGOTADO

**Informamos os Exm.°s clientes e amigos que hoje temos a nossa lotação já esgotada, tendo apenas alguns lugares para amanhã dia 6.**

**Mais informamos que continuamos abertos nos dias seguintes com o nosso elenco habitual.**

**A GERÊNCIA**

TEATRO VASCO SANTANA
Tel. 768609

TEATRO-ESTÚDIO de LISBOA

Em exibição de
3.ª a sábado às 21.30
Domingo às 16 horas.

ESTREIA DE

*SYLVIA PLATH- Quem a matou?*

de BARRY KYLE
Trad. M.ª TERESA GUERREIRO
Dir. LUZIA MARIA MARTINS
Mont. FERNANDO FILIPE
INTÉRPRETES (ordem de entrada em cena)
CLARA JOANA * LUÍSA ORTIGOSO *
MANUEL MENDONÇA * MARIA DULCE

O TEATRO ESTÁ AQUECIDO

Sub. SEC

*Milhares no funeral de motorista assassinado*

# NINGUÉM SE PREOCUPA COM A SEGURANÇA DOS TAXISTAS

## — acusa Comissão Coordenadora dos Motoristas de Táxis

**A Comissão Coordenadora para a Defesa e Segurança dos Motoristas de Táxis criticou ontem a ANTRAL (Associação Nacional dos Transportadores Rodoviários e em Automóveis Ligeiros) e a FESTRU (Federação dos Transportes Rodoviários Urbanos) de «nada terem feito para a segurança dos condutores de táxi».**

*O funeral do taxista quando chegava ao cemitério do Alto de S. João*

Representando os patrões (a ANTRAL) e parte dos motoristas de táxi (FESTRU), estas duas associações foram ontem acusadas de não darem seguimento às preocupações da classe, como aliás o Governo, ao qual uma delegação de taxistas entregou há pouco tempo uma nota de protesto pela falta de segurança.

Um dos membros da referida Comissão Coordenadora para a Defesa e Segurança dos Motoristas de Táxi (CCDSMT) criticou violentamente as autoridades portuguesas por não se terem ainda debruçado sobre as condições em que a classe opera, muito embora aumente o número de agentes da PSP e haja outras representantes da ordem. A protecção que lhes falta, segundo a CCDSMT, é inexplicável.

O funeral do último taxista assassinado, Jaime dos Santos, na passada segunda-feira de madrugada em Lisboa, em condições por nós relatadas, constituiu imponente manifestação de pesar em Lisboa. Motoristas de táxi do Porto, Coimbra e Faro associaram-se ao acto, paralisando também — como em Lisboa — durante duas horas. Um mar de táxis, com fitas pretas nas antenas, acompanhou Jaime dos Santos até à sua última morada, uma campa rasa no cemitério do Alto de S. João. Nunca a classe mostrara tanta unidade, tamanha solidariedade, como ontem à tarde. Recorde-se, todavia, que já por ocasião do assassínio de um taxista da zona de Cascais, perto da Malveira da Serra, num dos primeiros dias de Dezembro, os taxistas haviam dado sinais não apenas de inquietação, mas de profunda revolta, tendo reunido na Praça de Espanha e entregue na Assembleia da República cópia da nota de protesto deixada na residência oficial do Primeiro-Ministro.

Inúmeras viaturas, a esmagadora maioria dos cerca de três milhares de taxistas que há em Lisboa, juntaram-se no Largo da Igreja de S. João da Praça, junto à Sé de Lisboa para o cortejo fúnebre do colega. Durante mais de duas horas a classe paralisou em Lisboa. Filas de três e quatro táxis acompanharam o funeral. Manifestações de pesar decorreram, também, em Coimbra, Porto e Faro, nesta última cidade junto ao aeroporto, onde ontem à tarde eram menos os táxis disponíveis.

### Porto e Coimbra: concentração e desfile

Mais de cem taxistas de Coimbra paralisaram ontem das 12 às 14 horas em protesto contra o assassínio de um motorista, na passada segunda-feira, em Lisboa.

Um membro de uma das centrais de táxis de Coimbra disse à Lusa que os taxistas desfilaram com as suas viaturas pelas principais ruas da cidade. «Quisemos demonstrar assim a nossa solidariedade com a família do colega assassinado e manifestar um vivo repúdio por este tipo de acontecimentos, que deixam bem a nu a insegurança em que vivemos» — sublinhou.

Por seu turno, cerca de três centenas de taxistas da cidade do Porto promoveram uma concentração de duas horas, entre as 14 e as 16 horas, provocando um engarrafamento na baixa portuense.

A paralisação de protesto pelo assassínio de um motorista em Lisboa iniciou-se na Praça Velasquez, seguindo-se um desfile automóvel até ao Governo Civil onde uma representação dos taxistas foi recebida pelo representante do Governo na capital nortenha.

Entre outras reivindicações de segurança, os taxistas exigiram a criação de um sistema de «cheque/táxi», e a separação dos passageiros dos motoristas através de uma divisória que obrigaria os utentes, à noite, a viajarem na retaguarda.

Foi também sugerida a instalação de sistemas de alarme via rádio e a colocação no exterior do veículo de sinalização que indique qualquer situação de perigo imediato.

### «Só se lembram de nós para apanhar táxi»

O representante da CCDSMT acima referido, Fernando Silva, queixa-se do desinteresse das autoridades portuguesas face à classe. Segundo ele, «os políticos só se lembram de nós quando precisam de táxi», desabafou. Por isso, acrescentou, «o nosso processo está parado». Processo que tem a ver com melhores condições de segurança e a aprovação de legislação adequada, com penas mais pesadas para aqueles que assaltam e/ou assassinam taxistas. Enfim: legislação civil que lhes dê mais garantias.

De acordo com a sua posição, essa legislação dever-lhes-ia permitir a recusa em transportar um cliente que lhes despertasse suspeita, o que acontece hoje, já, mas só depois das 22 horas e por razões muito bem fundamentadas. «Os ladrões e os assassinos não se conhecem pela cara, mas há clientes que, logo à primeira vista, não enganam ninguém. É o cabo dos trabalhos para recusarmos a viagem, face à lei», afirmou ao «DL» um dos taxistas que participou no funeral do seu colega assassinado.

Voltando ao representante da CCDSMT: é urgente — afirmou Fernando Silva — que o Governo tome medidas no sentido deste meio de transporte público ser remodelado, na fase de fabrico.

A degradação da actual frota, a ausência de revisões periódicas obrigatórias e a inexistência de carros concebidos com marcação de lugares e divisória de vidro entre o motorista e os utentes, são, no entender da Comissão, aspectos que justificam a intervenção do Governo.

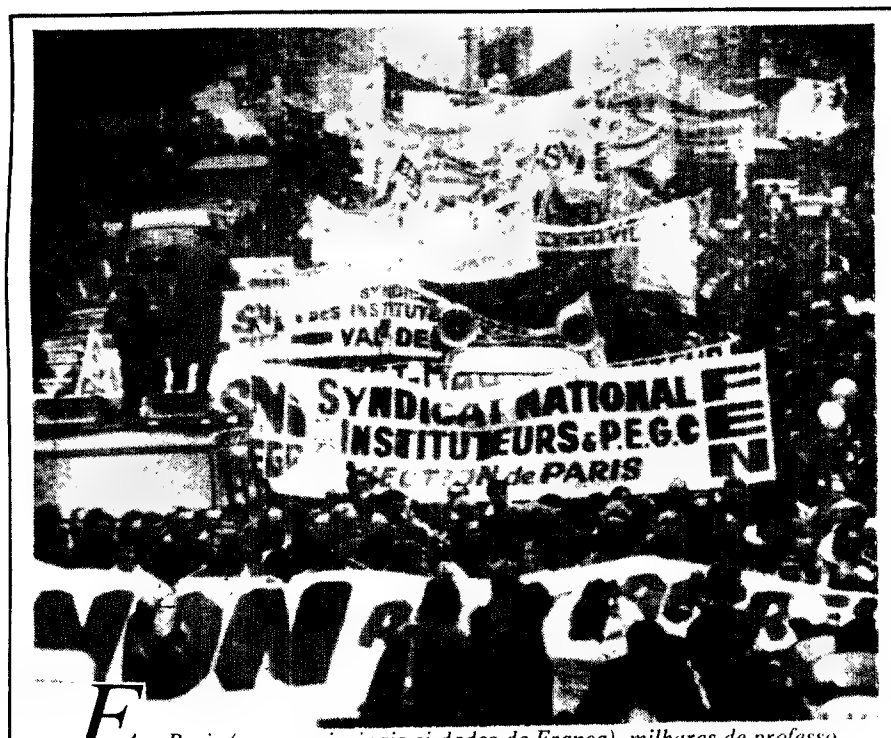
A Comissão Coordenadora, pelo seu porta-voz, manifestou a necessidade de uma reciclagem e passagem de uma carteira profissional aos motoristas, como forma de se evitar os «ganchos» feitos por pessoas das mais variadas profissões.

«O crime não tem horário» — recordou Fernando Silva, acusando o Sindicato dos Motoristas de pretender apenas «receber as quotizações».

Entretanto, a Federação de Transportes Rodoviários e Urbanos (FESTRU) acusou o Governo de «imobilismo» na resolução do problema de segurança dos taxistas, afirmando que «desde 1984, as autoridades não se ocupam do problema».

Os representantes dos taxistas disseram que há mais de dois anos apresentaram à Direcção-Geral de Transportes Terrestres reivindicações que se prendem com a sua segurança, nomeadamente a criação de mecanismos de ligação por rádio à PSP, a utilização de cheques-táxi e a divisão através de um vidro entre motorista e passageiros.

Segundo Amável Alves, uma delegação da FESTRU foi ontem recebida na Direcção-Geral de Transportes Terrestres, constatando «que o **dossier** tem estado parado desde que o entregámos, em 1984».




*Em Paris ( e nas principais ci dades de França), milhares de professo - res manifestaram-se para exigir a revogação de um decreto do Governo re lati - vo ao novo estatuto dos directores de escola.*

Um casal italiano sui-cidou-se num quarto de hotel, em Bréscia, no Norte de Itália, deixando uma carta em que afirmava sofrer de sídroma de imunodeficiência adquirida (SI - DA). A empregada de quarto que encontrou os cadáveres de Giuseppe di Conza, de 32 anos, operário, e de Patrizia Cannone, de 24 anos, enfer - meira auxiliar, chamou a Polícia, que disse que o marido matou a mulher a tiro antes de se suicidar da mesma forma. O casal, que vivia nos arredores da cidade italiana de Milão, deixou um filho de quatro anos com os avós. A Polícia indicou que ser ia efectuada uma análise sanguínea para verificar se o casal sofria efe - ctivamente de SIDA, um vírus que elimina as defesas do or - ganismo.

*Com o rosto coberto por véus e usan do longos vestidos brancos, centenas de ram-se na mesquita de Melila, exigindo a libertação de muçul manos detidos após os t fim-de-semana passado naquele enclave espanhol no Norte de África.*

## Vítimas do "Síndroma de Stendhal"

O «Síndroma de Stendhal» atingiu 107 turistas em Flo - rença, nos últimos oito anos, revelou a equipa de um ho - spital daquela cidade italiana, que estuda o fenômeno. «Síndroma de Stendhal» é o nome dado a uma doença de que são vítimas turistas de cidades de arte. Face a monumentos, certos indivíduos entram em estado de confusão, perdem as noções de identidade e de orientação tempo-espaço ou ma - nifestam sintomas de paranoia depressiva, acompanhados de vertigens. Tal fenômeno foi descrito pela primeira vez por Stendhal em 1817. Num dos seus diários daquele ano, o autor de «Le Rouge et le Noir» diz ter sido acometido de forte depressão psíquica durante uma visita à Basílica de Santa Cruz, em Florença. «Havia atingido aquele estado emocional onde se encontram as sensações celestiais pro - vocada pelas belas artes e pelos sentimentos apaixona - dos», escreveu. Para curar-se, ao escritor francês bastou ler alguns versos dos «Sepulcros» de Fóscolo, o poeta vene - ziano seu contemporâneo. No entanto, segundo a equipa do hospital florentino, dirigida pela professora Graziella Margherini, os turistas atingidos pelo «Síndroma de Sthen - dal» nos últimos anos tiveram de ser internados por alguns dias no sector de psiquiatria. A idade média das víti mas va - ria entre os 20 e os 40 anos. O «Síndroma de Stendhal», revelam os dados, atinge indiferentemente indivíduos de ambos os sexos, que se equiparam em número entre os assi - stidos no hospital, apesar de entre os seis milhões de turi - stas que anualmente passam por Florença a maior parte ser do sexo feminino. «O síndroma não é maligno, os in - divíduos por ele atingidos curam-se rapidamente e a melhor terapia é o regresso a casa», afirma Graziella Margherini.

## Grávidas: mortalidade

Meio milhão de mulheres, a maioria asiáticas e africanas, morrem anualmente devido a causas relacionadas com o parto - afirmou em Nairobi um porta-voz do Banco Mundial. Ministros e funcionários superiores de 50 países industrializados deverão reunir-se na próxima semana em Nairobi, para uma conferência de quatro dias destinada a reduzir os riscos de mortalidade neste grupo de mulheres. A conferência é patrocinada pelo Banco Mundial, a organização para a saúde das Nações Unidas e o fundo da ONU para as actividades da população. O porta-voz do Banco Mundial afirmou que 60 por cento de mortes por parto ocorrem na Ásia Meridional e 30 por cento na África sub-saariana. O porta-voz acrescentou que a conferência se destina sobretudo a advertir os organismos de saúde governamentais e os não governamentais para as necessidades de implementar os cuidados sanitários relacionados com as grávidas, particularmente nos países não desenvolvidos.

## Comboio experimental japonês

Os caminhos de ferro japoneses anunciaram em Hyuga que o seu comboio experimental de sustentação magnética atingiu a velocidade de 400,8 quilómteros horários aquando de um ensaio. O comboio, «ML0001», de motor linear, atingiu essa velocidade à segunda tentativa na pista de en - saio de Hyuga (Sul do Japão), ao cobrir 2,3 quilómetros em 42 segundos. Os caminhos de ferro do Japão afirmam tra - tar-se de um recorde mundial, superior aos 355 quilómetros à hora atingidos pelo protótipo alemão-federal «Tran - srap~id-06» (de sustentação magnética) em Dezembro de 1985. O chefe projectista dos caminhos de ferro afirmou ainda ser tecnicamente possível começar a operar com este comboio experimental dentro de um ano.

### *URSS prepara-se para levantar moratória*

# DEMOCRATAS PEDEM A REAGAN SUSPENSÃO DOS TESTES NUCLEARES

**Os democratas norte-americanos aprovaram ontem uma resolução em que pedem ao presiden - te Reagan para terminar os testes nucleares e di - scutir coma União Soiviética um tratado para a suspensão desses ensaios. A resolução dos demo - cratas surge na sequência do primeiro teste nu - clear dos Estados Unidos em 1987 e do aviso da URSS de que suspenderia a sua moratória de con - gelamnto destes ensaios se os norte-emricanos continuassem a fazê-los.**

A explosão de terça-feira no deserto de Nevada «re - presenta um sério revés para os esforços de controlo de armas nucleares e pode pro - vocar a escalada da corrida aos armamentos entre a URSS e os Estados Unidos», afirma-se no comunicado aprovado por unanimidade pelos democratas com assen - to na Câmara dos Represen - tantes.

Observadores ocidentais em Moscovo comenta - vam,entretanto, que a União Soviética deverá anunciar nos próximos dias o fim da moratória dos ensaios com armas nucleares, decretado unilateralmente em Agosto de 1985.

Há dois dias, o diário «Pravda», orgão oficial do Partido Comunista, publicou um apelo à Casa Branca para suspender o primeiro ensaio nuclear do ano e avisava que a explosão significaria o fim da moratória unilateral so - viética no prazo de 48 horas.

O minsitro soviéticos dos Negócios Estrangeiros, Eduad Shevardnadze, disse também terça-feira, na RDA, onde se encontrava em visita oficial, que a explosão nu - clear norte-americana não de - via ser encarada «como um gesto de rotina, mas como uma decisão de importância vital para o futuro de todos os países e de todos os po - vos».

Funcionários norte-ameri - canos afirmaram que a conti - nuação das experiências era necessária para o desenvol - viemnto das investigações da «Iniciativa de Defesa Estratégica» do presidente Reagan. Para a agência so - viética TASS, que cita o fisi - co nuclear Vitaly Goldansky, estas afirmações confirmam que as experiências atómicas norte-americanas são desti - nadas a «testar uma terceira geração de armas nucleares, de uma potência sem prece - dentes».

*Mikhail Gorbachev cumprimenta o antigo secretário de Estado Henry Kissinger, que se encontra em Moscovo aompanhado de uma delegação do Conselho de Relações Externas.*

### Kissinger em Mo - scovo

Enquanto se espera um no - vo arrefecimento das re - lações entre as duas super - potências, o lider soviético

### *Filipinas*

# Rebeldes querem negociar e militares apostam na

Rebeldes comunistas filipi - nos, na sequência da intenção manifestada pela Presidente Corazon Aquino, de prolongar o cessar-fogo, revelaram estar dispostos a recomeçar as con - versações de paz se o Governo de Manila demonstrar uma vontade sincera de negociar o fim da insurreição de 18 anos. No entanto, os militares pare - cem apostados num regresso à guerra.

Aquino, numa entrevista à televisão, apelou para o pro - longamento da trégua mesmo sem uma promessa dos gueril - heiros para retomar as nego - ciações de paz.

Mas o ministro da Defesa, Rafael Ileto, tinha afirmado antes que não concordava com o prolongamento do cessar-fo - go só para salvar as aparências. Disse que o reata - mento da trégua devia ser acompanhado por negociações com significado.

Fontes rebeldes disseram por seu turno que o Partido Comunista das Filipinas e o seu ramo militar, o Novo Exército do Povo, eram tam - bém contra um prolongamento da trégua se esta não fosse acompanhada por conver - sações sérias, algo que até agora não ocorreu.

Ileto reconheceu existir um forte sentimento nos militares contra a nova Constituição de Aquino, aprovada maciçamente no plebiscito nacional de se - gunda-feira.

No seio dos militares colo - cam-se agora várias questões sobre o empenho de Aquino em combater os rebeldes co - munistas e muçulmanos.

Fontes militares afirmam

*... de mulheres manifesta - ...os tumultos ocorridos no*

...Mikhail Gorbachev recebeu ...em Moscovo alguns visitan - ...tes «especiais», entre eles o ...antigo secretário de Estado ...norte-mericano Henry Kis - ...singer.

...Kissinger é acompanhado ...por dez outros membros de ...uma delegação do Conselho ...de Relacões Externas, sedia - ...do nos Estados Unidos, onde ...se inclui a ex-embaixadora ...dos EUA nas Nações Unidas, ...Jeane Kirkpatrick. O encon - ...tro de ontem entre Gorba - ...chev e a delegação norte-a - ...mericana decorreu à prota fe - ...chada e a agência noticiosa ...TASS não forneceu, por en - ...quanto, qualquer informação ...sobre os assuntos abordados.

Porém, antes do encontro, ...os fotógrafos foram autoriza - ...dos a presenciar a cerimónia ...de boas-vibndas, durante a ...qual Gorbachev se mostrou ...bastante bem-disposto. Vi - ...rando-se para Kissinger, o ...líder soviético disse: « você ...é o co-autor de muitas políti - ...cas interessantes que ainda ...podem ser postas em prática, ...mas que eles ( a admini - ...tração Reagan) estão agora ...a tentar desmantelar com a ...sua ajuda».

## ...guerra

...e os generais estão bastante ...ressentidos com a ordem de ...Aquino aos soldados de «jurar ...a Constituição ou sair».

...Disseram ainda que oficiais ...impacientes, descontentes ...com a forma como Aquino ...está a lidar com a insurreição ...comunista, planeiam «ataques ...de desgaste» a feudos rebeldes ...logo que as tréguas terminem ...domingo.

***À excepção de Angola***

# EUA melhoram relações com países da África Austral

Colleen Lowe Morna
IPS/DL

**A excepção de Angola, observam-se «importantes mudanças» na atitude dos Estados Unidos em relação à Africa Austral, segundo um relatório confidencial do principal grupo económico da região. Ao declarar que a política norte-americana na região está a mudar, o documento acrescenta que será importante para os Estados membros da Conferência da África Austral para a Coordenação do Desenvolvimento (SADCC) «tentar influir na evolução dessa nova política».**

O relatório, baseado em dados recolhidos por uma missão de estudo de alto nível do SADCC en finais do ano passado, foi um dos numerosos documentos analisados pelos 20 ministros de nove Estados membros do SADCC, que se reuniram em Gaberone.

A reunião foi preparatória do primeiro encontro entre funcionários do SADCC e empresários que decorreu ontem no Botswana, e da conferência anual com dadores que se realiza hoje e amanhã.

O ano passado, a «conferência consultiva anual», como foi denominada, coincidiu com a visita a Washington do líder rebelde angolano Jonas Savimbi, que obteve 30 milhões de dólares de assistência para a sua organização, a União para a Liberetação Total de Angola (UNITA).

O presidente do conselho de ministros e vice-presidente do Botswana, Peter Musi declarou durante o encerramento da conferência que os Estados Unidos estavam «claramente ligados à África do Sul» que também apoia a UNITA.

O relatório do SADCC indica que a principal questão que continua a separar os Estados Unidos da região é a sua atitude em relação a Angola.

### Mudanças

Contudo registaram-se grandes mudanças com a decisão do Congresso de anular o veto do Presidente Ronald Reagan acerca de um pacote de sanções contra Pretória e com as eleições de finais do ano passado, através das quais o controlo do Senado passou para os democratas.

Comentando a sua visita aos Estados Unidos em Novembro, os funcionários do SADCC indicaram que «a atitude global foi muito mais positiva e construtiva que das vezes anteriores».

«Ficou claro, pela primeira vez, que a região do SADCC tem potencial económico e importância próprias e não é um simples apêndice da África do Sul».

«Não houve tentativas de introduzir o argumento do compromisso construtivo e, em geral, a administração mostrou-se mais inclinada a escutar que a pontificar».

O documento salienta que tanto a administração como o Congresso estão a trabalhar num novo pacote de ajuda à região e que se fala numa verba de 500 milhões de dólares, embora não esteja ainda claro que aspectos abarcará».

### Influir no processo

O chefe da agência norte-americana para o desenvolvimento internacional, Peter Mchearson, que chefia a delegação dos Estados Unidos à conferência anual consultiva de 1987, pronuncia-se hoje sobre a ajuda.

«Uma das principais conclusões da delegação dos EUA, que foi chefiada por Mmusi e que incluiu o secretário executivo do SDACC, Simba Makoni, foi que o conferência «deverá prestar maior atenção para influir no processo político de Washington», segundo o relatório.

«O poder de Washington é relativamente difuso e o processo de adopção de decisões está aberto, por conseguinte, susceptível de receber influências. É também um sistema complexo e competitivo».

«Os Estados Unidos adoptarão importantes decisões em relação à África Austral no futuro próximo e será importante assegurar que a nossa voz se ouça mais claramente do que agora».

Os embaixadores do SADCC, segundo o documento, «desenvolvem um bom trabalho mas deparam-se-lhes limitações de recursos e informações. É preciso encontrar formas de reforçar e complementar os seus esforços», diz o relatório.

*As mulheres de três dos professores raptados em Beirute, o mês passado, dão as mãos durante uma conferência de imprensa.*

## Estados Unidos dizem não negociar libertação de reféns

A administração Reagan não tenciona negociar um prazo anunciado por milícias libanesas para a libertação de três norte-americanos e um de um outro refém capturados em Janeiro no Líbano, disse ontem em Washington um porta -voz da Casa Branca.

Interrogado sobre se os Estados Unidos estavam a considerar seriamente um prazo dado pelos grupos que detêm os quatros sequestrados, o porta-voz para os assuntos externos da Casa Branca, Dan Howard, declarou que «estes prazos foram marcados uma vez e outra e outra. A nossa posição é a de que não negociaremos as exigências dos terroristas e não iremos pressionar nanhum país a fazê-lo».

Um grupo intitulado Jihad Islâmica para a Libertação da Palestina reivindicou a autoria do sequestro, o mês passado, de quatro professores, três dos quais norte-americanos, e ameaçou matá-los se Israel não libertar 400 prisioneiros detidos em cadeias israelitas- uma exigência rejeitada por Israel.

Na sequência desta nova vaga de raptos e da intensificação dos combates na guerra do Golfo, os Estados Unidos reforçaram a sua presença no Mediterrâneo Oriental. Círculos governamentais em Washington asseguraram a este respeito que não haverá nenhuma operação militar norte-americana enquanto nada acontecer aos reféns. No entanto, o «New York Times» revelava na sua edição de ontem, beseando-se em informações do executivo, que a Secretaria de Defesa está a elaborar planos de ataque a campos de guerrilheiros libaneses.

### Itália acusa Síria

Um relatório do Procurador da República italiano estebeleceu a responsabilidade da Síria por um massacre no aeroporto de Roma que fez 16 vítimas em 1985, anunciou ontem um cadeia de televisão norte-americana. A CBS disse que o documento afirma que o massacre no aeroporto de Roma foi planeado na Síria e executado por palestinianos prontos a agir na Europa.

# 24 HORAS

## Missão espacial soviética

Dois cosmonautas soviéticos vão ser lançadaos no espaço sexta-feira numa nova missão à estação espacial «Mir», anunciou ontem a agência TASS. A nave espacial «Soyuz TM-2», pertencente a uma nova geração de cápsulas espaciais, descolará do Centro Espacial de Baikonur às 00h38 de sexta-feira. Peritos espaciais disseram esperar que os cosmonautas Yuri Romanenko e Alexander Laveikin batam o recorde de permanência no espaço de 237 dias.

## Senado derrota Reagan

O presidente Ronald Reagan perdeu ontem a primeira batalha legislativa do ano com o Congresso, quando o Senado votou pela anulação do seu veto a uma lei que atribui 20.000 milhões de dólares para «limpar as águas». Reagan vetara na semana passada o projecto em causa, dizendo que seria demasiado dinheiro para os esgotos e o tratamento das águas. Entretanto, um grupo de congristas lançou uma campanha para fornecer 800 milhões de dólares aos países vizinhos da Africa do Sul de modo a ficarem menos dependentes de Pretória.

## China adverte jornalistas

A China advertiu os jornalistas estrangeiros a não se envolverem no caso da expulsão do repórter norte-americano Lawrence MacDonald, correspondente da agência noticiosa France Press. O Ministério dos Negócios Estrangeiros recusou receber uma delegação do Clube de Correspondentes Estrangeiros que pretendia entregar uma carta subscrita por 43 jornalistas, expressando «profunda preocupação» pela expulsão de MacDonald, concretizada na última sexta-feira.

## Tortura e raptos não diminuíram

A tortura continua a ter alcance mundial, enquanto o rapto de opositores poolíticos aumenta de forma alarmante em alguns países, denunciou ontem a Comissão de Direitos Humansos das Nações Unidas. Um representante especial noemado pela Comissãi, o professor holandês Peter Kooijmans, disse que possui numerosas denuncias de tortura em países envo;vidos em guerras civis e conflitos internos, incluindo o Afeganistão, Sri Lanka, El Salvador, Chile, Africa do Sul e Irão.

## "Contras" entram na Nicarágua

Seis mil «contras» penetraram em território nicaraguense durante operações efectuadas nas últimas semanas, afirmou quarta-feira o lider rebelde Adolfo Calero. Calero realçou que os rebeldes depararam com pouca resistência por parte das forças sandinistas. O lider rebelde atribuiu o sucesso da infiltração de tropas rebeldes na Nicarágua à ajuda financeira e militar norte-americana.

# GOVERNO ALIENA PATRIMÓNIO DA CNP

**«A declaração da Companhia Nacional de Petroquímica em situação económica difícil é uma decisão política que visa criar instrumentos para levar por diante a extinção da empresa, à revelia das decisões da Assembleia da República», afirmou esta manhã ao «DL» uma fonte da Comissão de Trabalhadores da CNP.**

De acordo com a mesma fonte, a CT ainda não tem conhecimento oficial da intenção governamental de declarar a empresa em situação económica difícil, «mas sabe-se que o respectivo diploma já está preparado».

A insistência do Governo em extinguir a companhia, de facto, «é um contrasenso e tem fundamentos exclusivamente políticos, uma vez que a manutenção das margens de exploração positivas há mais de um ano, mostra claramente que não estamos perante uma situação conjuntural, como o executivo sustenta».

Entretanto, a alienação efectiva do património da CNP prossegue «teimosamente», recusando-se o Conselho de Gerência a fornecer quaisquer informações á CT sobre os moldes em que estão a ser transferidos para a EPSI (na qual a CNP é maioritária) equipamentos de grande valor. A gerência diz que essas transferências são regidas por contratos de aluguer, mas nega á Comissão de Trabalhadores o direito de os consultar. Segundo apurámos, a companhia está actualmente a trabalhar para a EPSI em condições que estão também a ser escondidas aos trabalhadores, mas que tudo indica visarem o desmantelamento progressivo da CNP.

### Milhares de contos perdidos

Recentemente a companhia abandonou o edifício em que tinha instalada a sua sede, na Av. Duarte Pacheco, em Lisboa, e propôs aos cerca de 90 trabalhadores que ali prestavam serviço, a sua mudança para Sines. A grande maioria optou pela rescisão voluntária do contrato, e alguns deles afirmaram ao «DL» que muitos dos móveis de nogueira e madeiras exóticas que ali se encontravam «foram parar a casa de directores da empresa».

Por outro lado, sabe-se que ficaram no interior do edifício, propriedade da Fundação Bom-Sucesso, móveis e equipamentos no valor de alguns milhares de contos, porque a gerência não programou a mudança convenientemente e não foi possível retirar tudo no prazo acordado com o senhorio. Caso a mudança prosseguisse para além da data fixada, a CNP teria que pagar mais 12 mil contos de rendas.

Embora o abandono do edifício tenha sido rodeado das anomalias referidas, a Comissão de Trabalhadores não se opôs à mudança, uma vez que há muito considerava um desperdício os 100 mil contos anuais que ele custava, dado que a companhia possuia, em Sines, instalações mais que suficientes para a sede.

# Crédito à habitação dobrou no ano passado

O crédito total para compra de habitação própria concedido no ano passado, a maior parte ao abrigo da antiga legislação, ultrapassou os cem milhões de contos, quando em 1985 se registara o empréstimo de 52 milhões de contos.

Estes números foram adiantados pelo ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações na cerimónia de assinatura de um protocolo de financiamento para programas de habitação social, aquisição de solos e realização de infraestruturas por parte dos municípios.

O acordo envolvendo 37 milhões de contos, distribuídos entre o Instituto Nacional de Habitação, Caixa Geral de Depósitos, Crédito Predial Português e Caixa Económica de Lisboa- Montepio Geral, é válido por três anos e, segundo o ministro, irá «permitir financiar 15 mil novos fogos», uma parcela dos 700 mil que considerou ainda necessários.

Na opinião de Oliveira Martins, o sector da construção de habitação encontra-se numa fase de retoma, manifestada pelos acréscimos de consumo de aço e cimento no ano passado, respectivamente mais 2,6 e 16,4 por cento. Situação semelhante relativamente ao movimento do mercado de arrendamento estaria a verificar-se na passagem de um ano para o outro.

Segundo Oliveira Martins, o Instituto Nacional de Habitação, que concede 15 milhões de contos no total do acordo, será definitivamente extinto até finais deste ano, passando as funções de gestão e alienação do parque habitacional do Estado para um «um instituto especialmente criado para o efeito, o Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado (IGAPHE).

## COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

| COTAÇÕES DE NOTAS | (Por Unidade) COMPRA | VENDA |
|---|---|---|
| ÁFRICA DO SUL (rand) | 55$45 | 61$45 |
| ALEMANHA FED. (marco) | 76$65 | 77$85 |
| ÁUSTRIA (xelim) | 10$85 | 11$05 |
| BÉLGICA (franco) | 3$494 | 3$744 |
| BRASIL (cruzado) | 3$800 | 6$300 |
| CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2) | 104$85 | 107$35 |
| (notas de 5 a 1000) | 105$35 | 107$85 |
| DINAMARCA (coroa) | 20$25 | 20$65 |
| ESPANHA (peseta) | 1$055 | 1$175 |
| EUA (dólar — notas de 1 e 2) | 139$25 | 142$75 |
| (notas de 5 a 1000) | 139$75 | 143$25 |
| FINLÂNDIA (marka) | 30$60 | 31$20 |
| FRANÇA (franco) | 23$00 | 23$70 |
| HOLANDA (florim) | 67$95 | 69$05 |
| IRLANDA (libra) | 204$80 | 208$80 |
| ITÁLIA (lira) | $098 | $113 |
| JAPÃO (iene) | $896 | $951 |
| NORUEGA (coroa) | 19$90 | 20$40 |
| REINO UNIDO (libra) | 212$55 | 217$05 |
| SUÉCIA (coroa) | 21$40 | 21$90 |
| SUÍÇA (franco) | 90$70 | 92$20 |
| VENEZUELA (bolívar) | 5$20 | 6$20 |

OBSERVAÇOES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operaçoes de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

# Estados Unidos: guerra ao Airbus

O governo norte-americano considera que a aeronáutica europeia está a ser subsidiada pela CEE e que os Estados Unidos podem anunciar brevemente medidas de retaliação contra a construção do avião Airbus, se até lá ambas as partes não chegaram a um consenso.

«Estas críticas norte-americanas ao avião europeu constituirão um problema no futuro relacionamento entre a CEE e os Estados Unidos», confirmou em Bruxelas, o comissário europeu das relações exteriores, Willy de Clero.

Este alto responsável da Comunidade Europeia referiu não ser sua «intenção suscitar pessoalmente a discussão do assunto: mas trata-se, sem dúvida, de um problema que terá de ser equacionado futuramente», acrescentou.

Depois de cedências comunitárias terem apaziguado a iminente guerra dos cereais — Portugal vai poder continuar a comprar trigo aos americanos — esta nova frente de luta está intimamente relacionada com os esforços dos EUA para a recuperação dos défices da sua balança comercial e em que se integra a deliberada descida do dólar nos mercados internacionais, nos últimos meses.

Os fabricantes norte-americanos sentem-se directamente ameaçados pelo avião euopeu, o Airbus, construído por um consórcio de países da CEE, em particular porque ele põe em causa as vendas de unidades da Boeing e da Lockheed.

O exemplo mais flagrante deste risco foi dado pela TAP que até aqui só utilizava aviões de fabrico norte-americano e se decidiu pelo Airbus na sua última encomenda da aeronave.

# IVA rendeu 240 milhões de contos

As receitas do IVA (Imposto sobre o Valor Acrescentado) em Portugal, atingiram 240,5 milhões de contos em 1986, indica um documento da Direcção-Geral das Alfândegas, divulgado pela agência Lusa.

A maioria das receitas do IVA, imposto introduzido em Portugal no princípio de 1986, foi arrecadada pelas alfândegas, as quais enviaram para os cofres do Estado, 147 milhões de contos, 61,2 por cento do total cobrado. Em 1985, as alfândegas portuguesas cobraram, através do Imposto de Transacções, 10,5 milhões.

*Apesar de abrandar o ritmo*

# Desemprego na Comunidade ultrapassou os 16 milhões

A CEE contava em Dezembro último com 16,4 milhões de desempregados, um aumento de 1,4 por cento num ano e de 1,9 por cento num mês, de acordo com os dados ontem divulgados em Bruxelas pelo Eurostat.

No entanto, o ritmo de aumento do desemprego desacelerou relativamente aos anos anteriores. Em média anual o número de desempregados foi acrescido de 260 000 pessoas em 1986, 615 000 em 1985, um milhão em 1984 e 1,6 milhões em 1983.

Esta desaceleração significa, na opinião da Comissão Europeia, que começam a esgotar-se os efeitos das políticas de austeridade sobre o emprego.

A taxa de desemprego relativamente à população activa elevou-se em finais de Dezembro a 11,3 por cento na CEE a nove (sem Espanha, Portugal e Grécia), taxa idêntica à registada em Dezembro de 1985 e ligeiramente superior à de Novembro de 1986 (11,1 por cento).

Também na Europa a nove, a percentagem de jovens com menos de 25 anos no total de desempregados diminuiu, passando, em média anual, de 37,1 por cento em 1985 para 36 por cento em 1986.

Por outro lado, a produção de mulheres no número total de desempregados no conjunto da CEE a doze aumentou 42,3 por cento em 85 para 43,5 por cento em 1986.

# União dos Sindicatos do Porto em Congresso hoje e amanhã

A União dos Sindicatos do Porto reune hoje e amanhã o seu segundo congresso, no qual será debatida a situação socio-económico-laboral do distrito. Estarão presentes 61 organizações sindicais e mais de 500 delegados. No decurso dos trabalhos serão apresentadas numerosas propostas, que visam, designadamente, «a exigência da colocação da banca e seguros nacionalizados ao serviço do real desenvolvimento regional e nacional, a exigência da dinamização e saneamento económico-financeiro das empresas do sector público nacionalizado existentes no distrito, a exigência de modernização do sector das pescas e de apoio ao desenvolvimento de sectores tradicionais e de pequenas e médias empresas, a exigência de condições para a fixação dos técnicos e quadros qualificados e, de uma forma geral, a exigência de utilização plena das potencialidades da região, com a salvaguarda dos interesses dos trabalhadores e populações».

O Congresso deverá igualmente opôr-se à alteração das leis laborais e, «tendo em conta a importância que a política geral tem para a vida dos trabalhadores, irá exigir a demissão do Governo Cavaco Silva e uma nova política com a formação de um novo Governo na base das forças que respeitam os ideais de Abril, a democracia e a Constituição da República».

# Cometna e bolachas Triunfo entraram em greves parciais

**Trabalhadores de duas unidades industriais dos arredores de Lisboa — Cometna e Bolachas Triunfo — entraram hoje em greves parciais, por turnos, em defesa de posições salariais.**

**Na fábrica Triunfo, de Linda-a-Velha, a paralização é de duas horas por turno, com iníciomarcado para as 14 horas, em defesa da aplicação do acordo de emresa, que já vigora em Coimbra, noutra unidade fabril da empresa. Segundo uma fonte sindical, estão abrangidos nesta reivindicação 120 trabalhadores que recebem, em média, menos 10 mil escudos mensais que os seus colegas de Coimbra.**

Esta empresa produtora de bolachas emprega mais de mil pessoas, das quais 247 trabalham em Linda-a-Velha, nomeadamente os 120 da área de produção que se dizem prejudicados.

Quanto à Cometna, a questão é mais grave, quer por se tratar de mais gente, quer por estarem em causa salários em atraso. A fábrica da Amadora emprega 1 400 pessoas que ainda não receberam o salário de Janeiro, reflectindo as conhecidas dificuldades de reorganização do sector.

A greve de hoje tem a duração de quatro horas e durante ela cumpre-se uma concentração junto das instalações da Metalgest, o organismo coordenador da metalomecânica pesada.

Segundo declarações de responsáveis da Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal, «**a Cometna está a ser alvo de um ataque mais vasto que visa espartilhar e destruir todo o sector da metalomecânica pesada**».

A Federação insistiu na validade de propostas suas anteriormente apresentadas e que a serem adoptadas «**teriam resolvido grande parte dos problemas com que as empresas do sector se debatem**».

*À partida para Luanda*

# Benfica "fura" os regulamentos ao "raptar" dois jogadores

**Ainda que o Benfica tenha partido com a comitiva do FC Porto para Luanda, onde disputarão conjuntamente com o Petro da capital angolana e o Vasco da Gama do Rio de Janeiro um importante torneio internacional (que será acompanhado pelo nosso enviado especial Neves de Sousa) não deixa de continuar bem vincado o confronto entre o clube liderado por Fernando Martins e a Federação Portuguesa de Futebol, em virtude desta não ter correspondido ao pedido de cedência dos futebolistas Veloso, Nunes, Álvaro e Dito que se encontram integrados no elenco da selecção com vista ao encontro com a Itália.**

E o conflito ressalta mais evidente com o presidente benfiquista a romper com a legislação em vigor ordenando que Samuel e José Carlos (igualmente seleccionados para a equipa de «esperanças») não comparecessem ao estágio federativo (marcado para hoje) e partissem com os seus companheiros para Luanda. Naturalmente que esta decisão poderá custar ao clube da Luz a multa de 500 contos (cem mais duzentos por jogador) e suspensão dos futebolistas.

Estaremos perante novo caso de estilo «saltilhiano»?

### «Silva Resende não tem força para prejudicar o Benfica»

O presidente do Benfica, Fernando Martins, não poupou a críticas o presidente da Federação Portuguesa de Futebol (Silva Resende) a quem acusou de «**mau dirigente**» momentos antes da partida dos «encarnados» para Angola.

Fernando Martins, que chegou ao aeroporto da Portela uma hora depois da comitiva benfiquista e duas horas antes do embarque, afirmou que «**o desporto está a ser mal dirigido pelos dirigentes da F.P.F.**». «**Temos já o exemplo de Saltillo e estava-se a arranjar outro caso Saltillo com o Benfica**» acrescentou Martins para quem «**Silva Resende não gosta do Benfica mas não o consegue prejudicar porque não tem força suficiente para isso**».

O presidente do clube «encarnado», que esteve a um passo de não seguir viagem para Angola, disse que «**pusemos à frente os interesses do País em prejuízo dos interesses dos desporto**». «**O Benfica em Angola também vai defender o futebol português. Nós dialogámos antes com Silva Resende e o seleccionador mas isso não resultou em nada**» acrescentou o presidente do Benfica.

### «Os clubes conheciam o programa das selecções»

O presidente da Federação Portuguesa de Futebol, Silva Resende, afirmou ser «impensável dispensar» os jogadores do Benfica convocados para as selecções para disputarem um torneio em Angola.

**O plano de preparação para o jogo de tão grande responsabilidade como o Portugal - Itália foi elaborado há muito tempo e era conhecido de toda a gente incluindo os clubes,** referiu Silva Resende, tendo ainda sublinhado que a paragem do campeonato teve em vista o descanso psicológico e físico dos jogadores convocados para as selecções e não para irem fazer uma viagem de milhares de quilómetros.

### As comitivas

**BENFICA:** Fernando Martins (presidente e chefe da delegação); António Dias (secretário-geral); Francisco Calado (director do departamento de futebol); John Mortimore (treinador); Toni e Eusébio (adjuntos); dr. Palma Miranda (médico); Hamilton Marques (massagista); Luís Fernandes (jornal «Benfica»); José Luíz Vaz (roupeiro), e os jogadores Silvino, Neno, Edmundo, Carlos Manuel, Chiquinho, Rui Águas, Shéu, Vando, Oliveira, Tueba, Manniche, José Luís, Samuel, José Carlos, Bastos Lopes, Gonçalves e César Brito.

**FC PORTO:** Pinto da Costa, Reinaldo Teles (em substituição de Teles Roxo), Artur Jorge, Octávio, Luís César, Domingos Gomes e os jogadores Amaral, João Pinto, Lima Pereira, Laureta, Inácio, Festas, Sousa, André, Jaime Magalhães, Gomes, Juary, Casagrande, Futre, Vermelhinho, Eloy, Celso, Paulo Ricardo, e o guarda-redes júnior, Best.

*Portugal, 1 - Bélgica, 0*

# Triunfo para "animar a malta"

Portugal venceu a Bélgica por 1-0, em jogo particular de preparação para o Campeonato Europeu de Futebol, efectuado no Estádio 1.º de Maio, em Braga.

A selecção portuguesa foi claramente superior ao seu adversário, sobretudo no capítulo técnico, actuando com assinalável autoconfiança. A Bélgica apareceu de início mais determinada, com pressão constante sobre o meio campo, tentando, através de lançamentos longos, nas costas da defesa lusitana, surpreender o guarda-redes Jesus. Deste modo, as primeiras situações de perigo pertenceram aos belgas, nomeadamente por intermédio de Clarssen, que aos 11 minutos rematou forte à entrada da área, correspondendo Jesus, com uma boa defesa.

A partir dos 15 minutos, porém, o seleccionado português começou a subir de produção e a criar situações de apuro junto da baliza adversária. Assim, aos 37 e aos 43 minutos, Portugal esteve prestes a inaugurar o marcador, mas Nascimento e Álvaro, respectivamente, não acertaram com os seus remates.

O primeiro e único golo da partida ocorreu aos 45 minutos, na sequência de uma tabela entre Veloso, Coelho e **Frasco** sobre o lado direito, com remate deste último na passada, colhendo Bodart a meio da viagem.

Na segunda metade, e embora o técnico belga tenha operado substituições, na tentativa de mudar a feição do jogo, a verdade é que Portugal continuou a ser o conjunto mais acutilante e de novo prestes a marcar aos 46 minutos, por Jaime, e aos 52, por Frasco.

À passagem dos 65 minutos assistiu-se a uma reacção belga que gerou um relativo equilíbrio a meio-campo, o que teve como consequência retirar emotividade ao jogo. De salientar que esta subida belga não teve consequências no que respeita à criação de oportunidades de golo e que foi ainda Portugal que, aos 89 minutos, esteve à beira do 2-0, com Jaime a internar-se pela direita, a rematar rasteiro e Bodart a defender sem segurar o esférico, muito embora tenha repelido para canto a recarga de Costeado.

*Frasco arranca para o «golito» da vitória lusa*

Sob a arbitragem (regular do francês Joel Quiniou, as equipas alinharam:

**PORTUGAL:** Jesus; Veloso, Eduardo Luís, Dito e Álvaro; Nascimento, Jaime, Frasco (Costeado, aos 79m), Nunes (Jorge Plácido, 37m) e Quim; Coelho (Mário Jorge, 88m).

**BÉLGICA:** Robert; Gerets, Grun, Yanssen (Van Der Elst, 46m) e Vervort; Vercauteren, Demol, Vandermissen e Clarssen (M'Buyu, 59m); Scifo e Ceulemans (Weit, 46m).

## Quem são os 47 "seabrinhas"

A campanha do futebol português entra na sua fase decisiva actuando em três frentes nos próximos dias, com a realização dos encontros com a Itália nas categorias de Esperanças, dia 11, em Alvalade, «AA», no dia 14, no Estádio Nacional e Olímpicos, no dia 18, em Itália.

Para os respectivos jogos a Comissão Técnica da FPF convocou os seguintes jogadores:

SELECÇÃO A

Boavista: Coelho; Belenenses: Jaime; FC Porto: Zé Beto, Eduardo Luís, Frasco e Quim; Chaves: Jorge Plácido; Benfica: Veloso, Álvaro, Dito e Nunes; Sporting: Mário Jorge e Manuel Fernandes e Vitória SC: Jesus, Costeado, Nascimento e Adão.

ESPERANÇAS

Académica: Mito; Boavista: Parente, Barny e Caetano; Marítimo: João Paulo; Chaves: Júlio Sérgio; Portimonense: Skoda e Pacheco; Benfica: Samuel, José Carlos e Rui Pedro; Braga: Carvalhal; Espinho: Silvino; Sporting: Fernando Mendes e Litos; Varzim: Rui Barros e Vitória SC: Lopes.

OLÍMPICOS

Académica: Quinito; Boavista: Parente; Belenenses: Artur; Marítimo: Valério; Porto: Semedo; Chaves: Cerqueira e Jorge Silva; Portimonense: Mendes e Skoda; Rio Ave: Juanico; Salgueiros: Matias; Sporting: Oceano; Varzim: Lúcio; Vitória de Setúbal: Roçadas e Vitória SC: Miguel.

Como se vê, Parente e Skoda são alternativa às Esperanças e Olímpicos.

*Rui Seabra escolheu estes onze para a formação inicial do encontro de ontem*

**COMISSÃO COORDENADORA DAS COMISSÕES DE TRABALHADORES DA CINTURA INDUSTRIAL DE SETÚBAL – CIS**

# CONVOCATÓRIA

Nos termos do Capítulo II dos Estatutos da Comissão Coordenadora das Comissões de Trabalhadores da Região de Setúbal (CIS), convocam-se todos os membros de comissões de trabalhadores aderentes para um acto de votação a realizar no dia 25-2-87, com o seguinte objectivo:

**Eleição da Comissão Coordenadora das Comissões de Trabalhadores do Distrito de Setúbal (CIS)**

**Local:** Haverá uma mesa de voto em cada comissão de trabalhadores na qual só poderão votar os respectivos membros.

**Horário:** O acto de votação decorrerá durante uma reunião geral extraordinária de cada comissão de trabalhadores, expressamente convocada para o efeito, das 9.00 às 11.00 h.

**Setúbal, 5 de Fevereiro de 1987**

***A COMISSÃO ELEITORAL***

## Máximos

### Atletismo

Os canadianos Ben Johnson e Ângela Issajenko-Taylor esbeleceram novos recordes mundiais dos 50 metros em recinto coberto, durante o Grande Prémio Internacional de Atletismo de Otava.

Johnson fez 5,55 segundos, melhorando o anterior recorde de 5,61 que pertencia a Manfred Kokot, da República Democrática Alemã, desde Fevereiro de 1973.

●

O norte-americano António McKay estabeleceu em Estugarda a melhor marca mundial dos 300 metros em pista coberta com 32,51 segundos.

McKay, medalha de bronze em Los Angeles, gastou menos 0,21 segundos que o anterior recorde do alemão-federal Erwin Skamrahl.

●

Na prova feminina, Ângela Issajenko-Taylor fez os 50 metros em 6,06 segundos. O anterior recorde mundial era de 6,11 segundos e pertencia a Marita Koch, da RDA, desde Fevereiro de 1980.

## Marcel de Almeida era só "fumaça"

Marcel de Almeida – até ontem anunciado como provável concorrente ao cargo de presidente do Benfica – convidou os representantes dos órgãos da Comunicação Social para um encontro, durante o qual comunicaria de que, embora reconhecendo **«que a liderança do Benfica no desporto nacional está ameaçada, que o clube perdeu vitalidade e que o seu prestígio está a ser posto em causa nos confrontos internacionais»**, não poderia entrar na corrida presidencial por indisponibilidade de tempo, informando, ainda, de que se iria manter alheado de todo o processo eleitoral decorrente por **«não considerar correcto integrar candidaturas já anunciadas, depois de haver congregado à volta da sua eventual candidatura sócios de passado clubista distinto»**.

Enfim, considerando o empenhamento que se verificara através da sua «comissão de apoio» e a comunicação de ontem, fica-nos a dúvida se não terá começado a esboçar-se a campanha para as eleições de 1989.

## Hoje: festa na Amadora

O Estrela da Amadora é um clube em constante crescimento e começa a constituir um verdadeiro caso de orgulho dos seus dirigentes, associados e população do concelho. Esta noite, mais um importante melhoramento irá ser assinalado, quando, pelas 21 horas, alguém carregar no «botão» e o campo ficar iluminado. Para apadrinhar o acontecimento estará presente a equipa de futebol do Schalke 04 da RFA que, com início às 21.30 horas, defrontará o Estrela agora orientado por Fernando Cabrita e que, recorde-se, ocupa a 2.ª posição da classificação da Zona Sul da II divisão, a três pontos do líder (Vitória de Setúbal).

## Rosa e Aurora na maratona de Eikeden

Rosa Mota e Aurora Cunha participam (dia 22) na maratona de estafetas de Ekiden, no Japão.

A representação portuguesa integra ainda as atletas Albertina Machado, Conceição Ferreira e Ana Moreira, todas do Sporting de Braga, Albertina Dias, do Boavista, e Lucília Soares, do Benfica.

A maratona de Ekiden é uma prova com a extensão de 42,195 metros e compreende seis percursos, estando inscritos grandes nomes do atletismo feminino mundial.

Entre outras, estarão presentes a norueguesa Ingrid Kristiansen, a norte-americana Mary Decker Flaney e a soviética Tatiana Kazankina.

## Argélia combate violência

As autoridades desportivas argelinas formaram uma comissão com o objectivo de criar medidas que ponham termo à violência entre adeptos rivais nos estádios de futebol.

A decisão governamental surgiu na sequência de graves incidentes no final do jogo entre o Tizi Ouzon e o líder Setif para o campeonato e dos quais resultaram 109 espectadores feridos.

**TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA**
**8.º JUÍZO**
**ANÚNCIO**

Acção com processo ordinário (Reivindicação) n.º 2539 da 3.ª Secção.

AUTORA — Maria Amélia Almeida Sequeira de Oliveira, residente na Quinta da Caldeira, Edifício 3-A-5.º letra D, a Santo António dos Cavaleiros, Cidade Nova, Loures.

RÉUS — António Manuel dos Santos e mulher Eva dos Santos, residentes na Rua das Baldracas, n.º 18 r/c dt.º Lisboa.

CITA-SE o chamado ARMANDO HENRIQUES CUSTÓDIO, que teve a última residência conhecida no Bairro da Quinta das Laranjeiras, Rua Nossa Senhora de Fátima, n.º 6 — Olivais Sul em Lisboa, para no prazo de CINCO DIAS, depois de decorridos 30 dos éditos, a contar da 2.ª e última publicação deste anúncio, declarar se aceita ou não o chamamento à autoria deduzido pelos réus, acima identificados, sendo por este meio advertido de que se declarar que não aceita, a sentença que vier a ser proferida sobre o mérito da causa vale como caso julgado qunato ao ora citando, bem como de que se não fizer declaração alguma, a causa segue contra ele e os primitivos réus, podendo o citando intervir na causa como assistente.

O duplicado do chamamento encontra-se na secretaria Judicial deste Juízo à disposição do citando

Lisboa, 20 de Janeiro de 1987

*O Juiz de Direito,*
*a) JORGE DOS SANTOS*
*O Escrivão Adjunto,*
*a) JOSÉ ANTÓNIO COSTA PENAFORTE*

«DL» 5/2/87 — 2.ª Pub.

**TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ELVAS**

**ANÚNCIO**

Processo n.º 1407/87
2.ª Secção

No dia 26 (vinte e seis) do próximo mês de Fevereiro, pelas 11 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, nos autos de carta precatória vinda do 14.º Juízo Cível da comarca de Lisboa, extraida de uns autos de execução ordinária em que é executada a CAIA-Companhia Alentejana de Indústrias Alimentares, Lda, com sede na Herdade da Godinha-Campo Maior, há-de ser posto em praça pela primeira vez, para se ARREMATAR ao maior lanço oferecido acima do valor indicado no processo, UM CONTÍNUO SR 14 e um T-15, devidamente equipado, em bom estado de conservação.

É fiel depositário do mesmo o senhor JOÃO DE ALMEIDA TOMÉ, residente na sede da executada, que o mostrará a quem o pretenda fazer e durante o período dos éditos.

Elvas, 27 de Janeiro 1987

**O Juiz de Direito,**

*Maria da Luz Neto da Silva Baptista*

**O Escrivão de Direito,**
*Etelvino José Candeias Miranda Gaocho*

«DL» 5/2/87 — 1.ª Pub.



*E vão oito*

# PORTIMONENSE ESCOLHE BRASILEIRO PARA RENDER VÍTOR OLIVEIRA

O técnico brasileiro Paulo Roberto Dias (discípulo de Otto Glória) é o novo técnico da equipa de futebol do Portimonense da primeira divisão em substituição de Vítor Oliveira, a nova «vítima» das «chicotadas psicológicas» no campeonato nacional.

Paulo Roberto Dias, 42 anos, que trabalhou ao lado de Otto Glória quando este comandou a selecção da Nigéria, treinou equipas brasileiras como o Vasco da Gama e Flamengo e chegou ontem a Portimão, depois de ter cumprido um contrato na Arábia Saudita.

Alegando que o novo técnico é formado em educação física, o Portimonense, decidiu ainda prescindir dos serviços do preparador físico Monge da Silva, que tinha contrato com o clube por mais duas épocas.

O dirigente Mendes Pinto, do departamento de futebol do Portimonense afirmou que **o clube foi surpreendido pela decisão de Vítor Oliveira de colocar o seu cargo à disposição e só por isso optou pela escolha do novo treinador».**

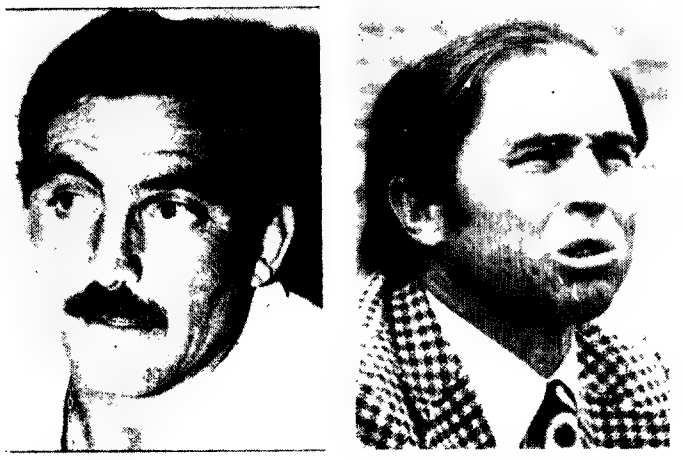
Exibindo um optimismo tipicamente sul-americano, Paulo Roberto Dias confessou ter escassas informações sobre o Portimonense e os seus jogadores, mas mostrou-se confiante no valor da equipa e na recuperação no nacional da primeira divisão.

O novo responsável pela equipa algarvia será apresentado aos jogadores no treino que se realiza hoje pelas 14 horas.

### Manuel Oliveira é esperado (hoje) no Funchal

Manuel Oliveira poderá dirigir amanhã no Funchal o primeiro treino da equipa de futebol do Marítimo, em virtude de existir um acordo total entre as duas partes», embora a existência de um contrato entre Manuel Oliveira e a selecção de futebol da Guiné-Bissau (validado até Março) determine a realização de negociações com a Direcção-Geral dos Desportos.

Manuel Oliveira já treinou o Marítimo em épocas anteriores e numa delas o clube ascendeu da segunda à primeira divisão nacional. Por outro lado, o chefe do departamento de futebol desmentiu que a direcção do clube madeirense tenha já decidido rescindir contratos com alguns futebolistas que integram o plantel, embora anunciasse que «decorrem negociações, sendo possível que hoje à noite possa haver novidades».



*Vítor Oliveira sai do Portimonense, enquanto Manuel Oliveira tem «portas abertas» no Marítimo*

## Violência por cá

A Guarda Nacional Republicana, através dos militares do seu dispositivo que policiaram encontros desportivos realizados em recintos localizados na zona de acção, registaram, no último fim-de-semana, 21 incidentes em 17 jogos de futebol donde se infere que, alguns encontros verificaram-se mais do que uma ocorrência.

Os tipos de incidentes consistiram em 11 agressões ou tentativas de agressão a árbitros e fiscais de linha, 4 invasões de campo, 2 casos de injúrias a árbitros, 2 casos de arremesso de objectos para o interior dos campos e 2 desordens (com agressões) entre jogadores. Os efectivos da Guarda Nacional Reppublicana foram chamados a intervir para pôr cobro às situações de alteração de ordem pública e para colher elementos de identificação dos desordeiros (quando possível) a fim de elaborar participações das corrorências para as instâncias competentes.

O Distrito do Porto registou incidentes em 4 jogos, Lisboa e Braga em 3 jogos cada, Viseu e Aveiro, em 2 jogos e Setúbal, Viana do Castelo e Coimbra com 1 jogo com incidente em cada um dos Distritos.

A Imprensa madeirense anunciava hoje a possibilidade de o clube madeirense rescindir contratos com alguns jogadores, apontando os casos de Costa e de um ponta-de-lança estrangeiro.

### Sporting: derrota no México

O Sporting disfrutou ontem, em Queretaro, o 2.º encontro da sua deslocação aos EUA e México, tendo sido derrotado pela selecção mexicana por 2-1.

A selecção mexicana jogou bem no primeiro tempo, conseguindo aos 6 minutos, marcar o primeiro golo na transformação de uma grande penalidade apontada por Mendizabal, tendo o 2.º golo dos mexicanos surgido aos 24 minutos, quando Mendizabal centrou e Romero vindo de trás, marcou de cabeça.

Aos 44 minutos, o árbitro mexicano, José António Garza, foi rigoroso ao expulsar o defesa português Morato, atitude que prejudicou a equipa de Lisboa.

Na segunda parte do encontro os dois técnicos alteraram as equipas, tendo a equipa do México baixado muito de produção, perante um adversário experiente e duro.

O golo dos portugueses foi apontado por **NEGRETE** aos 70 minutos e as equipas alinharam:

**MÉXICO:** Pineda; Lugo, Zavala, Herrera e Munoz; Fernandez, Romero e Diaz; Becerra, Lira e Mendizabal.

**SPORTING:** Damas; João Luís, Morato, Mário e Virgílio; Zinho, Silvino, Marlon e Houtman; Negrete e Meade.

### Guina já está no Restelo

O brasileiro Guina acabou por solucionar questões pendentes que tinha com o Múrcia e já se encontra no Restelo à disposição do técnico Henri Depireux. Será que lhe irá ser distribuída a camisola n.º 10?

### Dínamo de Bucareste veio defrontar a Académica e o Benfica

O Dínamo de Bucareste efectua um estágio em Portugal, na próxima semana, e tem previstos jogos com a Académica de Coimbra (dia 12) e com Benfica (dia 15).

A deslocação do Dínamo de Bucareste, está praticamente assente, faltando apenas limar algumas questões burocráticas que se prendem com a obtenção das necessárias autorizações para a deslocação.

### Seleccionador sueco não receia confronto com a Itália

O treinador da selecção sueca de futebol (Olle Nordin) adversário de Portugal no grupo 2 da fase de qualificação para o «Europeu», afirmou-se convicto de que derrotará a Itália para a fase de apuramento.

«Acredito nos meus jogadores e a força da Itália não me assusta. A Itália possui muitos jogadores do topo mundial mas passaram por grandes dificuldades para vencer a Suíça em casa» disse Olle Nordin.

A Itália defronta Portugal no dia 14, mas Nordin não adiantou favoritos para o encontro. **Portugal pode tornar-se um verdadeiro perigo se vencer essa partida. Tudo o que nós devemos fazer é vencer todos os encontros em nossa «casa» porque não espero qualquer ajuda das outras equipas, afirmou o seleccionador sueco.**

A Suécia recebe a selecção de Malta a 6 de Maio e a Itália a 3 de Julho em Estocolmo.

## Volta à Andaluzia: Acácio lá vai pedalando

Acácio da Silva classificou-se em 95.º lugar na segunda etapa da Volta à Andaluzia em bicicleta, ganha pelo belga Noel de Jonckheere.

O vencedor percorreu os 185 km entre Marbella e Cadiz em 5 h 18 m 26 s e Acácio da Silva fez o tempo de 5 h 18 m 55 s.

Em 2.º e 3.º lugares na etapa, com o mesmo tempo do vencedor, cortaram a meta, respectivamente, o espanhol Antonio Esparza e o canadiano Steve Bauer.

A classificação geral é liderada pelo espanhol Jesus Blanco Villar, que totaliza 10 h.36 m.13 s, seguido de Rolf Golz, da RFA, com 10 h 36 m 15 s e do espanhol Julian Gorospe, com 10 h 36 m 19 s. Em 4.º lugar, com 10 h 36 m 22 s, está o francês Marten Ducrot, e em 5.º o italiano Moreno Argentin, com 10 h 36 m 24 s.

Acácio da Silva encontra-se em 44.º lugar da geral, com 10 h 38 35 s.

# EM PORTUGAL

| | T. 6 h | Min. | Prec. | Às 13 h. |
|---|---|---|---|---|
| | 2 | 2 | 0,0 | Limpo |
| | 2 | 2 | 0,0 | Limpo |
| | 2 | 2 | 0,0 | Limpo |
| | 3 | 2 | 0,0 | Nevoeiro |
| | – | – | – | – |
| | 5 | 5 | 0,0 | Nevoeiro |
| | 13 | 12 | 0,0 | Muito nub. |
| | – | – | – | – |
| | 8 | 7 | 0,0 | Limpo |
| | 8 | 7 | 0,0 | Limpo |
| | 6 | 6 | 0,0 | Neblina |
| | 4 | 3 | 0,0 | Nevoeiro |
| | 8 | 8 | 0,0 | Limpo |
| | 11 | 11 | 0,0 | Limpo |
| | 15 | 15 | 0,0 | Muito nub. |
| | 14 | 13 | 0,0 | Pouco nub. |

**...a para hoje: Lisboa 17, Porto 14, ...gada 17, Funchal 19.**

*Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm*

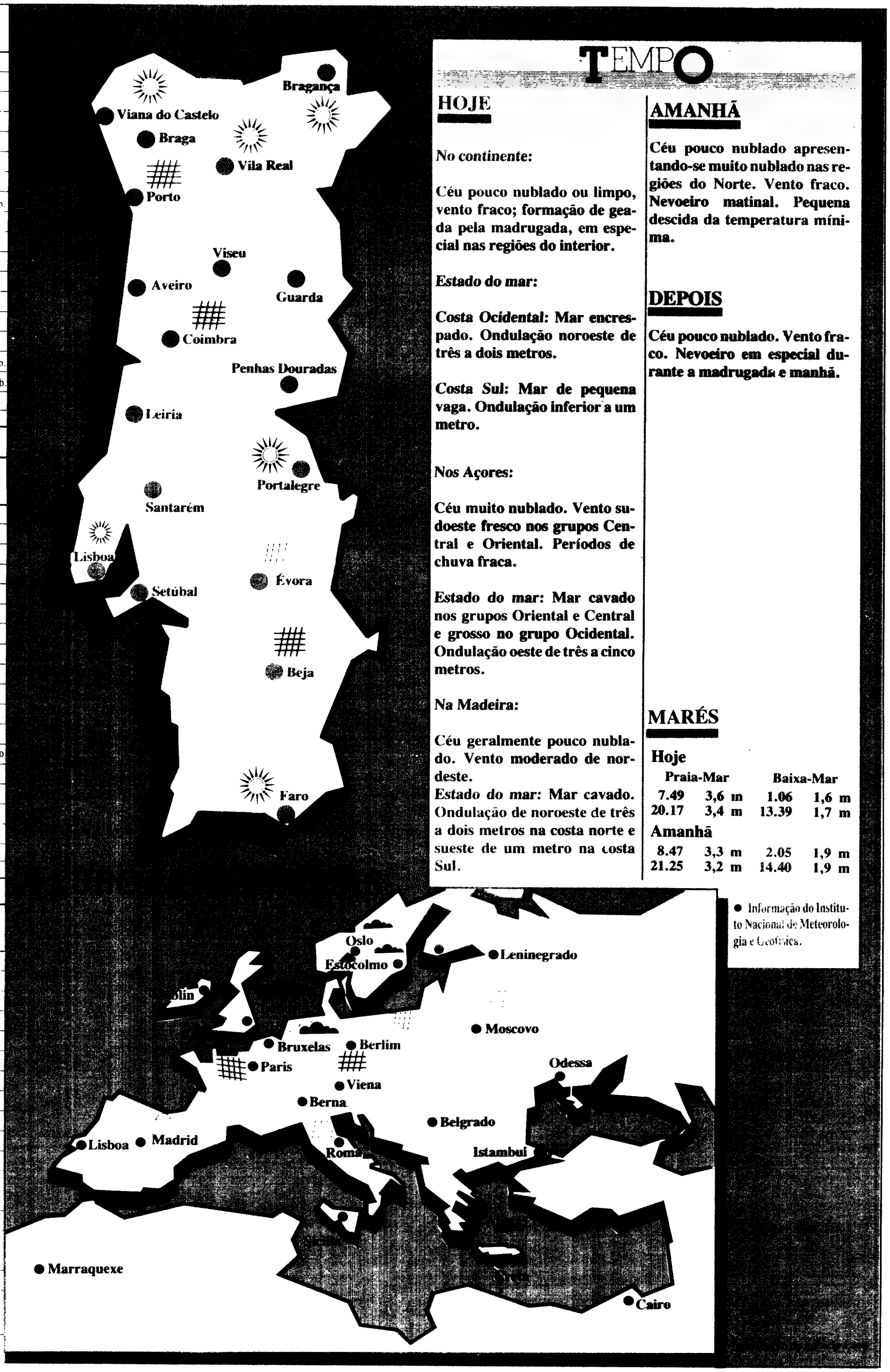
# NE

| T. 7 h | Min. | Às 13 h. |
|---|---|---|
| 0 | -1 | Pouco nub. |
| 7 | 6 | Muito nub. |
| 0 | 0 | Nevoeiro |
| 2 | 1 | Encoberto |
| 2 | 1 | Nevoeiro |
| 1 | -1 | Nevoeiro |
| 8 | 8 | Neblina |
| 0 | -6 | Muito nub. |
| 0 | 0 | Nevoeiro |
| 2 | 2 | Muito nub. |
| 0 | 0 | Neblina |
| -13 | -14 | Nevoeiro e gelo |
| -1 | -7 | Neve |
| 7 | 6 | Muito nub. |
| -6 | -6 | Neblina |

*Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm*

# NM

| | Min. | Max. | Às 13 h. |
|---|---|---|---|
| | 16 | 25 | Chuva |
| | 16 | 29 | Nublado |
| | 11 | 21 | Limpo |
| | -5 | 0 | Neve |
| | 9 | 24 | Limpo |
| | 1 | 11 | Limpo |
| | 22 | 34 | Nublado |
| | 11 | 16 | Limpo |
| | 19 | 26 | Nublado |
| | 2 | 7 | Nublado |




# TEMPO

## HOJE

*No continente:*

**Céu pouco nublado ou limpo, vento fraco; formação de geada pela madrugada, em especial nas regiões do interior.**

**Estado do mar:**

**Costa Ocidental: Mar encrespado. Ondulação noroeste de três a dois metros.**

**Costa Sul: Mar de pequena vaga. Ondulação inferior a um metro.**

**Nos Açores:**

**Céu muito nublado. Vento sudoeste fresco nos grupos Central e Oriental. Períodos de chuva fraca.**

**Estado do mar: Mar cavado nos grupos Oriental e Central e grosso no grupo Ocidental. Ondulação oeste de três a cinco metros.**

**Na Madeira:**

**Céu geralmente pouco nublado. Vento moderado de nordeste.**
**Estado do mar: Mar cavado. Ondulação de noroeste de três a dois metros na costa norte e sueste de um metro na costa Sul.**

## AMANHÃ

**Céu pouco nublado apresentando-se muito nublado nas regiões do Norte. Vento fraco. Nevoeiro matinal. Pequena descida da temperatura mínima.**

## DEPOIS

**Céu pouco nublado. Vento fraco. Nevoeiro em especial durante a madrugada e manhã.**

## MARÉS

**Hoje**

| Praia-Mar | | Baixa-Mar | |
|---|---|---|---|
| 7.49 | 3,6 m | 1.06 | 1,6 m |
| 20.17 | 3,4 m | 13.39 | 1,7 m |

**Amanhã**

| | | | |
|---|---|---|---|
| 8.47 | 3,3 m | 2.05 | 1,9 m |
| 21.25 | 3,2 m | 14.40 | 1,9 m |

● Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

# ANTÁRCTIDA, O DESERTO BRANCO — II

# *Uma imensa fonte de riqueza*

J. Arcadio Velasco

**A foca foi dizimada quase até à extinção pelos aventureiros do séculossado; a foca elefante ou elefante marinho austral foi a vítima seguinte. Um homem armado com um garrote pode matar dúzias, pegando-lhes pela cabeça, já que são animais lentos e extremamente confiantes. Restam poucas baleias a seguir à exaustiva pesca do krill, alimento principal de cetáceos, focas, aves marinhas e de várias espécies de peixes, restarão ainda menos. O perigo seguinte para a conservação do Círculo Polar Antárctico é a exploração das suas terras, mas ainda não se sabe se será efectuada ou não.**

## Património da Humanidade

A Antárctida é uma das maiores e melhores zonas, nas quais a vida selvagem e as reservas energéticas e alimentícias estão preservadas e quase intactas. Pelo menos até agora, pois a sua exploração encontra-se paralisada pelo Tratado Antárctico de 1959, o qual estabelece que a invasão iniciar-se-á na década de 90. Como em qualquer questão de importância económica, existe um confronto de interesse por um lado, os partidários da exploração da superfície do continente e, por outro lado, os conservacionistas, os quais querem que a zona seja uma reserva natural. Instituições internacionais de todo o tipo — incluindo a ONU — têm sido testemunhas de todos estes confrontos. São partidários da exploração países como os Estados Unidos, e o Japão e o Chile e a Austrália são contrários à mesma.

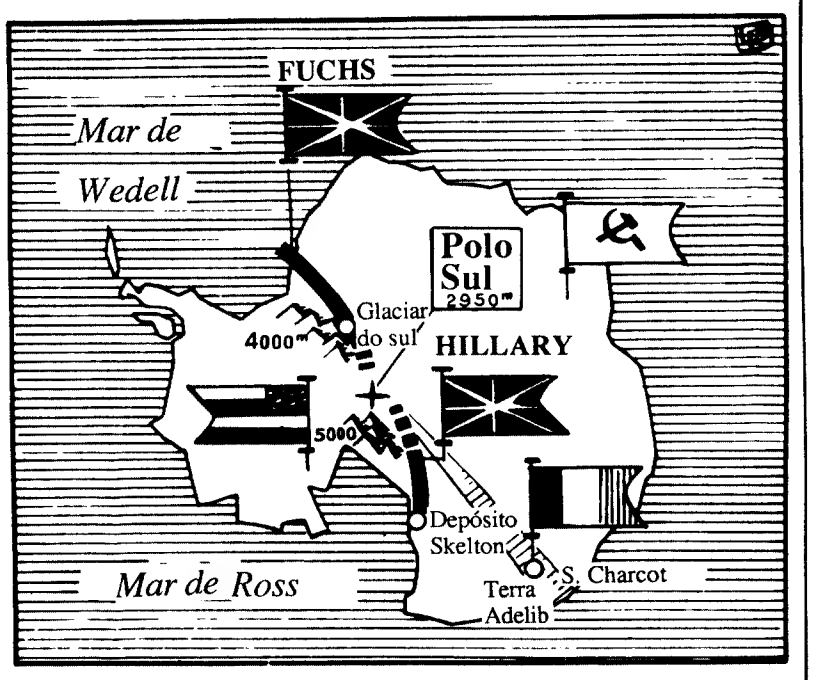
James Barnes, director do projecto da Antárctida e representante da organização Greenpeace nas Nações Unidas e J.C. Mosley, autor do relatório «Conceitos de protecção das áreas da Antárctida», definem claramente o problema. «Seria necessário — afirmou Barnes — acordar uma nova e maior moratória sobre a exploração dos recursos mineiros». Por seu lado, Mosley foi mais longe ao afirmar: «Estamos perante um desafio único: a possibilidade de incluir todo o continente e os mares que o rodeiam numa única reserva ou parque e isto não é apenas real, como também desejável». Utopia ou realidade? Os próprios detractores da exploração duvidam que seja possível parar os países nela interessados. Mas que riquezas esconde a Antárctida, que tanto interesse despertam?

## Uma torta gelada

Todos querem a sua porção: uns reclamam a soberania total ou parcial e outros contentam-se em entrar no banquete. A Espanha, que em 1983 realizou uma viagem à Antárctida, pretende também a sua parte. Uma linha constante de investigação é a premissa exigida para se ser membro de uma soberaniacompartilhada, daí as viagens contínuas que nações como o Brasil ou a Espanha realizam. Mas o assunto não acaba aqui. As riquezas que o Círculo Polar Antárctico são de tal modo importantes que até os países do Terceiro Mundo querem entrar no repasto.

Até há relativamente pouco tempo, as possibilidades de extracção rentável das riquezas antárcticas eram pouco mais que inexistentes. Neste momento, os avanços técnicos devem permitir a sua exploração rentável, daí o interesse mundial que o assunto desperta.

Os peritos afirmam que, em tempos remotos a Antárctida formava uma massa terrestre comum com o Sul de África, pelo que concluem que a sua estrutura geológica alberga, com toda a certeza, grandes depósitos mineralógicos. Por sua vez, as prospecções em busca de matérias energéticas foram completamente satisfatórias, calculando-se que o Antárctico ocidental pode conter uns oito mil milhões de toneladas de petróleo e algo mais de três biliões de metros cúbicos de gás. A existência de pirites, grafite, níquel, cobalto, cromo, ouro e outros minerais debaixo do frio território do Antárctico, tornam o sentar à mesa do repasto, muito mais apetecível.




## A exploração já começou

Já se realizaram incursões piratas por parte da União Soviética e do Japão. Ambos os países iniciaram a pesca de uma das espécies mais destacadas e importantes do seu potencial, o krill. O krill é uma criatura minúscula, semelhante ao camarão, que serve de alimento as numerosas espécies da zona, e cujo valor em proteínas é enorme. Com cinco centímetros de longitude, com 16% de proteínas e 7% de lípidos, constitui a maior reserva alimentícia de todos os mares do mundo. Foi localizado pela primeira vez no mar de Scotia, no Atlântico Sul. Uns pescadores surpreendidos viram como, subitamente, o mar se tingia de castanho avermelhado até alcançar tonalidades amareladas. Era o krill.

A União Soviética utilizava-o para cobrir parcialmente o seu défice, para o vender como pasta de pescado ou para o transformar em pó proteico para misturar com queijo.

A sua pesca é indiscriminada e calcula-se que duplicará nos próximos anos. Enquanto isto, as baleias, que já não são caçadas — ao menos oficialmente depois da moratória — as focas e outros animais da zona, confrontam-se com uma possível extinção. Actualmente, não as matam, mas tiram-lhes o alimento.

## III as estações científico-militares

# REVISTA EM DIA

Carlos Porto

«Escrita em Dia» (nova versão de **Isto é Maria Vitória).** Texto: **Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha** e **Mário Zambujal.** Música: **João Vasconcelos, Fernando Correia Martins** e **Nuno Nazareth Fernandes.** Cenografia: **Moniz Ribeiro.** Figurinos: **Helena Reis.** Coreografia: **José Luis Ardiz.** Interpretação: **Eugénio Salvador, Simone Oliveira, Francisco Nicholson, Delfina Cruz, Carlos Cunha, Marina Mota, Fernando Mendes, Leonor Edwiges, Nuno Emanuel, Júlia Alves, Carlos Ivo, Cláudia Cadima, Raquel Almeida, Marília Barroso, Cristina Areia, Ana Santos, Bela, Jós, Paula Rosado, Paulo Salgueiro, Pedro Palma, Rute Correia, Fernanda Guerra e Fernando Ribeiro.** Produção: **Ausenda Bastos** e **Hélder Freire da Costa.** Estreia: Teatro Maria Matos, 29-1-1987.

Já se sabe que a revista é, como sempre foi, uma espécie de jornal de actualidades. Aliás, começou por parodiar os acontecimentos do ano. Além disso, o êxito de uma revista por vezes impõe o seu prolongamento, o que leva a [illegible] de alguns dos seus aspectos de [illegible]. Uma terceira razão que justifica a apresentação de uma nova [illegible] são as alterações verificadas no elenco da companhia, o que também se passou no caso de «Isto é Maria Vitória». Todas estas razões, no entanto, talvez não sejam suficientes para justificar o aparato dessa renovação, acabando por pesar especialmente o facto financeiro: produzir uma revista totalmente nova é evidentemente muito mais caro do que uma nova versão que utiliza os mesmos cenários e o mesmo guarda-roupa, embora com alterações, quase que a mesma estrutura.

Como se sabe, a principal, talvez a única, contribuição portuguesa para a filosofia universal dá pelo nome de tomatismo (não confundir com tomismo), e a revista é um dos principais veículos da sua propagação. Parece que a RTP começou, nesse campo, a copiar a revista, a julgar por um artigo indignado de Maria Filomena Mónica («O Jornal Ilustrado», 30-1-1987), em referência a um programa da série «Quinta do Dois» que tive a sorte de não ver. Abençoada indignação a da articulista embora provavelmente sem resultados. Vem isto a propósito [illegible] revista, provavelmente [illegible] números novos, [illegible] de toda a revista. [illegible] por título O Embaixador dos [illegible] e parece que está tudo dito. [illegible] revista em relação à RTP [illegible] que guarda ainda alguma [illegible] de manobra, ou seja, de crítica, [illegible] o quadro, de que o [illegible] excelentemente interpretado por Nicholson acaba por não ser negativo. Tendo como ponto de partida essa manifestação de machismo lusitano, o número envia algumas setas certeiras que atingem vários alvos, a começar na própria expressão e a acabar na CEE.

A este, podemos acrescentar quadros como Paraíso dos Paraísos, Inquilina-Proprietária, A Anunciante (estes dois com esquemas conhecidos mas aproveitando-os com graça, bons trabalhos de Simone), o Teatro da Verdade, com alguma imaginação. Da versão anterior, além de outros, manteve-se um dos melhores, «Replay», agora interpretado por Delfina Cruz, que não faz esquecer, como é natural, Ivone.

Lamente-se o desaproveitamento do quadro sobre a Vereda Tropical com a boa ideia do «travesti» de Nicholson em Bina.

Além de Delfina Cruz, artista de revista com garra mas a que falta uma voz correspondente, Simone, Nicholson, Salvador, que se mantém senhor das suas personagens e da sua espantosa comunicabilidade (em Avô Cantigas e a óptima telenovela japonesa) garantem um nível de representação bastante produtivo. Citemos ainda Marina Mota e Carlos Cunha, as duas grandes revelações da revista em anos recentes (era interessante analisar a influência na recepção por parte do público dos seus trabalhos da situação familiar do jovem casal), Fernando Mendes, cada vez mais seguro e intencional, Nuno Emanuel, e duas jovens cada vez mais dignas de atenção: Leonor Edwiges, que se sai muito bem dos trabalhos que lhe cabem, e justificando ainda maiores responsabilidades, e Cláudia Cadima, com menos trabalho mas elemento a ter em conta, além de ser um dos rostos mais bonitos do teatro português.

A entrada de Nicholson deu mais força ao naipe masculino da revista, compensando em parte a saída de Ivone, perda irreparável. E algum do seu texto tem a marca da invenção que lhe é peculiar como por exemplo esta incrível definição: «Se não fossem os Mercedes não havia construção civil em Portugal».

Com alguns fatos bem imaginados por Helena Reis, alguma música audível, um bonito quadro que vem da revista anterior (Baile da Paz com os acordeonistas Fernanda Guerra e Fernando Ribeiro), alguns textos com piada, alguns bons trabalhos de actores, «Escrita em Dia», que parece ter um posicionamento crítico correcto, não sendo uma grande revista, continua a merecer a visita, em especial dos fãs do género (a maioria dos portugueses, suponho).

***Um livro de Modesto Navarro***

# "Morte no Douro": debate em Trás-os-Montes

A Editora Ulmeiro vai realizar sessões de apresentação do romance «Morte no Douro», de Modesto Navarro, em Mirandela, Moncorco, Carrazeda de Ansiães e Vila Flor, amanhã, sábado e domingo.

Para além do autor, participam nas sessões o dr. Luís Carvalho Oliveira, proprietário na Região Demarcada do Douro, o professor Luís Correia e o cantor Francisco Ceia.

Trata-se de iniciativas culturais de inegável interesse para aquela zona do Sul do distrito de Bragança que está integrada na Região do vinho do Porto.

Em todas as sessões, haverá colóquios, canções e espaço para autógrafos com o autor de «Morte no Douro».

No dia 6, às 21 horas, terá lugar a primeira sessão, em Mirandela. Consta também de uma especial homenagem a Joaquim Natal, mestre alfaiate de Mirandela já falecido, a quem o livro é dedicado, com uma intervenção do dr. Gabriel Salazar, advogado daquela cidade. Esta sessão decorrerá na Associação de Socorros Mútuos dos Artistas Mirandelenses.

No dia 7, respectivamente às 15 horas e às 21 horas, terão lugar em Moncorvo (no Cine-Teatro) e em Carrazeda de Ansiães (na Casa do Povo) novas sessões de apresentação do livro e colóquios sobre questões do vinho do Porto, seguidas de actuações do cantor Francisco Ceia.

No dia 8, às 15 horas, terá lugar a última sessão de apresentação do livro, seguida de colóquio e actuação de Francisco Ceia, em Vila Flor, na Escola do Ciclo Preparatório.

A acção do romance «Morte no Douro» decorre nos concelhos de Vila Flor e Carrazeda de Ansiães e na região.


RTP PAR ou ÍMPAR

| | CRIATIVIDADE | QUESTIONÁRIOS | JOGOS | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| A | REPORTAGEM | CINEMA | VOLEI | LIVROS | CONTAS | ☐ |
| B | ENTREVISTA | HISTÓRIA | FRASE LOUCA | QUADRO | MAIS OU MENOS | ☐ |
| C | IMITAÇÃO | DESPORTO | PALAVRAS | PESO | SPIRIBOL | ☐ |
| D | RITMO | CONVIDADO | ERRO | BASQUETE | CAVALO | ☐ |
| E | REPRESENTAÇÃO | NATUREZA | SONS | TIRO AO ALVO | ESPELHO | ☐ |

Nome ______________________ Telef. ______________

Morada ______________________ C.Postal ______________

RECORTE PELO TRACEJADO
Cole num Postal dos CTT e envie para
APARTADO 4 317 – 1 508 LISBOA – CODEX

assinale com uma cruz no quadrado respectivo o conjunto de provas em que deseja participar ASSINALAR MAIS QUE UM QUADRADO ANULA O BOLETIM

# A NOITE: HORÁCIOS E CURIÁCIOS

O «Contra Regra» - Centro de Actividades Culturais e de Produção de Espectáculos, tem desde ontem em cena, na bela sala da Caixa Económica Operária (R. da Voz do Operário, 64-2º), um espectáculo subordinado ao título «Dos Horácios e Curiácios à Noite», que é constituído pela encenação da peça de Bertolt Brecht «Os Horácios e os Curiácios» (ainda não levada à cena entre nós) e tendo por epílogo «A Noite», com letra e música de José Mário Branco.

O Grupo «Contra Regra» apresenta esta encenação de Brecht/José Mário Branco, numa primeira série de 5 espectáculos (até dia 7 às 21,30 e dia 8 às 18 horas): por isso lhe propomos hoje, leitor, uma visita (quanto antes), dentro deste horário, ao teatrinho da Caixa Económica Operária.

Acrescente-se que o espectáculo não conta com quaquer subsídio (oficial ou particular), para além de dois reduzidos apoios, do Instituto Alemão e da Internacional Viagens. Além disso não poderá ter uma carreira contínua em virtude de vários elementos da equipa (18 pessoas ao todo) se terem visto obrigados a aceitar outros compromissos profissionais.

Mas se de todo não se puder deslocar ao Teatro da Caixa Económica Operária até ao próximo domingo, é tudo uma questão de estar atento à divulgação das datas das próximas séries de espectáculos.

E Já agora, a constituição de elenco, que é o seguinte: António Solmer, Vítor Norte, Abílio Luís, Maria Emília Castanheira, Teresa Garcia Fernandes, Zé Alexandre, Marta Branco, F. Pedro Oliveira, Alfredo Nunes, Ana Maria Pereirinha, Sofia Trincão e Eduarda Dionísio, que também assina a dramaturgia e o espaço cénico. As operações de luzes e som estão a cargo de Jorge Narino e Olga Lobo. Zé Luís à bateria.

E pronto, agora é só ver «Dos Horácios e Curiácios à Noite». Valeu ?

*A Orquestra da Felicidade do Brilho e da Glória, que esta noite acompanha, no Loucuras, Janita Salomé*

## MÚSICA

• Grande Auditório da Gulbenkian: às 21,30, mais um concerto da Orquestra Gulbenkian, sob a direcção do maestro Fernando Eldoro e em que actuam os solistas Filomena Amaro, soprano e Davir Pittman-Jennings, barítono, que interpretarão obras de Alan Hovhaness (Anabasis) e de Frieg (pier Gynt - 1ª e 2( suites). Este concerto será repetido amanhã, às 18,30.

• Cervejaria Trindade: recomeçam, das 18,30 às 19,30, as sessões de Música das quintas-feiras, orientadas pelo maestro José Atalaya. Hoje, com Grazi e Vasco Barbosa interptetando obras de Granados, Sarasate, Falla e Ravel (a Tzigane). Entrada livre, sem consumo.

• Loucuras (Av. Pedro Álvares Cabral, 35): Mais uma «quinta-feira tranquila», com Janita Salomé, que esta noite «abandona» o seu reportório habitual para fazer uma viagem à sua infância «apaixonada pelas canções italianas».

• Salpico Bar (R. Prior do Crato, 55): sextas e sábados, música variada com Sérgio Eduardo e Zé Alves do Poço.

• Quadra de Copas-Bar (R. Washington, 17): sextas e sábados, música variada com Paulo Sargento e Rui Pimpão; às sextas também fado com António dos Santos.

• Drogaria Ideal (R. do Conde, 57): quartas, música sul-americana dos anos 60 com Julian Del Valle; quintas, música portuguesa com Maria Paula (piano e voz); sextas e sábados, música francesa com Mila Ferreira acompanhada ao piano por Rui Moura.

• Bar-Estúdio Lachor (C. da Pampulha, 11): quartas-feiras, Luís Cerqueira ao piano; sextas e sábados, música afro-brasileira com Fernando Carvalho.

• Reza Forte Restaurante (R. Vale do Perciro, 9): todos os dias ao jantar, show com Rabo de saia e As Mulatas que não estão no Mapa. A partir das 17, bar tropical com música ao vivo e bebidas típicas do Brasil.

• Rock Rendez Vous (R. da Beneficência, 175).

• Hit Pub (R. Antero Figueiredo, 6-F): segundas, Carlos Bastos; quintas, música dos anos 60 com Sérgio.

• Pasta e Basta (R. do Cura, 3-A): sextas e sábados, às 21, Outra Banda.

## EXPOSIÇÕES

• Galeria Codilivro - Praça dr. Nuno Pinheiro Torres, 2-A : patente uma exposição de Pintura de D´Assis Cordeiro. De segunda a sábado das 15 às 20, até 6 de Fevereiro.

• Palácio Foz (Restauradores): Exposição de fotografias de Vasco Calixto, sobre «Viagem na Islândia e Ilhas Faroe».

• Museu Nacional do Traje: Teresa Ribeiro expõe tapeçarias.

• Sala Boca de Cena (R. Duque de Palmela, 6-A): Inácio Matsine expõe óleos, aguarelas e litografias. De segunda a quinta das 17 às 24, sextas, sábados e domingos das 17 às 3.

• Galeria Módulo (Av. António Augusto de Aguiar, 56-5º): «Agathe Gaillard - o Perfil de uma Galeria». Exposição dedicada à galeria parisiense de fotografia onde têm exposto artistas tão importantes como Alvarez Bravo, Bill Brandt, Deisneau, Lartigue e Northelfer, entre outros. Até 6 de Março.

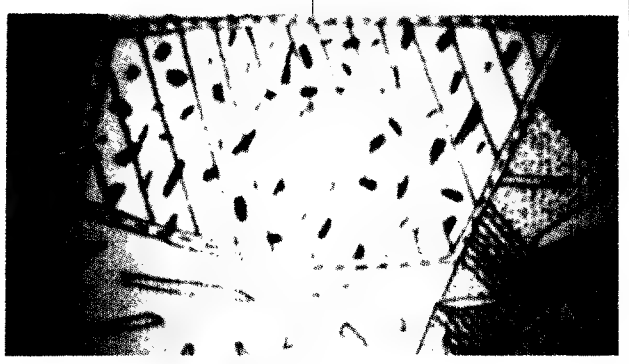
• Instituto franco-Português (Av. Luís Bivar, 91): Fotografia de Bretrand Clech até 27 de Fevereiro.

• Centro de Arte Moderna: Fotografias de Jorge Molder, de 3ª a domingo das 10 às 17.

• Galeria S. Francisco (R. Ivens, 40): Exposição de Lourdes Leite até 28 de Fevereiro. De 2ª a 6ª das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 10 às 13.

• Galeria 601 ( Centro Comercial S. João de Deus ): exposição de Pedro Amâncio, patente de terça a domingo das 12 às 20.

• Instituto Franco-Português: Fotografias de Philippe Salaun até 27 de Fevereiro.



*Videofotografias de Francisco Rúbio*

• Vale Tudo Menos Tirar Olhos (R. Rodrigo da Fonseca, 25): exposição de fotografias de Francisco Rúbio com o título «Videografias». Até 21 de Março, de terça a sábado das 15 às 20.

• Palácio dos Corucheus: Pintura de Lourdes Gracinda de Almeida e Sousa. Até 14 do corrente, das 10 às 12 e das 14 às 18.

• Livraria Barata, Av. de Roma, 11-A : Manuel Viana expõe 20 desenhos a pastel sobre suporte de papel. Até 15 de Fevereiro, de 2ª a sábado das 12 às 23.

• Galeria de Arte do «Botequim do Rei» - Parque Eduardo VII - exposição de aguarelas de José Bello. Patente até 12 de Fevereiro, das 12 às 20 horas.

## TEATROS

• Teatro Nacional D. Maria II: «Guerras do Alecrim e Manjerona» de António José da Silva (O Judeu), encenação de Carlos Avilez.

• Instituto Franco-Português: «Yes, Peut-Être», de Marguerite Duras.

• Teatro Ibérico: «A Vida É Sonho», de Calderon de La Barca, encenação de Blanco Gil.

• Teatro da Trindade: «A Mulher do Campo» pela Cornucópia, encenação de Luís Miguel Cintra.

• Teatro Vasco Santana: «Sylvia Plath - Quem a Matou ?», pelo teatro Estúdio de Lisboa, encenação de Luzia Maria Martins.

• Teatro do Século: «Drácula Junior», texto e encenação de Fernando Gomes.

• Teatro S. Luís: «Seis Personagens à Procura de Autor» de Luigi Pirandelo. Encenação de Mário Feliciano com interpretação, entre outros, de Fernanda Alves, Lurdes Norberto, Io Apolonni, Luís Mata, Mário Jacquese Vicente Galfo, com a participação especial de Susana Prado. Em cena até 8 de Fevereiro.

*Acrílico sobre lona de Assis Cordeiro, na Codilivro*

• Comuna: «Victor ou as Crianças ao Poder», de Roger Vitrac, encenação de João Mota.

• Caixa Económica Operária (R. Voz do Operário, 64-2º): «Contra Regra» apresenta o espectáculo «Dos Horácios e Curiácios à Noite», constituido pela encenação da peça «Os Horácios e os Curiácios» de Brecht e tendo por epílogo «A Noite» (com letra e música de José Mário Branco. Encenação de J. M. Branco, com Antonino Solmer, Vítor Norte, Abílio Luís, Maria Emília Castanheira, Teresa Garcia Fernandes, Zé Alexandre, Marta Branco, F. Pedro Oliveira, Alfredo Nunes, Ana Maria Pereirinha, Sofia Trincão e Eduarda Dionísio, que também assina a dramaturgia e o espaço cénico.

• Teatro Mirita Casimiro (Estoril): «Galileu Galilei» de Brecht pelo TEC dirigido por Carlos Avilez

• Teatro Aberto: «O Jardim das Cerejas» de Anton Tchekov, pelo Novo Grupo. Encenação de João Lourenço, com interpretação de Carmen Dolores, Irene Cruz, Joaquim Rosa, entre outros.

• Teatro 1º Acto - Algés: «Nó Cego» de Carlos Vereza pelo Teatro Espaço, com António Fontinha e Julio Martin. Encenação, dramaturgia e direcção de Águeda Sena.Até 22 de Fevereiro, de quinta a sábado às 21,30, sábados e domingos às 17.

## LIVROS

• Centro Comercial Libersil: pelas 19 horas, na Livraria Profana, Linda Martins (autora de livros como «Flores do Nosso Jardim» e «Entre Lotus Desfolhados») lê alguns dos seus poemas e autografa livros. Trata-se da comemoração dos 25 anos de escritora de Linda Martins.

## CINEMAS

• Cinemateca Portuguesa (R. Barata Salgueiro, 39): Ciclo do Centenário de Raoul Walsh com o filme «O Ladrão de Bagdad» com Douglas Fairbenk e Anna Mary Wong, às 21,30. Às 18,30 «A Fotografia no Cinema Português - Artur Costa de Macedo» com a exibição de «Nazaré, Praia de Pescadores» (Leitão de Barros, 1929) e «Alfama, Velha Lisboa» (João de Almeida e Sá, 1930).

• Forum Picoas: Ciclo Cinema Fantástico com «As Forças do Universo» de Tobe Hooper, com Steve Railsback e Peter Firth.

• Instituto Alemão (Campo dos Mártires da Pátria, 36): «A Resistência em Filme» com «Os Ultimos Cinco Dias».

# CINEMAS

*Uma cena do filme **"O Raio Verde"** realizado por Eric Rohmer (Ciclo Comédias e Provérbios). É um filme de qualidade galardoado com o Leão de Ouro (Grande Prémio) no último Festival de Cannes. A intérprete é Marie Rivière. Em exibição no Estúdio 444 e no Quarteto.*

### Alfas Triplex
— T. 806496

**Alfa 1**

**O NOME DA ROSA**
**(m. 12 anos)**
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

**Alfa 2**

**MONA LISA**
**(m. 16 anos)**
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15 h

**Alfa 3**

**A MISSAO**
**(m. 6 anos)**
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

**Alfa 4**

**TOP GUN – ASES INDOMÁVEIS**
**(m. 12 anos)**
14.30, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

**Alfa Club**

**RAN – OS SENHORES DA GUERRA**
**(m. 12 anos)**
15.00, 18.00, 21.00 e 24 h

### Shopping Center de Lisboa

**Amoreiras 1**

**O NOME DA ROSA**
**(m. 12 anos)**
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

**Amoreiras 2**

**QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE**
**(m. 12 anos)**
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

**Amoreiras 3**

**RAN — OS SENHORES DA GUERRA**
**(m. 12 anos)**
15.00, 18.00, 21.00 e 24.00 h

**Amoreiras 4**

**MONA LISA**
**(m. 16 anos)**
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

**Amoreiras 5**

**HOWARD E O DESTINO DO MUNDO**
**(m. 12 anos)**
14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

**Amoreiras 6**

**A MISSÃO**
**(m. 6 anos)**
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

### Apolo 70

**CORONEL REDL**
**(m. 12 anos)**
15.00, 18.00 e 21.30 h

### Ávila
— T. 539930

**PEGGY LUE CASOU-SE**
**(m. 12 anos)**
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

### Avis
— T. 547163

**COELHINHAS NA CAMA**
**(Int. m. de 18 anos)**
15.30, 18.30 e 21.30 h

### Berna
— T. 776098

**O NOME DA ROSA**
**(m. 12 anos)**
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

### Capitólio
— T. 372358

**VAMOS FALAR DE SEXO**
**(Int. m. 18 anos)**
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

### Castil
T. 530194

**ACTO SELVAGEM**
**(m. 12 anos)**
15.30, 18.30 e 21.30 h

### Cinebloco

**E.T. – O EXTRA TERRESTRE**
**(m. 6 anos)**
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
**O JUSTICEIRO DE NOVA IORQUE**
**(int. 18 anos)**
24.00 h

### Cinebolso

**A INSACIÁVEL**
**(Porno)**
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

### Cine Camões
T. 324194

**O HOMEM FURACÃO**
**(m. 12 anos)**
14.15, 16.30 e 21.30 h

### Cine 222
— T. 579460

**TESTEMUNHA DE UM CRIME**
**(m. 18 anos)**
**14, 16,30, 19 e 21.30 h**

### Cine Portela
— T. 2524761

**BETTY BLUE – 37.° 2 DA MANHÃ**
**(m. 16 anos)**
16.00 e 21.45 h

**EMMANUELLE 4**
**(m. 16 anos)**
15.30 e 21.30 h

### City Cine
— T. 549999

**EMMANUELLE 4**
**(int. m. 18 anos)**
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
**O ÚLTIMO TANGO EM NOVA IORQUE**
**(m. 18 anos)**
23.45 h

### Condes
— T. 322523

**O GOLPE DO GÉNIO**
**(m. 12 anos)**
14, 16.30, 19 e 21.45 h

### Éden

**POLTERGEIST II – O OUTRO LADO**
**(m. 16 anos)**
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

### Estúdio
— T. 555134

**NOVA IORQUE FORA DE HORAS**
**(m. 16 anos)**
14.30, 17, 19.30 e 21.30 h

### Estúdio ACS
— T. 887255

**A HONRA DOS PADRINHOS**
**(m. 16 anos)**
15.30, 18.30 e 21.30 h

### Estúdio 444
— T. 768078

**O RAIO VERDE**
**(m. 12 anos)**
**15, 17, 19 e 21.30 h**

### Fonte Nova

**Sala 1**

**ALIENS – O RECONTRO FINAL**
**(m. 16 anos)**
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

**Sala 2**

**POR FAVOR MATEM A MINHA MULHER**
**(m. 18 anos)**
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

**Sala 3**

**TOP-GUN — ASES INDOMÁVEIS**
**(m. 12 anos)**
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

### Fórum Picoas
— T. 541037

**VAMO-NOS AMAR**
**(int. m. 13 anos)**
19.00 e 22.00 h

### Gemini
— T. 734009

**O NOME DA ROSA**
**(m. 12 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

### Hollywood
— T. 802859

**Sala 1**

**O GOLPE DO GÉNIO**
**(m. 12 anos)**
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24 h

**Sala 2**

**CAMPO DO INFERNO**
**(m. 16 anos)**
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

### Império
— T. 555134

**BANDO DA MÃO**
**(m. 16 anos)**
15.15, 18.30 e 21.30 h

### Las Vegas
— T. 631162

**Sala 1**

**O GOLPE DO GÉNIO**
**(m. 12 anos)**
15.15, 18.30 e 21.30 h

**Sala 2**

**SÓ ENTRE AMIGAS**
**(m. 12 anos)**
14, 16.30, 19 e 21.30 h

### Londres
— T. 801313

**SÓ ENTRE AMIGAS**
**(m. 12 anos)**
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

### Mundial
— T. 538743

**Sala 1**

**O NOME DA ROSA**
**(m. 12 anos)**
14, 16.30, 19 e 21.30 h

**Sala 2**

**QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE**
**(m. 12 anos)**
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

**Sala 3**

**A MISSÃO**
**(m. 6 anos)**
13.45, 16.15, 18.45 e 21.15 h

### Nimas
— T. 574362

**LEMBRAS-TE DA ÚLTIMA NOITE**
**(m. 12 anos)**
14, 16.30, 19 e 21.30 h

### Odeon
— T. 326283

**MISSÃO COBRA**
**(m. 16 anos)**
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

### Olímpia
T. 325309

**INICIAÇÃO DAS VIRGENS**
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
**(Int. men. 18 anos)**

### Pathé
— 821933

**EMMANUELLE 4**
**(m. 18 anos)**
14.00, 16.30 e 21.30 h

### Politeama
T. 326305

**A RAINHA DA GUERRA E DO AMOR**
**(m. 12 anos)**
**14.15, 16.30, 19 e 21.30 h**

### Quarteto
T. 771378

**Sala 1**

**ENTRE O AMOR E O MEDO**
**(m. 16 anos)**
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
**O ÚLTIMO FÔLEGO**
**(m. 16 anos)**
23.30 h

**Sala 2**

**À VOLTA DA MEIA-NOITE**
**(m. 12 anos)**
14.15, 16.45, 19 e 21.30 h
**O REI DA EVASÃO**
**(m. 16 anos)**
24 h

**Sala 3**

**TANGOS, O EXÍLIO DE GARDEL**
**(m. 12 anos)**
14.15, 16.45, 19.00 e 21.30 h
**O PRINCÍPIO DA ARCA DE NOÉ**
**(m. 16 anos)**
24.00 h

**O PASSAGEIRO DA NOITE**
**(m. 16 anos)**
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
**REVOLTA NO PACÍFICO**
**(m. 16 anos)**
23.30 h

### Roma
— T. 889192

**POLTERGEIST II – O OUTRO LADO**
**(m. 16 anos)**
14, 16.30, 19 e 21.30 h

### Roxy
T. 548560

**MISSÃO COBRA**
**(int. 13 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

### S. Jorge

**Sala 1**

**O NOME DA ROSA**
**(m. 12 anos)**
15.30, 18.30 e 21.15 h

**Sala 2**

**A MISSÃO**
**(m. 12 anos)**
14, 16.30, 19 e 21.30 h

**Sala 3**

**MONA LISA**
**(m. 16 anos)**
14.30, 16.45, 19.15 e 21.45 h

### 7.ª Arte
— T. 730715

**PEGGY SUE CASOU-SE**
**(m. 12 anos)**
*De: Francis Coppola*
14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

### Star
— T. 804210

**NOVE SEMANAS E MEIA**
**(m. 12 anos)**
15, 18.15 e 21.30 h

### Terminal
— T. 371573

**O BANDO DA MÃO**
**(m. 16 anos)**
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

### Tivoli
— T. 570595

**POLTERGEIST II – O OUTRO LADO**
**(m. 16 anos)**
14, 16.30, 19 e 21.30 h

### Turim
T. 706666

**QUE GRANDE CEGADA**
15.00, 17.30 e 21.45 h

### Voxmania
— T. 880808

**O ANO DO DRAGÃO**
**(m. 16 anos)**
15.30, 18.15 e 21 h

### Xenon
T. 368480

**CAMPO DO INFERNO**
**(m. 16 anos)**
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

### Zodíaco
— T. 570151

**Exibição permanente de filmes indianos**
**(m. 13 anos)**
15.15, 18.15 e 21.30 h

**SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS — Cine St.° António** — «O Soldado Aventureiro», às 17 e 21.30 h (m. 6 anos)

### Linha de Sintra

**AMADORA — Cineteatro** — «A Polícia de Hong-Kong», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
**AMADORA — Cinestúdio** — «A Missão», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
**AMADORA — Babilónia** — «Bando de Mão», às 15.15, 18.30, 21.30 e 23.45 h (m. 16 anos)
**CACÉM — Cinestúdio Flores** — «A Honra dos Padrinhos», às 15 e 21.30 h (m. 16 anos)
**ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby** — «E.T. — O Extraterrestre», às 21.30 (m. 6 anos)
**MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme** — «A Cor Púrpura», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
**CACÉM — Estúdio Flores** — «A Honra dos Padrinhos», às 15 e 21.30 h

### Linha de Cascais

**ESTORIL — Casino Estoril** — «Kalidor, a Lenda do Talismã», às 17 e 21.15 h (maiores 12 anos)
**ALGÉS — Cinema 2000** — «Invasão E.U.A.», às 15.30 e 21.30 h (m. 18 anos).
**OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1** — «Só Entre Amigas», às 15.15 e 21.30 h (m. 12 anos)
**Sala 2** — «A Missão», às 15.30 e 21.45 h (m. 12 anos)
**CARCAVELOS — Atlântida Cine** — «A Difícil Arte de Amar», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
**CASCAIS — Miramar — Sala 1** — «A Missão», às 15.15 e 21.30 h (m. 12 anos)
**Sala 2** — «Betty Blue 37.° – 2 da Manhã», às 15.30 e 21.30 (m. 16 anos)
**CASCAIS — Oxford** — «O Campo do Inferno», às 16 e 21.30 h (m. 16 anos)

### Outra Banda

**ALMADA — Academia** — «A Missão», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
**ALMADA — Cinestúdio** — «Howard e o Destino do Mundo», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 12 anos)
**ALMADA — Incrível Almadense** — «Prisão de Mulheres», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
**COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1** — «Borracho Choque para Menina Chique», às 15.45 e 21.30 h (m. 12 anos)
**Sala 2** — «O Labirinto», às 16.15 e 21.45 h (m. 6 anos)
**BARREIRO — Cinestúdio Barreirense** — «Os Inimigos», (porno), às 15 e 21.15 (int. 18 anos)
**LINDA-A-VELHA — Cinetropical** — «Armados e Perigosos», às 16 e 21.30 h (m. 12 anos)
**ODIVELAS — Cineodivel** — «Ponto de Impacto», às 15.30 e 21.30 (m. 16 anos).
**CRUZ DE PAU — Cinema Lord** — «Um Dia a Casa Vem Abaixo», às 16 e 21 h (m. 6 anos)

## Farmácias

**Lisboa — PERMANENTE — AJUDA: Moura**, T. da Memória, 55 (T. 630944); **ALCÂNTARA: Vieira Rosa**, R. Prior do Crato, 72 (T. 660187); **AREEIRO: Vera Cruz**, P. Afrânio Peixoto, 2-B (T. 884941); **BENFICA - ESTAÇÃO - URUGUAI: Santa Cruz**, Av. Gomes Pereira, 34-B (T. 704828); **CAIS DO SODRÉ: Ultramarina**, R. de São Paulo, 99-101 (T. 321771); **CAMPO GRANDE: Nova Iorque**, Av. dos Estados Unidos da América, 140-B (T. 760658); **CAMPOLIDE: Oliveira**, R. de Campolide, 54-A (T. 684424); **CORTES - RATO: Castro, Sucursal**, R. de São Bento, 199-A (T. 660513); **ENCARNAÇÃO: Ascenso**, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **GRAÇA: Monte**, R. Senhora do Monte, 30-A-B (T. 867842); **PICHELEIRA: Mariuz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SÃO SEBASTIÃO: Novais**, Av. Luís Bivar, 11-13 (T. 544324); **TELHEIRAS - QUINTA DE SÃO VICENTE: Quejas**, R. Prof. Francisco Gentil, Edifício E-1, loja 21 (T. 7584144); **BRANDOA - AMADORA: Correia**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T. 990122); **CARNAXIDE: Central de Carnaxide**, Av. de Portugal, 16-B (T. 2184913); **ODIVELAS: Leitão**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 62 (T. 9810051); **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

**REFORÇO — ALFAMA - ESCOLAS GERAIS: Anunciada**, R. do Vigário, 72-74 (T. 866360); **ALTO DE SÃO JOÃO: Nova Luz**, R. D. Domingos Jardo, 28-A (T. 843439); **ALVALADE: Alentejo**, Av. da Igreja, 28-B (T. 892682); **AVENIDA DA REPÚBLICA: Cardote**, Av. Visconde de Valmor, 28-A-B-C (T. 772291); **BAIRRO DE CHELAS: Serejo**, zona J, lote 531, loja B (T. 852611); **BAIXA - COLISEU: Centro Farmacêutico**, R. das Portas de Santo Antão, 88 (T. 321211); **BENEFICÊNCIA - SETE RIOS: Laranjeiras**, R. Filipe da Mata, 160-162 (T. 721035); **CEMITÉRIO DOS INGLESES: Urbano Freitas**, R. Silva Carvalho, 1-5 (T. 662838); **CHILE - ANJOS: Pereira Pinto**, Av. Almirante Reis, 121-B (T. 545751); **MARVILA: Freitas**, R. Vale Formoso de Baixo, 23-A (T. 381136); **SANTO AMARO - CALVÁRIO: Lisbonense**, R. Leão de Oliveira, 2-B (T. 637020); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

**Outra Banda — ALMADA: Macedo Henriques**, R. Bernardo Francisco Costa, lote 1 (T. 2751297). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Atlântico**, Av. Rainha D. Leonor, 45-A (T. 2764466). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31-I-J, Moinhos (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Tovar Chaves**, R. Dr. António Elvas, 104-D (T. 2296119). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Central**, Av. Alfredo da Silva, 48 (T. 2073207). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Cardoso**, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA: Matos Lopes**, R. 1.º de Maio, lote 401 (T. 2216355). Até às 22 horas; **ARRENTELA: Lusitana**, P. Cândido dos Reis, 10 (T. 2210007). Até às 22 horas; **MONTIJO: Moderna**, R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 2340127). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Costa**, R. da Misericórdia, 48 (T. 22760). Permanente; **Moreira Martins**, P. Olga Sarmento, 14 (T. 26051). Permanente; **Brasil**, P. do Brasil, 15 (T. 24788). Até às 22 horas.

**Linha de Cascais — ALGÉS: Branco**, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 29 (T. 210495). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 4191697). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **CAXIAS: Nova**, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 2432839). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS: Alcântara Guerreiro**, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). té às 22 horas; **PAREDE: Macau**, R. José Elias Garcia, 42 (T. 2471785). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: Marques dos Santos**, R. Ferreira J. A., 15 (T. 260116). Até às 22 horas; **CASCAIS: Marginal**, Av. Marginal (T. 280078). Permanente.

**Linha de Sintra — AMADORA: Dias & Brito**, Av. Marquês de Pombal, 45-A (T. 4940118). Permanente; **Carmele**, R. Elias Garcia, lote 28 (T. 4933303). Até às 22 horas; **DAMAIA: D. João V**, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Até às 22 horas; **QUELUZ: Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (T. 950123). Até às 22 horas; **CAMARATE: Mendonça**, L. 25 de Abril, 135-C (T. 2573158). Até às 19 horas; **CACÉM: Silva Duarte**, R. Elias Garcia, 167 (T. 9248120). Permanente; **MEM MARTINS: Miranda Garcia**, E. de Mem Martins, 173 (T. 9214103). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **SINTRA: Simões**, R. Heliodoro Salgado, 26 (T. 923083). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 9230456). Permanente.

**Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Varela**, Av. de Moscavide, 44-B (T. 2518520). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Maria**, R. Salvador Allende, lote 2 (T. 2514369). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 9830027). Até às 22 horas; **AVEIRO: Aveirense**, R. de Coimbra, 13 (T. 24833). Permanente.

# TEATROS

### Porto — Teatro Sá da Bandeira

**R. Sá da Bandeira, 108 — Tel. 22 550**

Quintas, sextas e sábados, às 20.30 e 23.00; domingos, terças e quartas, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

**«LISBOA, TEJO E TUDO»**, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Intérpretes: Carlos Miguel, Camacho Costa, Helena Isabel, Henrique Viana, Mariema, Paulo César, etc.

### Estoril — Teatro Manuela Casimiro

**Av. Fausto Figueiredo, Cruzeiro — Tel. 267 03 20**

Terças, quartas e quintas, às 15.15; sextas e sábados, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«GALILEU GALILEI», de Bertolt Brecht.

### Comuna — Sala 2

P. Espanha (Telef. 7260818)
De 3.ª a sáb. às 21.30.
**«VICTOR» OU AS CRIANÇAS NO PODER** de Roger Vitrac. Enc. de João Mota.

### TEATRO ABERTO

P. Espanha (Telef. 770969)
De 2.ª a 5.ª, às 21.30; domingo, às 16.00 e 21.30.
**O JARDIM DAS CEREJAS,** de Tchekov. Versão de João Lourenço, Vera San Payo de Lemos. Música de Eduardo Paes Mamede. Cen. de José Manuel Castanheira.

### Teatro Nacional D. Maria II

**P. D. Pedro IV — Tel. 32 22 10**
**Sala Garrett**

De terça a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«GUERRAS DO ALECRIM E MANJERONA», de António José da Silva («O Judeu»). Encenação de Carlos Avilez. Com: Rui de Carvalho, Manuel Coelho, São José Lapa, Catarina Avelar, Henriqueta Maia, e outros.

### Teatro Municipal de São Luiz

**R. António Maria Cardoso — Tel. 32 71 72**

Todos os dias, às 21.30; sábados, às 16.00 e 21.30; domingos, às 16.00

**«SEIS PERSONAGENS À PROCURA DE AUTOR»**, de Luigi Pirandelo. Com encenação de Mário Feliciano.

### Porto — Estúdio do TEP

**R. do Pinheiro, 4 — Tel. 31 59 94**

De terça a sábado, às 21.00

**«CATÁSTROFE OU O MUNDO DE SAMUEL BECKETT»**. Encenação: Mário Viegas. Intérpretes: Cândido Ferreira, Fernanda Policarpo, Fernando Sá, José Moreira, Mário Sancho e Mário Viegas.

### Maria Matos

**Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17**

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingo e feriados, às 16.00

**«ESCRITA EM DIA»**. Nova versão de «Isto É Maria Vitória», original de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha com a colaboração de Mário Zambujal. Intérpretes: Eugénio Salvador, Simone de Oliveira, Francisco Nicholson, Delfina Cruz, Carlos Cunha e Marina Mota.

### Moderna — Sala Polivalente

**R. Dr. Nicolau Betencourt — Tel. 73 43 09**

3.ª e 4.ª, às 18.30; 5.ª, 6.ª e sábado, s 21. domingo, às 15.00

**«AMOR DE D. PERLIMPIM COM BELISA E SEU JARDIM»**, de Garcia Lorca, Encenação de Nuno Carinhas. Interpretação de Anamar, António Pires, Isabel Alarcão, José Wallenstein, Luís Madureira e Luísa Cruz.

### Instituto Franco-Português

**Av. Luís Bívar, 91 — Tel. 54 45 74**

De quarta a sábado, às 21.30; domingos, às 16.30

**«YES, PEUT-ÊTRE»**, de Marguerite Duras. Encenação: Philippe Fridman. Intérpretes: Inês Goulart de Medeiros e Anne Pradines.

### Teatro Villaret

**Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 85 86**

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30

**«SAPATEADO»**, de Richard Harris. Versão portuguesa de César de Oliveira e Barry Scray. Encenação de Varela Silva.

### Vasco Santana

**Av. da República, 16 — Tel. 76 86 09**

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

**«SYLVIA PLATH — QUEM MATOU?»**, de Barry Kyle. Tradução de Teresa Guerreiro. Direcção de Luzia Maria Martins. Montagem de Fernando Filipe. Intérpretes: Clara Joana, Luísa Ortigoso, Manuel Mendonça e Maria Dulce.

### Teatro Iberico

**R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31**

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

**«A VIDA É UM SONHO»**, de Pedro Calderon de la Barca. Espectáculo de Blanco Xil. Intérpretes: Blanco Xil, Jorge Sousa Costa, Lídia Franco, Francisco Soromenho, Luzia Paramés, António Filipe, Miguel Martins,

### Trindade

**R. Nova da Trindade — Tel. 32 00 00**

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos, só às 16.00

**«A MULHER DO CAMPO»**, de William Wycherley. Pelo Teatro da Cornucópia.

### Teatro do Século

**R. do Século, 41 — Tel. 32 47 04**

De quinta a domingo, às 21.30

**«DRÁCULOS JÚNIOR»**, texto e encenação: Fernando Gomes. Intérpretes: Fernando Gomes, Fernando Luís, Maria Vieira, Maruga e Pedro Advirta.

### Variedades

**Parque Mayer — Tel. 32 60 37**

Todas as noites, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

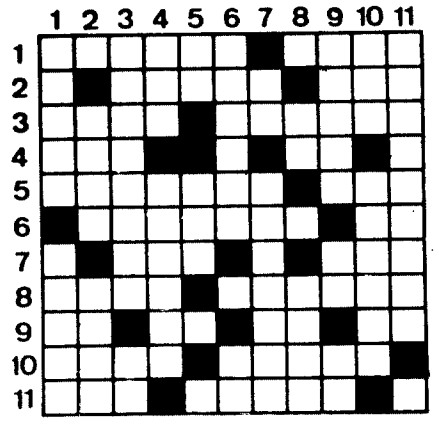
**«AQUI HÁ FANTASMAS»**, original em português de Henrique Santana. Encenação de Henrique Santana. Intérpretes: Henrique Santana, Rita Ribeiro, Henrique Santos, Carlos Quintas, Armando Cortez, Maria Helena Matos, Luís Alberto e António Feio.

# PALAVRAS CRUZADAS

## COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 951

**HORIZONTAIS:**

1 Estampai. Rio da Crimeia.
2 Artigo definido. Zelos amorosos. Seguiam.
3 Sadios. Máquina para comprimir.
4 Possui. Mil e cem em romano.
5 Arrear. Pronome pessoal.
6 Que inspira ódio. Prefixo de negação.
7 Guarneça de asas. Matemática (abrev).
8 Instrumento musical de crdas. Pruma.
9 Existe. Compaixão. Rénio (s.q). Bromo (s.q).
10 Enfeita. Antigo país da Europa, compreendido entre o Tisza, o Danúbio, o Ponto Euxino e Dniestre e os Cárpatos.
11 Vigoroso. Moveu os remos.



**VERTICAIS:**

1 Saboreia. Órgão da vista (pl).
2 Poeta primitivo, entre os gregos. O mesmo que mãe-d'água.
3 Adaptar. Laço.
4 Mesquinhos. Gargalhada.
5 Ouro (s.q). Bêbado (Bras. e gir).
6 Cruéis. Preposição.
7 Érbio (s.q). Coraram.
8 Preposição. O mesmo que porco (prov).
9 Mamífero carnívoro também conhecido por gato-bravo. Mulo. Palmeira do Brasil.
10 Conjunção. O mesmo que diamba (Bras).
11 Criar ao peito.

**Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.**

## SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16 950**

**HORIZONTAIS:**

1 Atrairam. AC.
2 GRANDE. Olga.
3 Rasa. Bari.
4 Om. Tio. AMOR.
5 Oca. Lamas.
6 Ano. SS.
7 Réu. Suão.
8 Arreata. Irã.
9 Sabena. Ir.
10 Dio. Oaú. Coa.
11 Sorrisos.

**VERTICAIS:**

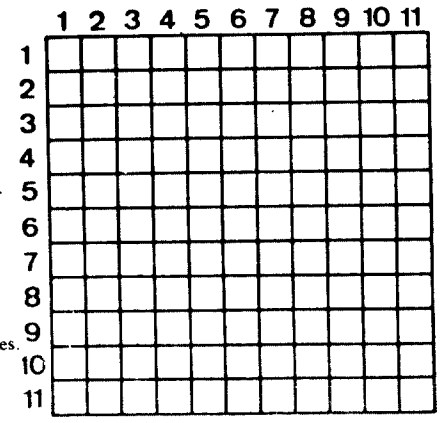
1 Agro. GRANDE.
2 Tramo. Er.
3 Ras. Ursos.
4 Anatar. Ea.
5 Id. LABOR.
6 Rebola. Tear.
7 An. Anui.
8 Moramos.
9 Lima. Ui! Co.
10 Ag. Ossários.
11 Cair. Soara.

**PROVÉRBIO: Grande amor, grande labor.**

## NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 780

**HORIZONTAIS:**

1 Cidade de Inglaterra. Cidade da Alemanha.
2 Freguesia do concelho de Barcelos. Desejaria.
3 Tritura. Terra nova e arroteada de fresco.
4 Tomarias sobre ti.
5 Suco narcótico extraído de algumas papoilas. Gélida.
6 Colina na Suécia. Jogo de rapazes.
7 Nome de dois rios da Mesopotâmia, afluente do Tigre. Espécie de sapo grande (Bras).
8 Bismuto (s.q). Segundo o Génese, lugar de delícias, que Deus destinara para habitação ao primeiro homem e à primeira mulher. Espaço de doze meses.
9 Rústico. Forma apocopada e proclítica de vale.
10 Cutelos Despida.
11 Pegas Fatigar.



**VERTICAIS:**

1 Cidade do Japão. Aqui.
2 Atilhos. Conselhos.
3 Cercaduras. Fruto da ateira.
4 O sono das crianças. Plutónio (s.q. e inv). Ciúmes.
5 Diz-se dos indivíduos que vivem em mancebia.
6 Filhos de Histaspes, rei da Pérsia, de 521 a 485 aC. Título do soberano da Tunísia.
7 Oceano. Que ocupa o último lugar numa série de nove.
8 Cidade de Inglaterra. Despido (inv).
9 Viração. Saías à rua.
10 Vi. O mesmo que sereia.
11 Pêlos de certos animais. Autores. Cheiro

## SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **14 779**

**HORIZONTAIS:**

1 Dallas. Edea.
2 Içais. Anota.
3 Au. Pró. Ar.
4 Nas. Sic.
5 Ar. Dio. Erro.
6 Ador. Alão.
7 Or. Avis.
8 Anis. Cm.
9 Mana. Uã. Cré.
10 Amar. Sois.
11 Sósias. Arão.

**VERTICAIS:**

1 Dina. Damas.
2 Acuara. Amo.
3 Lá. Dornas.
4 Lis. Dor. Ari.
5 Ás. Sir.
6 Pio. Anuis.
7 Arc. Avia.
8 Eno. Elis. Sá.
9 Dó. Trás. Cor.
10 Eta. Ro.
11 Aarão. Emeso.

## Radio

**Antena Um**

**16.00**: Pequeno jornal e rock-lândia; **18.00**: Regressos; **19.00**: Informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**: Música portuguesa; **20.30**: A viver também se aprende; **21.00**: Musical; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

**Programa 2**

**15.15**: Sonatas; **16.25**: Canções, de Tchaikovsky e Peter Warlock; **17.00**: Integrais; **17.45**: Grandes intérpretes; **18.40**: Obras, de Berlioz; **19.23**: Agrupamentos de câmara; **20.40**: Música portuguesa; **21.30**: 2.ª parte, da oratória «Sansão», de Händel; **22.50**: Música de tecla; **23.25**: A Orquestra Filarmónica de Berlim; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

**RÁDIO COMERCIAL**
**Onda Média (283, 290 e 397m)**

**14.00**: Programa da tarde; **17.00**: Feira mágica; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: É de noite... já se vê; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

**RC-FM-Estéreo**
**Onda Média (283, 290 e 397m)**

**15.00**: Casa da música; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: O rock pode esperar; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

**RÁDIO RENCENÇA**
**Canal 1-Rede Nacional de OM e FM**

**15.00**: Terceira vaga; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Programa da LAR; **20.30**: Cidade nova; **21.00**: Luzes da ribalta; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial; **23.55**: Meditand

**Voz do Alentejo**

**15.00**: Boa tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Grande bazar.

**Voz de Lisboa**

**15.00**: Rádio da cidade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **22.00**: Cantar português; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Canções da meia-noite; **23.57**: Meditando.

**Voz do Porto**

**15.00**: Passeio alegre; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Porto de abrigo; **20.30**: Meia de música; **21.00**: Palácio de Cristal; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Porto final.

**Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo**

**20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico. Noticiários a todas as horas.

# TELEVISÃO

RTP 1

**17.30 - Mira Técnica**
Com Música Portuguesa
**18.02 - Sumário**
**18.05 - Brinca Brincando**
«O Pequeno Inventor», «A Princesa Insensível», «O Jovem Ramsay» e «O Professor Baltazar».

**18.50 - Show Bis**
**19.30 - Telejornal**
**20.00 - Boletim Meteorológico**
**20.05 - Palavras Cruzadas**
19º Episódio: - Mina vai almoçar com a mãe e Lurdes aproveita a oportunidade para aconselhar a filha a ter mais paciência com a tia. Depois da refeição, vão ambas fazer umas compras e Lurdes propõe a Mina que ponha o pai a par destas saídas. Helena tenta por todos os meios dar ao filho todo o seu apoio e fazê-lo ver que Margarida não era afinal rapariga para ele, não merecendo por isso o desgosto que ele sente. Isabel informa João sobre o comportamento de Rui, e Helena, sem poder esconder o seu desagrado perante toda a situação, perde por completo as estribeiras e desata a insultar João, culpando-o de toda a desgraça que se abateu sobre o irmão. Perante isto, João diz que está decidido a ir-se embora, ao que Helena riposta que não está disposta a aceitar nunca mais a sua presença lá casa. Passando das palavras aos actos, João sai de casa acompanhado por Pompeu. Ainda com as malas na mão, João prepara-se para ir para uma residencial, mas Marta convence-o a ir para casa dela.

**20.45 - Europa**
**21.20 - Face a Face**
Com o embaixador Franco Nogueira

**21.50 - As Blue Bell**
2º Episódio: -

**22.40 - 24 Horas**
**23.10 - Remate**

RTP 2

**15.05 - Agora, Escolha!**
**16.30 - Notícias**
**16.35 - Trinta Minutos Com...**
**17.05 - Countdown**
**18.00 - Estádio**
**19.05 - Nino Show**
**20.00 - Notícias**
**20.05 - 5ª Dimensão**
83º Episódio

**20.30 - Uma Família às Direitas**
58º Episódio

**21.00 - Jornal das Nove**

*No 2º canal, às 20,05, temos mais um episódio da «5ª Dimensão»*

*No 1º canal, às 21,50, o 2º episódio das «Blue Bell»*

**21.30 - E de Ler**
«Crónica dos Descobrimentos e Principais Conquistas da India pelos Portugueses»

**21.35 - A Quinta do Dois**

## AMANHÃ

**RTP-1**

17.30 - Mira Técnica
18.02 - Sumário
18.07 - Brinca Brincando
18.50 - Show Bis
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.05 - Palavras Cruzadas
20.35 - Palácio dos Sonhos
21.30 - Tudo é Espectáculo
22.30 - Hitchcock Apresenta
23.00 - 24 Horas
23.30 - Remate

RTP-2

15.05 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.05 - Countdown
18.00 - Estádio
19.00 - Nino Show
20.00 - Notícias
20.05 - 5ª Dimensão
20.30 - Uma Família às Direitas
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - É de Ler
21.35 - Contraponto
22.30 - O Bravo Soldado Schweik
23.30 - Uma Boa Ideia

**AOS CONDUTORES**

"Junto das paragens de transportes públicos, abrande e marche, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro."

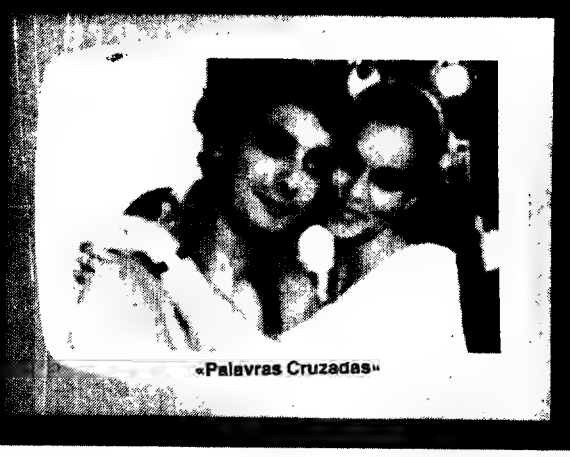
PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

**GRUNDIG** seleccionou para si...

RTP 1 — As Blue Bell

RTP 2 — A Quinta do Dois

**GRUNDIG PORTUGUESA**
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento de Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 4197570


«Palavras Cruzadas»

PORTE PAGO

DL

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

**Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRAFICA, SARL**
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos **RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA**
TELEFONES: 32 11 54 / 5 - 32 02 71 a 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21) Portaria 32 11 54 Redacção 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição INTERPRESS Rua do Norte, 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 – 32 22 04 – 32 07 84
Preço do «DL» na Madeira 40$00
**DEPÓSITO LEGAL: 1426/82**

## ÚLTIMA HORA

A luta dos estudantes de Letras poderá radicalizar-se se as reivindicações estudantis não forem atendidas na reunião de sábado com representantes dos Conselhos Cientificos e do Ministério. Numa conferência de Imprensa, representantes dos estudantes em luta revelaram que proporão medidas mais radicais na reunião geral de alunos, caso não se verifiquem progressos significativos. O levantamento do «numerus clausus» é uma das reivindicações que os estudantes pretendem que sejam atendidas na reunião de sábado.

# Otelo voltou ao Tribunal de Investigação Criminal

Otelo Saraiva de Carvalho foi hoje de manhã prestar declarações na instrução de um processo levantado pelo Tribunal da Comarca de Oeiras, disse um informador judicial. O processo refere-se a um assalto na Comarca de Oeiras imputado às Forças Populares 25 de Abrill, a cuja direcção o major Otelo Saraiva de Caarvalho é acusado de pertencer.

Por volta das 10 horas de hoje e com o habitual grande aparato bélico, Otelo Saraiva de Carvalho foi levado ao Tribunal de Investigação Criminal de Lisboa, no edifício da Polícia Judiciária, a fim de ser ouvido em autos, que correm em diferentes comarcas do País.

Segundo uma fonte próxima da Judiciária, Otelo vai ter processos até ao fim dos seus dias. O comentário pretende ilustrar a situação daquele militar de Abril que tem de prestar declarações em todos os processos na fase de instrução nas várias comarcas onde terão sido cometidos delitos atribuídos às FP-25. Já que no Tribunal de Monsanto apenas se aprecia a acusação geral da associação de malfeitores.

Cerca de 60 militares incluindo elementos da Polícia Militar e sete viaturas são mobilizados, quando à média de uma vez por mês, Otelo Saraiva de Carvalho é chamado ao TIC, na Rua Gomes Freire. A área é cercada por soldados da PM, de metralhadora em riste, minutos antes da chegada do aparatoso cortejo de viaturas militares com batedores da Guarda Republicana e sirenes a atroar os ares, numa exibição escandalosa a provocar comentários pouco abonatórios para as Forças Armadas por parte do público que se reúne nos passeios perante aquele espectáculo gratuito e nada edificante.

# Morreu um dos trabalhadores do "Silver Cloud"

Morreu esta manhã na Unidade de Cuidados Intensivos do Hospital de S. José um dos sete trabalhadores feridos na explosão do petroleiro «Silver Cloud», que terça-feira à noite ocorreu no cais do Jardim do Tabaco. Manuel José Sequeira Saldanha, de 37 anos, faleceu ao princípio desta manhã, não resistindo à gravidade das queimaduras sofridas.

Dos sete trabalhadores feridos pela explosão — os quais se encontravam a desmontar uma válvula das linhas de carga no fundo de um tanque —, quatro ficaram em estado mais delicado. Foi um deles, no caso Manuel Sequeira Saldanha, que esta manhã faleceu. Um outro ferido em estado bastante grave é José Manuel Luís Casimiro. Já ontem à tarde o seu estado era referenciado como «extremamente grave», com queimaduras quase a cem por cento.

Os outros cinco feridos, como José Manuel Casimiro, estão internados no Hospital de S. José desde anteontem à noite: três no Serviço de Queimados, como noticiámos na nossa edição de ontem, e outros tantos — os que se encontram em situação mais delicada — na UCI. Nesta, além de José Manuel Luís Casimiro, encontram-se José Marques Saraiva e António Filipe Cardoso Lopes.

# Europa-TV continua

O consórcio Europa-TV decidiu prosseguir o seu projecto de emissão multilínguas e pan-europeu durante uma reunião em Hilversum, Holanda — disse uma fonte da RTP.

O projecto Europa-TV prossegue a partir de agora com a RTP, a RAI, italiana e a RTE, irlandesa, tendo saído a NOS, holandesa e a ARD, alemã federal.

Estas duas cadeias televisivas invocaram razões de ordem financeira para abandonar o projecto.

Fonte do conselho de administação do consórcio revelou que se vão iniciar, de imediato, contactos com outras estações de televisão europeias que já se mostraram interessadas em investir na renovação do projecto.

## DECLARAS

**BOB GELDOF** é um dos 56 indivíduos que, juntamente com 28 organizações, são candidatos ao Prémio Nóbel da Paz de 1987. Jakob Sverdrup, secretário do comité nóbel norueguês, disse que o total registado inclui um candidato a menos do que em 1986. O recorde foi atingido em 1985 quando foram propostas 101 candidaturas. O comité não divulva nomes de candidatos, mas algumas candidaturas são publicitadas pelos proponentes. Para além da vedeta rock que organizou a campanha «Band Aid», destacam-se ainda entre os candidatos a presidente filipina Corazon Aquino, o nacionalista sul-africano Nelson Mandela e o enviado anglicano ao Líbano, Terry Waite.

**FAFA DE BELÉM** chega a Lisboa no próximo dia 22, a fim de participar, como convidada especial, nos festejos de carnaval que animarão o Casino do Estoril. No decorrer da sua estada no nosso País, a cantora brasileira fará contactos com a Comunicação Social. Entretanto, espera-se para breve o lançamento em Portugal do último álbum de originais da cantora que ainda há pouco tempo foi notícia no Brasil, por ter conseguido emagrecer 40 quilos.

**MANOEL DE OLIVEIRA** ficou, com o seu filme «O Meu Caso», no 16º lugar numa lista de 29 preferências dos espectadores presentes nos primeiros três dias do Festival de Cinema de Roterdão. «Para o cinema em geral, um festival destes não é bem para se ver o filme. É mais um ponto de reunião interessante», comentou à agência Lusa Manoel de Oliveira. O seu filme, apresentado pela primeira vez em público no Festival de Veneza, foi exibido domingo em Roterdão, em três sessões consecutivas, na versão original francesa, com legendas em italiano.

**ALMEIDA BRUNO** confirma, em entrevista concedida ao jornal desportivo «O Jogo», ter sido convidado por vários associados do Benfica para se candidatar ao cargo de presidente do popular clube, nas eleições que decorrerão brevemente e que contam já com a anunciada participação de duas listas: uma liderada por Fernando Martins e outra encabeçada pelo engº Cavaleiro Madeira. Consta nos meios benfiquistas de que o antigo comandante-geral da PSP irá ocupar o «vazio» deixado pela recusa do dr. Marcel de Almeida.

**PEREZ DE CUELLAR** debateu terça-feira em Argel com o secretário-geral da Frente Polisário, Mohammed Abdelaziz, o conflito do Shara Ocidental - indica um comunicado distribuído em Lisboa. O comunicado, divulgado pelo comité português de apoio à Frente Polisário, refere que Abdelaziz reafirmou durante o encontro o «apego indefectível» do seu movimento aos planos de paz da ONU e da Organização de Unidade Africana (OUA) para o Shara Ocidental.

**OLOF PALME** voltou à tona do noticiário, ao ser anunciado que o chefe da equipa de detectives que investigavam o assassínio do primeiro-ministro sueco foi substituido e as investigações reactivadas a partir de hoje. O controverso chefe da polícia de Estocolmo, Hans Holmer, foi substituído quarta-feira à noite como responsável pelo inquérito e a sua equipa de 15 elementos desmantelada pelo sucessor de Palme, Ingvar Carlsson.

# Breviário medieval salvo do lixo

O pároco da Igreja de Santa Cruz de Coimbra, José Bento Vieira, revelou que evitou que um pergaminho do Século XIII fosse lançado para a camioneta do lixo.

Bento Vieira, que se licenciou em História para melhor zelar pelo que ainda resta do património daquele templo monástico, referiu que a sua intervenção «foi casual, mas providencial».

Na sequência de obras realizadas nas instalações do Mosteiro pela Direcção-Geral dos Monumentos Nacionais, reparou num grande livro num monte de entulho acumulado pelos operários.

Verificou tratar-se de um breviário medieval com o respectivo calendário e tomou as providências necessárias.

Trata-se de um volume de 95 folhas de pergaminho, no formato de 345 por 270 milímetros, dobradas em cadernos de oito folhas, encontrado atrás de um cadeiral dos frades cruzios que outrora habitaram o Mosteiro.

O investigador cónego Nunes Pereira, dos primeiros a observarem o achado, considera que remonta ao Século XIII. Este professor jubilado da Universidade de Coimbra foi ainda mais preciso ao assegurar à agência Lusa que, pelo menos o calendário contido no volume, foi elaborado entre 1233 e 1263.

«Esse calendário já traz a festa de Santo António, canonizado em 30 de Março de 1233, na letra original, enquanto a festa da transladação das suas relíquias, em 7 de Abril de 1263, vem em letra acrescida», explicou.

Parece ao professor Avelino Costa que o texto do breviário «é um pouco posterior ao do calendário, mas também ainda do Século XIII». «É um texto muito bem escrito em letra elegante. Só é pena que algumas folhas estejam estragadas na parte superior por terem apodrecido devido à humanidade», disse.

Alexandre Herculano mandou transportar para o Porto muitas carradas de livros do espólio de Santa Cruz e os boeiros aqueciam-se pelo caminho com fogueiras acesas com os volumes mais antigos e que lhes pareciam de menor importância.

O frade cruzio que, por descuido, deixou tombar o breviário atrás do seu cadeiral, acabou por salvar, sem o saber, uma valiosa peça desse espólio.

# LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA» SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS.
NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO, 44 1200 LISBOA TELEF. 32 02 71/ 32 02 72.
TELEX: 12363

N.º 289


## Clip

■ **Saramago premiado em Itália**

«L'Anno della Morte di Ricardo Reis», tradução italiana do livro de José Saramago editada pela Feltrinelli, de Milão, é um dos três vencedores da secção **literatura estrangeira** do Prémio Grinzane Cavour (220 contos). Os dois outros premiados da mesma secção são os escritores Jean Levi e Graham Swift. A Feltrinelli tinha já publicado uma tradução do «Memorial do Convento».

■ **Exposição Hernâni Cidade**

Na Sala Camões, da Sociedade de Língua Portuguesa, foi esta semana inauguradauma exposição bibliográfica de Hernâni Cidade, que comemora o seu centenário. O autor celebrado, especialista de literatura portuguesa dos séculos XV a XVIII, foi apresentado, na inauguração, por David Mourão-Ferreira.

■ **Mudança em Setúbal**

O fundo local da Biblioteca Municipal de Setúbal foi transportado para a Casa do Bocage (Rua Edmond Bartissol) e está disponível para o público das 9 às 12 e das 14 às 17 e 30 horas. A mudança fica a dever-se às obras de recuperação das instalações da Biblioteca Municipal, na Avenida Luísa Todi.

■ **Uma TV algarvia?**

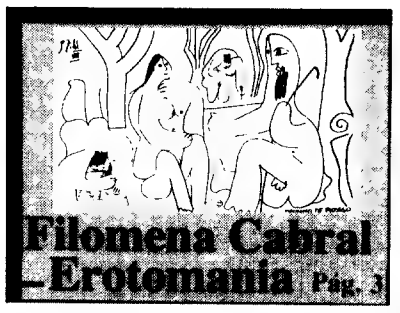
A Rádio Lagoa, dirigida pelo alemão-federal Peter Fisher, está a celebrar um ano de emissões regulares e pretende instalar uma estação televisiva de cobertura nacional. Fisher diz que estudos de mercado apontam para a viabilidade de uma estação de TV algarvia para todo o território nacional. A Rádio, que agora utiliza a sigla «RTL», é ouvida em todo o Sul 19 horas por dia, devido ao emissor de 5KW instalado na serra de Monchique.

■ **Finanças e poesia**

Foi o ministro das Finanças de Cabo Verde, Arnaldo França, quem organizou o guião do recital «O Rio», dedicado à poesia portuguesa, que em Janeiro foi apresentado nos centros culturais portugueses da Praia e do Mindelo. O embaixador José Fernandes Fafe também trabalhou no guião com o ministro. Gil Vicente, Jorge Barbosa, Alvaro de Campos e José Craveirinha, Camões e Alda Lara, Cesariny e Ruben Braga, João de Deus e Francisco José Tenreiro foram os poetas lidos pela actriz Madalena Pestana.

■ **Itinerário de «Morte no Douro»**

«Morte no Douro», de Modesto Navarro, vai ser discutido sexta-feira, sábado e domingo em Mirandela, Moncorvo, Carrazeda de Ansiães e Vila Flor. Para além do autor participam nas sessões-debate o dr. Luís Carvalho Oliveira, proprietário na Região Demarcada do Douro, o professor Luís Correia e o cantor Francisco Ceia.



**Filomena Cabral – Erotomania** Pág. 3

**Mello e Castro – Poesia em 86** Pág. 3

**A propósito do «Bolor» de Augusto Abelaira** Pág. 4

Winnie Mandela

*Parte da minha alma*

Pág. 7

# *O Nome da Rosa entre Holmes e Bond*

CORRIA o ano de 1327. No auge da disputa entre o obstinado Papa João XXII, instalado em Avinhão, e o imperador Luís da Baviera, um frade franciscano de proveniência inglesa e um noviço beneditino detêm-se numa abadia do Norte de Itália onde irá ter lugar um encontro entre teólogos franciscanos e uma delegação da cúria papal, que irão debater questões relacionadas com a pobreza de Jesus e suas consequências para a doutrina e a prática da Igreja.

O monge franciscano chama-se guilherme (como o seu compatriota, e alegado amigo, Occam que na disputa entre o império e o papado se colocou decididamente do lado do imperador, defendendo o fim do dogma da infalibilidade do papa e o direito do imperador a destituir um papa herético) e tem por apelido Baskerville (nome que nos remete para um dos mistérios desvendados por Sherlock Holmes). O seu jovem companheiro responde pelo nome de Adso, cuja semelhança sonora com o nome do companheiro do detective inglês é evidente.

Este Sherlock Holmes medieval, antigo inquisidor, vai ser incumbido pelo abade de desvendar a misteriosa morte de um dos monges da abadia, o jovem iluminista Adelmo Otranto. De descoberta em descoberta (e com mais algumas mortes pelo meio) Guilherme vai chegar até à biblioteca labiríntica e ao seu sinistro guardião, chave de todo o enigma.

Como cenário para a intriga, Umberto Eco reconstitui o quotidiano de uma abadia medieval, tendo como pano de fundo o ambiente político, religioso, cultural e mental do século XIV. Recusando qualquer primarismo maniqueísta, O Nome de Rosa revela-nos contudo como os problemas fundamentais do homem se mantiveram, na sua essência, os mesmos ao longo de todos estes séculos e como as respostas encontradas pela humanidade foram igualmente de idêntico teor.

No filme de Jean-Jacques Annaud, assumido palimpsesto do livro de Eco, perdem-se muitas das referências e conotações que existam no romance; em contrapartida ele contém um outro universo de referências (sobretudo cinéfilas) a começar pela cena, de toque hitchockiano, em que os protagonistas descobrem um manuscrito comentado por Umberto de Bolonha (Umberto Eco).

Frei Jorge de Burgos perde, no ecrã, o apelido e parte da sua funcionalidade, constituindo uma figura muito menos rica e complexa que o seu homónimo do romance, este com nítidas ressonâncias do quase mítico Jorge Luís Borges. O Frei Jorge do filme não é senão um dos representantes da maldade, um dos sequazes do fanatismo religioso da intolerância e da tirania a que se opõe, com denodo e coragem, Guilherme de Baskerville.

A diegese do romance é distorcida para reforçar a acção, ficando por esclarecer, ou aprofundar, a maioria das questões focadas que não tenham relação directa com o fio da intriga. São adições à história primitiva a quase queda de Guilherme no alçapão da torre, a morte do inquisidor (a maldade castigada) ou a comovente despedida de Adso e da rapariga.

Assim, pode dizer-se que não é apenas a escolha de Sean Connery para protagonista que dá uma nota jamesbondiana ao filme de Annaud: o realizador decidira intencionalmente focalizar a sua atenção na intriga policial, diluindo o cenário político-social, ao serviço de uma estratégia de grande espectáculo.

Curiosamente (ou talvez não) a sequência narrativa passa a ter um certo paralelismo com a dos filmes (e livros) de 007, que Umberto Eco esquematizou, globalmente, do seguinte modo:

«A — M. confia uma missão a Bond.

B. — O Malvado aparece a Bond (eventualmente sob uma forma substitutiva).

C. — Bond inflige uma primeira derrota ao Malvado — ou então o Malvado inflige uma derrota a Bond.

D. — A Mulher apresenta-se a Bond.

E. — Bond seduz a Mulher; possui-a ou empreende a sua conquista.

F. — O Malvado prende Bond (com ou sem a Mulher, ou em momentos diversos).

G. — O Malvado tortura Bond (com ou sem a Mulher).

H. — Bond vence o Malvado (mata-o ou mata o substituto ou assiste à sua morte).»

Se levarmos em conta que Adso (como Sancho Pança em relação a D. Quixote, ou Watson relativamente a Holmes) é como que um alter ego de Guilherme de Baskerville, as semelhanças deste esquema como esqueleto do guião do presente filme são evidentes e não são mera coincidência. Ora este esquematismo é inteiramente alheio ao romance de Eco que explicitamente recusou quer este esquematismo míope quer a ideologia maniqueísta em que assenta.

Nesta perspectiva a história de «O Nome da Rosa» do realizador francês não é exactamente a mesma de «O Nome da Rosa» do professor italiano. Não resulta do facto nenhum prejuízo para o livro de Umberto Eco. Resultará algum benefício para o cinema?

**António Apolinário Lourenço**

* Umberto Eco, James Bond: une combinatoire narrative, in *Communications*, 8

# Ainda a Papisa Joana

O centro axial do romance de Royidis **Papisa Joana** é o esfumar gradual da ironia, reforçando-se a humanidade. O céptico, cínico grego, é seduzido, revela-se: «A imagem recorta-se; é pura e nítida como uma carta: é a carta do que me faz mal. Precisa, completa esmerada, definitiva, não deixa lugar para mim: estou excluído dela como da cena primitiva, que talvez só exista enquanto recortada pelo contorno da fechadura. Eis, enfim, a definição da imagem, de toda a imagem: a imagem é isso de que estou excluído.» (1) E assim foge Royidis ao mergulho íntimo da escrita no Eu tão diferente num romance como **O Nome da Rosa:** «Nas páginas que se seguem não quero abandonar-me a descrições de pessoas — a não ser quando a expressão de um rosto ou um gesto apareçam com sinais de muda, mas eloquente linguagem —, porque, como diz Boécio, nada é mais fugaz do que a forma exterior, que fenece e muda como as flores do campo ao surgir o Outono, e que sentido teria hoje dizer do abade Abbone que tinha o olhar severo e as faces pálidas, quando agora ele e os que o rodeavam são pó e do pó o seu corpo tem já o cinzento mortífero ...» (2) Royidis segue um percurso diverso, incorpora em si as sensações de toda a criação da personagem Joana, fá-la submeter aos mecanismos que compõem, segundo ele, o mundo que a cerca, cercou ou cercaria. Dilui, suavemente tocados, o dogmatismo, demonologia, escolástica, no percurso narrativo do romance. Pinta o misticismo exegético das experiências e crónicas do clero. Analisa subjectivamente os processos mentais de construção do real, viventes **agora** (tempo narrativo) do espartilhante Dogma e Postulado.

O romantismo «lírico» da sua modernidade é criticado, pontuado pela amargura: «Já lhe aconteceu, caro leitor, que após ter passado um dia a ler uma novela medieval, como as aventuras do Rei Artur ou os amores de Lancelote e Guinevere o livro lhe escorregava das mãos enquanto a sua mente divaga em comparações entre o passado e o presente, desejando poder reviver aqueles tempos em que reverência, patriotismo e amor dominavam o mundo? (...)

Mas quando deixei os rapsodos para procurar a verdade enterrada na poeira do tempo que envolve as crónicas dos contemporâneos, as leis dos reis, os memorandos dos sínodos, as bulas papais, algo de diferente me esperava. Mas, da verdade nua e crua sobre a Idade Média, só tomei consciência em Hersart através das obras de Barónio e Muratori. Vi-me então forçado a lamentar não o facto de tais tempos terem passado, mas sim o facto de tais épocas fabulosas e doiradas nunca terem verdadeiramente acontecido nesse mundo de fé cega e heroísmo.» (p. 37)

No entanto aqui e ali emerge o bucolismo: «Abril chegara ao fim e por todo o lado a natureza estava verdejante, sorridente e bem cheirosa como uma jovem vestida por uma hábil dama de honor. Os aromas primaveris intoxicaram a jovem freira que, após três meses de reflexão metafísica no recolhimento da sua cela, aspirava com uma ânsia crescente os odores da relva nos campos e das violetas.

Quando temos vinte anos, existe entre o nosso coração e a Primavera, na opinião de médicos e poetas, uma relação misteriosa e inexplicável, como a de Sócrates com Alcibíades. Ao olhar as folhas verdes das árvores, a relva macia ou uma sombra acolhedora, sentimos de imediato o desejo e a necessidade de uma companhia que connosco habite esse Paraíso.» (p. 47)

A constante cumplicidade do leitor, sempre requestada por uma erudição sacro - profana, teatralidade e verismo descritivo, atravessa o texto num subtil constar na ambiência histórica, séc. IX, séc. XIX. Ironia cronológica ou não? Perguntemo-nos.

Capta-se não só a distanciação da espiritualidade versus temporalidade, dinâmica ocidental pululante, cadência langorosa bizantina, numa sitonia quase corrosiva do cepticismo de Royidis.

A consciência é o factor da história (ideia ainda hoje explorada e vulgarizada como preocupação não só do «artesão da história» — histsoriador, mas igualmente pelo observador do real. Richard Eyre no seu filme **A Verdade dos Factos** vivencia toda esta actualidade.)

Existe um malabarismo fascinante, do conhecimento subjetivo finamente peneirado pela ironia, do real detentor da verdade, da nudez, da ilusão. A mulher é visualizada através dum caleidoscópio, furta-cores, sedutora, e seduzida pelo poder; cerebral, ao mesmo tempo que intuitiva. Verdadeiro mistério apaixonante pela penumbra em que se envolve. O criticismo radicado na leitura da personagem não é juízo moral. Royidis expõe a nebulosidade psicológica dos desejos, paixões, ambições, como [illegible] escriba acordado, sensível, pessoal.

[illegible] é escritor porque [illegible] ber, o de todos [illegible] mais superiores [illegible] penumbra da dúvida e da escuridão onde apenas o poeta ou o romancista se atrevem a tocar. Ao iluminar o seu tema com a lanterna mágica da sua imaginação, ele apercebe-se de fantasmas sombrios ou vagamente trocistas.» (p. 129) O material — os factos — são fornecidos pelo historiador, preferencialmente o cronista, pois neste se enlaçam a imaginação e o real longínquo. A ficção é o gérmen para a criação do romance: «Há momentos mágicos, de grande cansaço físico e intensa excitação motora, em que se dão visões de pessoas conhecidas no passado («en me retraçant ces détails, j'en suis à me demander s'il sont réels, ou bien si je les ai rêvés»). Como aprendi mais tarde, no belo livrinho de Abbé de Bucqouy dão-se igualmente visões de livros ainda não escritos.» (3) É um tempo novo aquele que nos é oferecido por Royidis, é a magia do discurso, próximo e longínquo na intenção e no lazer.

**Ana Paula Menino**

**Notas**

(1) Roland Barthes. Fragmentos de um discurso amoroso
Lisboa, edições 70
(2) Umberto Eco. O Nome da Rosa
Lisboa, Difel.
(3) Idem

## A Procura do Silêncio, Ernesto Sampaio, Hiena Ed.

«Ce voyageur au bout d'une étape de plus de cinquante ans s'obligeait pour la première fois de sa vie à retracer en esprit les chemins parcourus, distinguant le fortuit du délibéré ou du nécessaire, s'efforçant de faire le tri entre le peu qui semblait venir de soi et ce qui appartenait à l'indivis de sa condition d'homme.» Alquimista, com o Zénon de **L'Oeuvre au Noir** de Marguerite Yourcenar, ou poeta, um momento chega em que, consciente ou inconscientemente, o olhar se desvia para os caminhos percorridos. A memória trai eventos secundários, define instantes que se pensava perdidos.

Creio que um dos aspectos mais sedutores deste **A Procura do Silêncio** é o modo como a linguagem é assumida enquanto espaço natural de projecção da memória. Memória insinua viagem, e consequentemente o recuperar de imagens passadas, de rostos alterados pelo tempo, e a reavaliação do eu. Essa ideia de viagem pela memória está presente nos subtítulos das várias secções do livro («Dois Rios», «Travessia», «Estrada»), indiciando o seu carácter ontológico.

Assim, a poesia surgirá não só como um lugar onde o sujeito se espelha e a identidade se procura mas também como fonte de diálogo com um interlocutor recriado na memória:

*Somos dois rios*
*que se afastam em silêncio*
*e os anos acumulam*
*de um pó essencial*
*antes de desaparecer*
*para nunca mais.*
*Já se perde*
*na corrente fortíssima*
*a fixidez dos teus olhos.*
*Até ao fim dos anos*
*os teus olhos*
*me fixarão.*

Longe da renovação de Heraclito ou da suspensão de Ricardo Reis, este olhar repousa nô fascínio da vida, da experiência, do passado. No futuro, a morte, a dissolução, o fim — o silêncio. Deste modo, para uma poesia que tem no homem o centro do existir, quando ele chega ao momento do ajuste de contas consigo, com a vida, o passado surge inevitavelmente.

Versos como «Infância Perdida Numa Serra Sonora» ou «Velho Jardim da Minha Infância» tornam explícita a importância do passado. No entanto, tal como o ritmo dos versos, ele percorre, subterrânea, implicitamente, esta poesia num jogo de analogias e correspondências que se poderá estruturar do seguinte modo: infância — terra — aprendizagem. A infância surge no tempo distante sob o signo matricial, protector, da natureza, graças à qual se desperta também para o saber:

*... O rumor da terra*
*a girar sobre o seu eixo*
*finalmente o silêncio puro medicinal*
*que enchia os ouvidos*
*e se tornava canto.*

O encanto desta natureza decorre, quanto a mim, da apropriação que a poesia dele faz. Só então ela ganha o verdadeiro encanto, já que nesse instante o rosto do homem se começa a delinear. Ao descer às origens da memória humana, a poesia visita a matriz, busca a insinuação das sensações experimentadas. Os versos surgem na contensão da mais profunda maternalidade. O olhar é lúcido. O ciclo completa-se. O «rumor» inicial é a vida que faz «girar» este universo (esta «terra») que o «silêncio» da poesia é: assim se «torna canto».

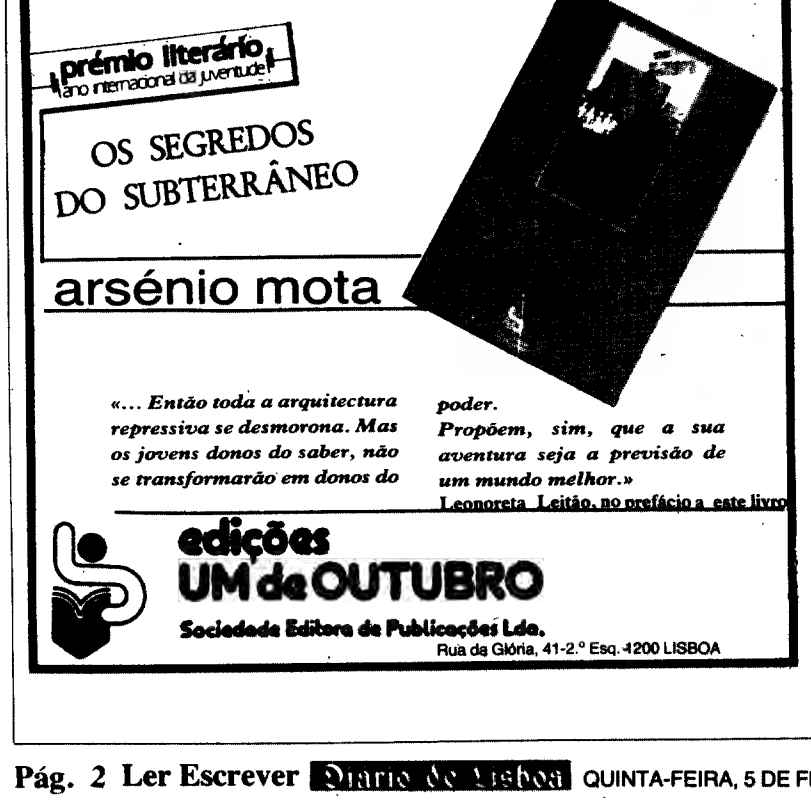
*Ciclone ou aragem*
*seremos sempre dois rios*
*antigos como a comédia*
*dos fluxos e refluxos.*

O presente? Esse é o tempo da escrita, o instante em que se formula o olhar, em que nas trajectórias labirínticas da memória se busca um percurso através do qual instantes, gestos, personagens surjam de novo. Ninguém melhor do que o próprio poeta para dizer esse sentido:

Hoje, sobre a terra rolando pelo tempo, dentro deste labirinto cada vez mais estreito, onde as paredes mais se comprimem e o ar se rarefaz, coalha do de ameaças, de sinais indecifráveis, reflexos de povos e de memórias, ecos de acções e de sonhos, ruir de paredes que outras paredes cercam, gemidos de naufrágios e tempestades, girar de planetas.
Uma voz abatida, longínqua, do peito do homem se levanta, segura, lenta, uma voz que não se esquece nunca, vibrátil, ardente, correndo pelo íntimo da terra como um fogo secular, um murmúrio ameaçador, humano, implacável.

Assim esta poesia se insere na nobre tradição da busca ontológica, instante liminar do silêncio. «A ocasião chegará em que o homem privilegie o silêncio original, o anterior silêncio de onde as palavras nascem sem poder exprimir nem tocar a verdadeira realidade.» (Eduardo Lourenço, **Fernando Rei da Nossa Baviera**)

**Mário Avelar**



## «Estação dos Musgos» é o seu primeiro livro

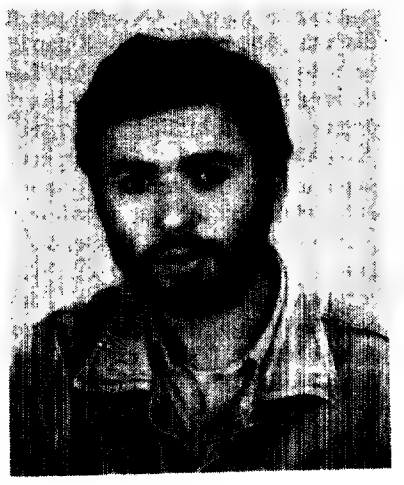
# Rui Mangas, um jovem poeta

RUI Duarte Mangas, um jovem universitário de 24 anos, ganhou o concurso literário «A Literatura na Universidade», na modalidade de poesia, com o original «Estação de Musgos».

A iniciativa foi da Associação de ESTUDANTES DA Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e a organização do concurso esteve a cargo da Associação de Jornalistas e de Homens de Letras do Porto.

Rui Duarte Mangas, estudante de Direito na Universidade de Coimbra, é membro da República «Ninho dos Matulões. «Estação dos Musgos» é o seu primeiro livro, embora já tenha alguns poemas publicados em jornais regionais do Minho, onde nasceu.

«Agrada-me pouco a ideia de andar metido em concursos literários para ver publicados textos meus. Mas lá teve que ser... Contudo o melhor prémio que eu poderia receber seria a existência de fortes indícios, que até agora não apareceram, por parte de quem pode e deve, de


Rui Duarte Mangas

que os jovens escritores deste País têm e terão oportunidade para publicar os seus trabalhos» — disse ao «DL» o jovem poeta, a quem alguns amigos chamam, com alguma ironia, o Mangas.

Do livro «Estação dos Musgos» eis dois poemas que bem atestam a qualidade da poesia de Rui Duarte Mangas:

*O cavalo da memória*
*vai ruminando dramas*
*que trazemos nos bolsos*
*fisgas andorinhas e peões*
*possuímo-los ainda*
*basta uma garrafa*
*um gesto*
*copo a copo o vinho estende-se*
*no prado*

### Do outro lado da manhã

*Aqui como as ervas*
*os olhos basculham os escobros*
*da luta*
*embaciadas as palavras*
*escondem*
*os sons da multidão*
*«o governo adverte que o uso*
*do tabaco pode prejudicar a saúde»*

# *A procura do discurso ou a poesia em 1986*

*À memória de Alexandre O'Neill e Ruy Cinatti (Amigos)*

É sabido que pelo menos há duas décadas a poesia portuguesa se debate com o discurso e o discursivo. A ruptura da Vanguarda de 60 colocou mesmo aí a sua problemática: acabar com o discursivismo quer sentimental quer ideológico, para assim se poderem escrever de novo os sentimentos e as ideias, estando a ênfase colocada no acto da escrita. Isso, de certo modo, foi conseguido pelos poetas da década de 60 e início dos anos 70.

Mas logo os sentimentos se vingaram nas gerações mais novas, impondo-lhes novos sentimentalismos, quantas vezes sob capas insidiosas de reivindicações individualistas menores: um surto de neo-romantismo urbano caracterizou o fim dos anos 70.

Mas também a recusa do discursivo abriu caminho à inquietação dos discursos possíveis ou impossíveis.

É precisamente essa procura inquieta e inquietante do discurso, ou melhor, das possibilidades possíveis de um discurso novo, que encontramos nos vários livros de poesia publicados em 1986. Não é que 86 tenha sido um ano excepcional de produção poética nem pela quantidade nem pela qualidade. E não é um balanço que eu desejo agora fazer: um balanço desses que já não se usam, pretensamente exaustivos e na maioria das vezes incloncludentes.

Agora e aqui proponho-me somente recordar alguns livros de poesia que gostei de ler no ano que passou e enunciar o denominador comum desse gosto: a já referida procura de um discurso novo ou simplesmente de um discurso — outro ou diferente, mas capaz de dizer nas suas articulações sintáticas a inquietação que nos invade a vida no quotidiano deste fim de século.

Assim apraz-me referir livros como «**Viajante Oxalá**» de António Barahona ou «**Volante Verde**» de António Ramos Rosa e colocá-los a par de livros de autores novos que se apresentam em estreia como «**Língua, Barco Afectivo**» de Jorge Maximino e «**Memória de Hibakusha e Outros Poemas**» de Antero de Alda. Ou ainda referir livros como o de Nuno Júdice «**Lira de Líquen**» (certamente o seu melhor livro de poemas) e «**Poe-mas Com-sentidos**» de Wanda Ramos; «**Os Jogadores de Xadrez**» de Pedro Alvim; «**Voz Nua**» de Matilde Rosa Araújo; «**Para não Falar**» de Hélder Moura Pereira; «**Textos Inocentes**» de Álamo Oliveira; «**O Difícil Comércio das Palavras**» de José Antunes Ribeiro; e também o livro de Alexandre O'Neill «**O Princípio de Utopia, O Princípio de Realidade Seguidos de Ana Brites, balada tão ao gosto popular português & vários outros poemas**». Em todas estas obras se contrastam alguns dos modos escriturais através dos quais se manifesta uma aguda consciência da necessidade de reformular o discurso ou de encontrar um modo de dizer capaz de dizer substantivamente o que é necessário dizer neste fim de século.

Porque essa é a função da poesia: pesquisar interminavelmente o que em cada dia é possível e é, ao mesmo tempo, impossível de dizer. E formular a maneira adequada de dizê-lo, maneira essa que será depois usada na prosa e na fala quotidiana de todos nós.

É por isso significativo assinalar a publicação em 1986 de quatro livros de obras completas ou antológicas em quatro registos diferentes que nos trazem também as inquietações e essa mesma luta com a formulação adequada do dizer o novo, nos seus respectivos tempos e modulações estéticas. São eles: «**Cantos Cativos**» de Arquimedes da Silva Santos, recuperando a poesia neo-realista deste poeta, um tanto esquecido, dos décadas de 30 e 40; «**Ruy Cinatti**» uma antologia da

Nuno Júdice, Wanda Ramos, Pedro Alvim

sua obra organizada por Joaquim Manuel Magalhães e ainda planeada com a participação do autor, em que esta poesia oriunda dos anos 40, mas logo deles destacada pela sensibilidade do tratamento do texto em termos de sínteses imagísticas, se projecta com uma dimensão de actualidade no nosso próprio viver contemporâneo.

A terceira destas antologias é «**Cá e Lá**» de Fernando Lemos (publicada nos últimos dias de 85) onde o surrealismo português dos anos 50 ganha uma metamorfose fonético-imagística no trato diário com o pendor paulista do dizer poético (irónico e sintético) assim alcançando o tratamento textual de um verdadeiro experimentalismo entregue à antropofagia de estar vivo cá e lá, quaisquer que sejam esses cá e lá: Lisboa, São Paulo ou vice-versa.

Para o fim guardei o livro do tempo presente: «**As Metamorfoses do Vídeo**» ou como direi do ouvido, ou do ouvídeo ou do olho vivo... de Alberto Pimenta. Livro ostensivamente novo e por isso transgressivo; livro obviamente vivo e por isso incómodo. Mas é em obras como esta que a nossa inquietação pelo discurso possível/impossível se afoga e se renasce: o possível é o que nunca foi dito; o possível é o que nunca é dito. Assim Alberto Pimenta antologia a sua poesia e propõe-a, isto é, põe a poesia própria ao serviço dos novos suportes, sendo neste caso o suporte o «off-set» e as suas possibilidades de composição espacial diferentes das da clássica tipografia. E descobre, isto é, põe a nu as possibilidades do dizer visual que se lê com os olhos.

Pouco mais haverá a dizer deste pobre ano de 1986 em que muito se falou de cultura nas instâncias políticas mas em que aqueles que propriamente estão interessados na criação artística e as pessoas realmente cultas se ocultaram, talvez por sentirem que essa festa não é efectivamente a sua, Pelo menos a minha não o é, tanto como poeta, como crítico e como cidadão, que me incomodo demasiadamente com as inconsistências e os oportunismos do estridente e desafinado «marketing» cultural que os aprendizes de feiticeiro locais confundem com cultura e criação artística numa democracia.

Mas isso são contos largos que noutro balancete deverão ter entrada. No que diz respeito à poesia, apenas um apontamento pragmático em forma de pergunta: quando é que os nosso editores entenderão que a obra literária, a poesia, portanto, é um TRABALHO que tem de ser remunerado e que a única relação possível entre o autor e o editor é uma relação profissional com obrigações concretas e sérias? é que vão sendo demasiados os atropelos à clareza dessas relações, transformando-se o campo editorial numa selva em que a razão económica e quantas vezes apenas a financeira se transforma na sem-razão duma protocultura sem respeito próprio.

Termino recordando um poema de Al Berto (publicado em 85) mas que duma forma paradigmática nos diz a inquietação desse dizer do fim do século que serviu de espinha dorsal a esta crónica:

*«combinara o encontro no limite deste século*
*onde nenhum homem dorme no limiar do dia*
*e o sonho se desfaz sob a nocturna incerteza*

*um raspar de veia reacende lumes*
*ilumina o turvo sangue os caminhos e a casa*
*onde pararam todos os relógios*

*quanto tempo para erguer a cabeça?*
*quem nos exterminará? no fim deste século*
*acordarão homens no outro lado da manhã?*

*que vestígios permanecerão desta reclusão?*
*e a morte existirá ainda*
*para além do ínfimo estremecer deste corpo?»*

*(in: «Uma existência de papel»)*

**E.M. de Mello e Castro**

# EROTOMANIA

## *Feelings* Filomena Cabral

Espero Nardo. Você desconhecerá, talvez, o significado de horas de espera. Como explicar-lhe? É um tempo em que nada acontece, imobilizamo-nos num local qualquer e o nosso pensamento inquieto, exaltado ou frustrado, percorre os cambiantes da alegria e do desespero. Espero Nardo em cafés e bares de hotel próximo de gente ociosa ou que neles procura refúgio, a tentativa de exercícios de imaginação em troca de opiniões com amigos ou conhecidos. Alguns permanecem calados horas seguidas, as exactas horas da minha espera, em frente de uma chávena, um copo, pontas de cigarros, enquanto espiam os ocupantes de outras meses. Os empregados, aparentemente vivos, deslocam-se na monotonia de gestos repetidos.

Por vezes, espero Nardo em bares de hotéis de luxo. E escuto uma cantora da noite, voz mais ou menos rouca, gritando o amor, sugerindo-o, sussurrando-o em suas maleitas, afagos, delícias.

Ele atrasava-se uma vez mais. Angustiada, deixei que o olhar percorresse o que me rodeava, e detive-me na cadeira em frente. Alguma coisa ia tomando forma em esforço para concretizar-se: um homem completamente nu (impossível!) Preocupada e aflita, detesto escândalos, atirei-lhe o meu casaco comprido, enquanto proferia: Que ideia! O rosto dele ficou a destacar-se contra o espaldar. O corpo semicoberto de negro, apoiar-se-ia no encosto acolchoado e confortável. Aparentemente, ninguém nos observava, esforcei-me por parecer natural e acrescentei: não poderá ficar aí muito tempo; espero Nardo. Cerrou os olhos e não respondeu. A cantora, Akilá, sussurrava amorrr e logo a seguir braçosss, bêjooooss. Comi uma cereja da bebida polícroma pousada na mesa que nos separava; ele permanecia na mesma posição. Ela olhou-nos com olhos lânguidos, por automatismo, e sussurrou mais umas tantas ternuras. Sobressaltei-me: o ser estranhíssimo tinha afastado o casaco para o lado e eram perfeitamente visíveis um ombro e o braço longo; os pés mudaram lentamente de posição, como se de forma estudada. O empregado aproximava-se com uma taça de amêndoas; experiente do lugar, sabia que talvez eu tivesse tempo de sobra para mordiscar o recheio do recipiente de vidro. Espantada, verifiquei que não demonstrava estranheza pela inusitada presença: sorria e afastava-se.

Terminada a série, Akilá descansava numa mesa ao lado. Olhou-me de soslaio, como as mulheres costumam fazer ao olharem para outra mulher, divertida; não seria a primeira vez que testemunhava as minhas esperas. Verifiquei que lhe seria impossível ver o rosto do bruscamente aparecido; teria, no entanto, consciência de uma cabeça masculina apoiada ao espaldar do sofá. Talvez pensasse que me decidira a trocar de companhia — no que lhe daria razão: sou bela, desejável, e demonstraria estupidez insofismável, se perdesse horas e horas de vida que nunca se sabe quando termina, esperando um homem de tal intermitência.

Novamente me olhou Akilá. Fiquei indecisa: deveria sorrir-lhe? Seria excessivo, contudo tinha estado a cantar para mim. Como demonstrar-lhe agradecimento? Apenas esboçado o sorriso, levantou-se da mesa e aproximou-se. Posso sentar-me? Claro, respondi. Espera o seu amigo? (que perspicácia; quem haveria de esperar?) Não respondi e olhei o indivíduo semideitado. Ela, interpretando o meu olhar como indicação de local, sentou-se. Fiquei à espera de um grito, um sobressalto; porém, acomodava-se, sentava-se no colo dele, encostava-se-lhe ao peito, e, com um gesto deliciado — pareceu-me — perguntou como se afirmasse: gosta de virrr aqui? Apressei-me a dizer que sim e que era agradável ouvi-la cantar. Gosta mais em ingleis ou franceis? Respondi que gostava de feelings, bizouts, arms, tigrezas, simone e Akilá. Ela deu uma gargalhadinha e exclamou: Que diverrtida!

Alguém entrava no hotel. Continuaria a esperar Nardo...Durante este lapso de atenção, ela voltara-se para o ser estranhíssimo, abraçava-o, beijava-o, enquanto me ia dizendo: imaginô que não tinha visto êli? Conheço-o faiz muito tempo — e abandonando o sotaque — é um fantasma delicioso e perverso, deambula por aqui e sempre escolhe a companhia de mulheres solitárias, provoca-as com a sua nudez e consegue assustá-las. Frustrado, espera sempre por mim!

Akilá!!! Olhava espantada as pernas longas de Akilá, os braços esculturais, a boca, os olhos; o sexo dele desparecia nas mãos dela. O olhar dele veio à procura do meu. Foi nesse exacto momento que as roupas começaram a abandonar-me o corpo. Como explicar-vos? A camisola saiu rápida pela cabeça, a saia desapertava-se e saía, as meias pretas apressaram-se a descer pelas pernas. Apavorada, olhei as outras mesas: aparentemente ninguém notara nada, escutavam o pianista com displicência. Nardo!

Aproximava-se hirto e possessivo. Comecei a balbuciar: não sei o que acontece, acredite! Ele perguntava: Esperou muito? O olhar era tangencial. Não respondi, olhava os seios nus, a carne da cor do desejo. Sentou-se tranquilamente e pediu: um gin tónico, se faz favor! As roupas ajustavam-se de novo ao meu corpo, tão inexplicavelmente como o tinham abandonado. Akilá, junto do piano, olhava-me e sussurrava: there is nobody like you...

## O «Bolor» de Abelaira

# *Literatura do outro lado do espelho*

**1968:** dois dos maiores escritores portugueses contemporâneos, José Cardoso Pires e Augusto Abelaira, dão à estampa duas das obras mais significativas da moderna ficção portuguesa – «O Delfim» e «Bolor».

São dois homens sensivelmente da mesma idade, ambos tangencialmente tocados pelo neo-realismo e, tanto um como o outro, após a redacção dos livros referidos, levaram largos anos a dar por concluído outro romance («Sem Tecto entre Ruínas», o romance seguinte de Abelaira, foi publicado em 1978 e «Balada da Praia dos Cães», de Cardoso Pires, em 1982).

1968 é também um ano altamente significativo no plano político (basta recordar o Maio de 68 parisiense e o esmagamento da Primavera de Praga) e tanto «O Delfim» como «Bolor» reflectem, de alguma forma, a crise de confiança nos valores e nos padrões morais, sociais e políticos que a euforia tecnocrática da Europa dos anos 60 pretendia eternos, assumindo-se por isso (mas não apenas por isso) como obras inovadoras não só a nível nacional, mas também em termos europeus.

Cessam aqui as referências ao livro de Cardoso Pires (já outros o estudaram com profundidade e acerto, e entre eles merece especial destaque Maria Lúcia Lepecki), pois o propósito destas linhas é precisamente chamar a atenção para a 5.ª edição de «Bolor», evento ocorrido em meados do ano transacto mas que até agora não mereceu da crítica o destaque merecido (o livro encontrava-se esgotado à alguns anos).

Disse-se a propósito de «Tiempo de Silencio» de Luís Martín-Santos (outro dos grandes romances dos anos 60) que o romance contemporâneo mantinha com a sociedade uma relação simultaneamente dessacralizadora e sacrogenética (destruía mitos substituindo-os por novos mitos). Em, «Bolor» é claramente a vertente dessacralizadora que tem o maior peso: neste livro Augusto Abelaira faz passar pelo crivo da «razão» alguns dos mitos mais caros à sociedade europeia e ocidental, e é neste racionalismo apurado que reside a «dificuldade da leitura do livro.

Contrariando uma tendência que vinha de meados do século, a dissolução de personagem romanesca, em «Bolor», as personagens parecem agigantar-se, enquanto a acção e o espaço se reduzem ao mínimo como se fossem apenas o suporte cénico necessário à representação. E no entanto a «dissolução da personagem» não está aqui ausente: ela traduz-se numa crise de identidade, pois o leitor nunca chega a identificar verdadeiramente as personagens e as suas relações mútuas, nem sequer a saber quem é exactamente o narrador. Não é indiferente que o autor do «Diário», sob cuja forma o romance nos aparece, seja Humberto, Maria dos Remédios ou Aleixo; por isso a história se reescreve quase página a página à medida que cada uma das personagens principais se vai assumindo como autora do «Diário».

«Bolor» começa, pois, por ser um falso diário, o que por si só não constitui nada de novo. Seria, contudo, de esperar que o autor ao optar pela forma diarística se mantivesse fiel a essa opção, contendo a ficção dentro das características dessa forma de escrita. Mas não é isso que sucede. Se é certo que em geral, sob o ponto de vista temporal, a enunciação é intercalada entre os momentos da acção, e noutros casos simultânea, há momentos em que o autor opta por modelos de narração absolutamente incompatíveis com a escrita de um diário: o(s) narrador(es) joga(m) com as datas e as páginas, regressa(m) ao passado ou antecipa(m) o futuro, criando «puzzles» que o leitor terá de decifrar. Outras vezes a submissão às regras da narração intercalada e simultânea é tão rigorosa que se transforma em paródia:

«— Estive a pensar que...

— Devagarinho, devagarinho. Deixa-me escrever: «Estive a pensar que...»

Pensar é com s ou com ç? «stive a pensar que...» Podes continuar agora, já escrevi. — Ela olha para mim em silêncio, escrevo que ela olha para mim em silêncio, e aguardo as palavras restantes a fim de as congelar neste diário (e escrevo que aguardo as palavras restantes a fim de as congelar neste diário (e escrevo que escrevo as palavras restantes a fim de as congelar neste diário — »

Retratos do autor enquanto jovem

Mas também as regras da escrita romanesca são constantemente violadas. Em «Bolor» não encontramos a preocupação da verosimilhança. Aqui a arte ficcional é frontalmente assumida como artifício, ou como redução da vida: «Quem ler estas páginas (o único leitor sou eu é certo) concluirá que a Maria dos Remédios esteve sempre sentada com um livro nos joelhos, deturpação perfeita de tudo quanto se passou, pois a Maria dos Remédios levantou-se inúmeras vezes - quatro, salvo erro».

Parece vislumbrar-se aqui um confronto entre a realidade e a sua representação literária, mas é um confronto viciado pois aquilo que o narrador nos impõe como mundo real é apenas uma construção ficcional tão fantasiosa como a primeira. Desta forma, este presumível acerto com a realidade constitui, afinal, um maior afastamento da mesma, um reforço da ficção. Ou seja: o cheirinho de efeito do real que encontramos neste livro de Abelaira apenas nos obriga a constatar como estamos distantes do dito. De facto, como podemos sentir a ilusão da realidade numa história que, como o manto de Penélope, se constrói e destrói capítulo a capítulo? Em dada altura, Catarina (a primeira mulher de Humberto, já falecida) está «definitivamente condenada» como infiel ao seu marido; poucas páginas depois ela é absolvida e é sobre Maria dos Remédios (a actual esposa) que passa a incidir a suspeita de infidelidade. Basta que uma das personagens se desminta, ou que um dos supostos autores do diário assuma como ficção aquilo que antes apresentara como «realidade», para que toda a história mude de sentido.

Há uma posição em que o narrador, propositadamente, hesita na máscara a ostentar, assumindo-se depois como Humberto travestido de Aleixo: «Divirto-me: neste momento sou o Humberto que sonha ser o Aleixo ou o Aleixo que sonha ser o Humberto? Ou o Humberto que sonha ser a Maria dos Remédios que por sua vez sonha ser o Aleixo que por sua vez sonha ser o Humberto que por sua sonha... Ou o Aleixo que sonha ser a Maria dos Remédios que por sua vez sonha ser o Humberto que por sua vez... Ou a Maria dos Remédios que sonha ser o...»

No final é ao leitor que, com base nos enredos possíveis, compete construir a história de «Bolor».

Será o amor um mito? As personagens do livro de Augusto Abelaira sabem, pelo menos, como Albert Camus, que «não há amor eterno, a não ser contrariado» e por isso adiam o momento de se reconhecerem apaixonadas: «Pensando bem, ainda não gosto de ti. (...) Aliás gostaria de gostar... Mas se gostasse, o amor não duraria muito tempo. Conheço o meu-passado, conheço-me bem.» É apenas por egoísmo que Aleixo e Maria dos Remédios se recusam a reconhecer a importância da sua ligação. Eles sabem desde o princípio que estão a trair Humberto - «As palavras, as trocas de palavras, são menos pecadoras - (ah, a noção de pecado!) - do que os gestos, os afagos?» - e apenas pretendem prolongar o máximo possível o prazer do jogo da sedução.

Quanto ao casamento, ao invés da ideia romântica de desenlace feliz de um amor bem sucedido, surge aqui como um obstáculo ao amor por pretender eternizar e regulamentar uma coisa que, por natureza, é adversa a regimentos. Foi um acaso infeliz que reuniu Humberto e Maria dos Remédios. Não fora esse acaso e talvez Maria dos Remédio fosse para Humberto não o pequeno pesadelo quotidiano, mas o sonho:

«Porque me sacrificaste ao casares comigo, em vez de casares com outra? Outra, portanto, o ponto de referência em relação ao qual eu seria agora o parêntesis, o sonho...?»

A quase vinte anos de distância da sua primeira edição, «Bolor» continua a ser um romance provocante, inovador, actual. É uma daquelas obras que nada perdem a cada nova leitura por estarem construídas com material sólido, que o tempo não desgasta.

*Augusto Abelaira, «Bolor», Edições «O Jornal», 5.ª Edição.*

**António Apolinário Lourenço**

---

## «Descobrimentos e Renascimento»

## Luís Filipe Barreto

OS conceitos de Humanismo e de Renascimento não têm sido líquidos. Nos séculos que se têm sucedido à ocorrência, na Europa, daqueles dois importantes fenómenos da sua história cultural, muito se tem escrito a propósito, sustentando, não raro, juízos manifestamente díspares. Umas vezes, encarecendo, porventura excessivamente, a relevância de um e outro daqueles «acontecimentos longos» da história da cultura; outras vezes, relativizando-se, porventura também, em demasia.

Onde a verdade?

Quer-nos parecer que o problema só poderá ser dilucidado por quem se disponha a encarar Humanismo e Renascimento a partir de uma perspectiva histórico-crítica que traga à luz os fios vários de que os mesmos Humanismo e Renascimento, fáctica e conceitualmente, se tecem, de uma perspectiva que permita alcançar em que medida o Humanismo preparou o terreno ao Renascimento, ajuizar da extensão em que o Renascimento consiste no triunfo do Humanismo, lobrigar as contradições (intrínsecas ou extrínsecas) de que o Humanismo e o Renascimento eram portadores e lhes ditariam os destinos.

A essa tarefa, como à de explicar as relações profundas entre a mentalidade renascentista portuguesa e as Descobertas, se abalança Luís Filipe Barreto com o seu trabalho «Descobrimentos e Renascimento».

Mereceu-nos, desde logo, particular apreço a «Introdução geral» da obra, páginas de escrita vigorosa e incisiva, ao longo das quais, aplicando rigoroso método histórico, o autor passa em análise — análise a que voltará, com maior profundidade, no desenvolvimento da obra — as grandes linhas de força que explicam, em contraponto com a ingente gesta dos Descobrimentos, a génese do Humanismo e Renascimento portugueses.

Para além disso — o que já ofereceria o maior interesse —, o autor debruça-se, com idêntico desvelo, sobre os principais entendimentos de que, também entre nós, têm sido objecto os mencionados conceitos histórico-culturais.

Nesse contexto, e tentando pôr ordem na desordem, o autor começa, muito avisadamente, por distinguir entre uma «fase da consciência», ao longo da qual se experimentou e viveu a convicção da grande transformação que se operava na cultura coeva, e uma «fase historiográfica», que vem até hoje, e ao longo da qual se tem escrito, e questionado, sobre o que foi o Renascimento.

Para Garcia de Orta, não restariam, aparentemente, dúvidas de que «se sabe mais em um dia agora pelos portugueses, do que se sabia em cem anos pelos romanos».

Mas... teria o Renascimento representado uma total descontinuidade em relação à Idade Média — Luz «ex novo» surgida contraposta ás Trevas da «longa noite de dez séculos»?... Ou teria tido, muito dialecticamente, a sua génese nas eras medievas, Lutero brotando necessariamente de Erasmo?

...Por outras palavras: Teria sido possível o Quinhentismo sem que o «Quatrocentos» o houvesse precedido?

Mais: Que relações, que dialéctica, a ver entre o Renascimento e o desbravar dos oceanos — de aquém e de além-Adamastor —, cimeiros acontecimentos da história da Europa e do Mundo que têm n'«Os Lusíadas» o seu lugar geométrico?...

A todas essas interrogações procura o autor responder, desde logo se debruçando, na mencionada «Introdução geral», sobre os ensaístas e historiadores — nacionais ou estrangeiros — que mais detidamente se ocuparam da referida problemática.

De entre os autores portugueses, José Anastácio da Cunha, Alexandre Herculano, Oliveira Martins, Silva Dias, António Sérgio e Jaime Cortesão, são, a propósito, objecto de interessada e interessante menção.

Obra a ler, pois, com empenho — com atenção vigilante.

**Manuel Alexandre Alvim**

# Hermann Broch

## cavalheiro de indústria?

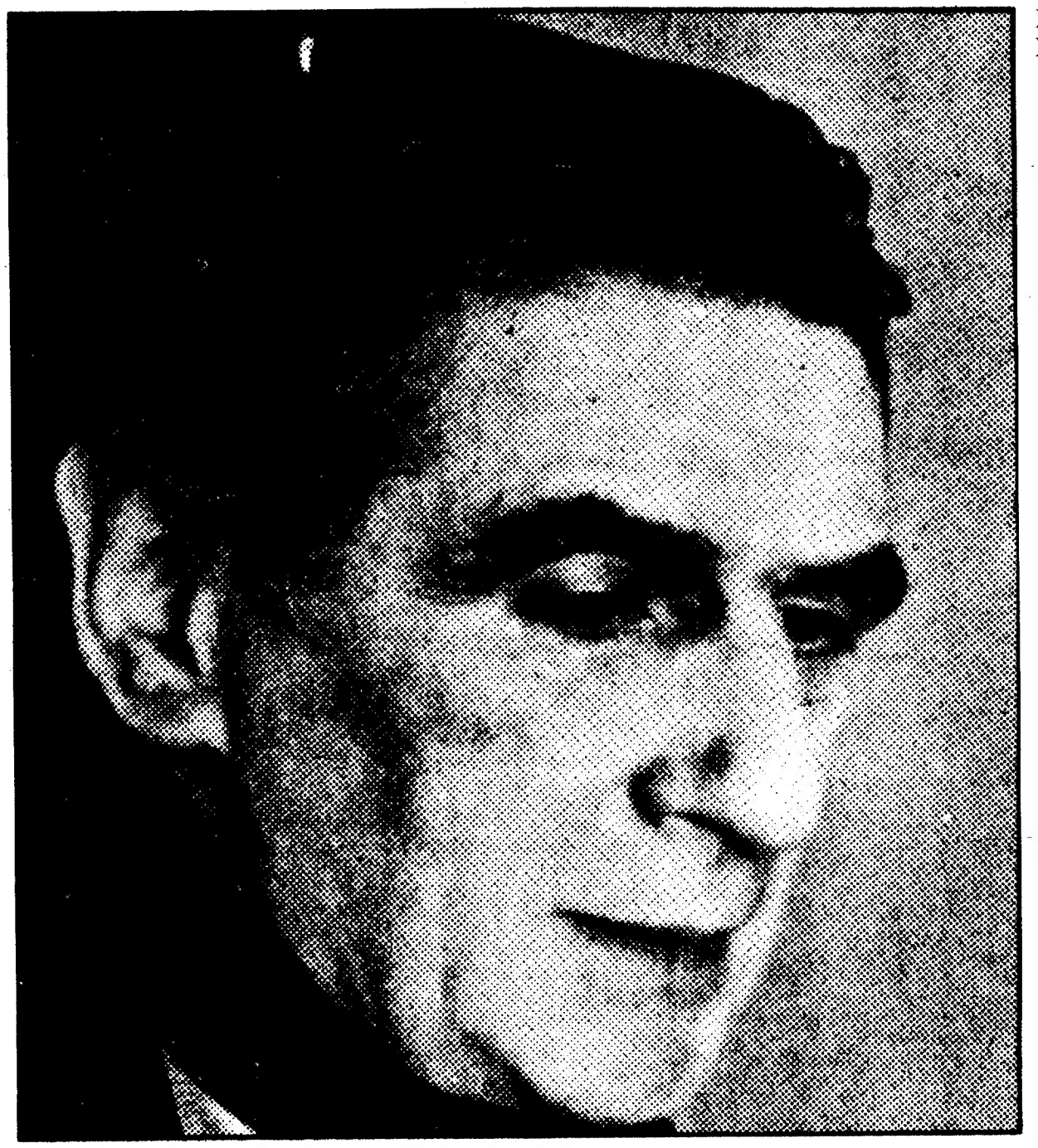
«Tardiamente inclinado para a literatura, após ter abandonado a sua posição de cavalheiro da indústria e uma carreira de matemático ilustre...» Esta passagem do nosso artigo *Hermann Broch, o apelo obscuro*, aqui publicado em 15 de Janeiro, espiritou Helga Hoock Quadrado, «Doutora em Filosofia, professora do Instituto Alemão e encarregada de curso na Universidade Nova, Departamento de Estudos Alemães», a enviar ao director deste jornal uma carta onde se pergunta o que entendemos por «posição de cavalheiro da indústria», que Broch teria abandonado tardiamente.

Paradoxalmente, depois de formular a pergunta, a dr.ª Quadrado dá uma resposta que inteiramente subscrevemos: «Se consultarmos a biografia bem documentada de Broch, da autoria do mais iminente estudioso da vida e obra brochiana, ou seja, de Manfred Durzak (na série de rowolte monographien, Reinbek bei Hamburg, 1966) verificamos que o pai de Broch, Joseph Broch, já por volta do século era milionário e que o filho mais velho, Hermann Joseph, já antes de ter nascido se destinara a continuar a obra do pai. De facto, em 1906, Hermann Broch forma-se em engenharia têxtil, passando a colaborar na direcção da fábrica têxtil do pai, da qual se tornou administrador em 1916, só se retirando do mundo dos negócios em 1927, altura em que decidiu vender as fábricas e dedicar-se ao mundo das letras».

Descontem-se os pais a mais, irrelevantes numa germanista, e signifique-se que o nosso «cavalheiro da indústria» remete de facto para o *Félix Krull*, de Thomas Mann, e também para o Camilo de *Os Mistérios de Lisboa* («Quem saltou da carruagem foi Alberto de Magalhães, filho de D. João VI, espião de D. Pedro, *cavalheiro de indústria*, contrabandista, negreiro, corsário»). Admira-se a nossa amável correspondente que chamemos «cavalheiro de indústria» a um capitalista austríaco dos princípios do século? Victor Adler, expoente do «austromarxismo», chamava-lhes «embusteiros», e o próprio Broch, em *Os Sonâmbulos*, apresenta o inacessível Bertrand, protótipo do grande capitalista, como um indivíduo que não hesita em empregar meios menos legítimos para obter ganhos.

Admito, no entanto, que a expressão, aplicada a um grande espírito humanista como foi Hermann Broch, possa enojar sensibilidades universitárias, sobretudo em tempo de guerra às ideologias. Emendo, portanto, o «cavalheiro de indústria» para «capitão de indústria», na esperança de que a professora Helga Hoock Quadrado compreenda que o meu texto não aspirou propriamente a ser uma acta, mas um modesto ensaio de aproximação literária, quase sem alusões biográficas e com algumas liberdades metafóricas.

O «matemático ilustre» também não caiu bem à dr.ª Quadrado, que pergunta na sua carta: «Será que o benemérito autor do estudo sobre Broch confunde aqui Hermann Broch com o avô paterno deste que era tido como génio da matemática, de acordo com o testemunho do filho de Hermann Broch, Hermann Friedrich Broch de seu nome (ver página 12 do referido livro de Manfred Durzak, *Hermann Broch in Selbstzeugnissen und Bilddokumenten)?* É certo que Broch tinha um grande interesse pela matemática, mas embora tenha assistido a aulas de matemática na Universidade de Viena, nunca se formou nesta ciência...»



O facto de Broch nunca se ter «formado» em matemática não significa, como aliás a nossa correspondente reconhece, que essa ciência, a lógica e a psicologia social não tenham sido interesses constantes da sua vida: «Devo-lhes a minha busca incessante de abstracção e de rigor nos raciocínios» (carta de Broch a Frank Thiess); «As minhas férias foram esplêndidas, mas infelizmente duraram pouco. Voltei a Viena muito contrariado. Sábado parto para Praga: vou assistir ao congresso das matemáticas...» (carta ao mesmo, datada de 12 de Setembro de 1929).

Enfim, quando digo que Broch abandonou uma carreira de matemático ilustre, não quero significar que ele tenha sido um profissional da referida ciência (embora até haja apresentado comunicações a congressos de especialistas), mas apenas que em dado lance da sua vida encarou a *possibilidade* de se consagrar exclusivamente à matemática e à lógica, e depois abandonou essa hipótese.

Já agora, uma observação *pro domo mea:* no passo da carta onde se insurge contra o «matemático ilustre», a nossa gentil correspondente chama-me *benemérito*. Bem haja. Na verdade, pagam-me estes artigos, mas tão pouco que só por benemerência os escrevo. Mal correspondida, é certo, e porventura fútil ou desnecessária, mas benemerência «quand même». Libertar do encarceramento universitário, onde inutilmente estiolam, escritores como Broch ou Musil, chamar para eles a atenção do público, parece-me formoso...

Não param aqui, contudo, as correcções da Dr.ª Quadrado, inspiradas num visível e louvável grande amor exclusivo pela obra do escritor. A passagem onde afirmo que o romance *A Morte de Virgílio* foi escrito «em grande parte nas prisões nazis, sob a ameaça de Auschwitz e da morte iminente (Broch era judeu)» merece-lhe três discordâncias que assim resumiremos: 1) Broch não foi preso por ser judeu, mas «por ser temido na Alemanha enquanto escritor liberal»; 2) Só 80 páginas e não grande parte de *A Morte de Virgílio* foram escritas nas prisões nazis; 3) Broch foi preso em 13 de Março de 1938, consegue abandonar a Áustria em Junho do mesmo ano e o campo de concentração de Auschwitz só foi inaugurado em Junho de 1940.

A isto contrapomos: 1)Nem todos os liberais foram presos pelos nazis, mas foram presos todos os liberais judeus que não conseguiram fugir a tempo; 2) Substitui-se «em grande parte» por «em pequena parte», e pronto; 3) A «ameaça de Auschwitz» pairou sobre toda a gente presa pelos nazis desde 1933, o que significa que não era a um Auschwitz delimitado e concreto que aludíamos, mas a todo o universo concentracionário criado pelos fascistas alemães: Maidanek, Auschwitz, Birkenau e Stutthof, na Polónia; Dachau, Buchenwald, Oranienburg-Sachsenhausen, Flossenburg, Bergen-Belsen, Ravensbruck, Dora, Neu Bremm e Neuengamme, na Alemanha; Mauthausen, na Austria; Teresienstadt, na Boémia; Natzwiller-Struthof, na Alsácia; Kaunas e Riga, nos países bálticos...

O meu texto não tinha quaisquer intuitos biográficos, mas como as suas escassas incursões neste domínio provocaram os reparos de uma especialista, e não quero que fique a pesar-me na consciência o pecado de ter induzido os leitores em erro, segue-se uma pequena biografia do escritor que, esperamos, talvez possa não ferir os escrúpulos da Dr.ª Helga Hoock Quadrado.

### Biografia de Hermann Broch

Filho de um industrial têxtil, Hermann Broch vem ao mundo em Viena, no ano de 1886. Faz estudos técnicos e comerciais e depois, de 1916 a 1921, trabalha na empresa familiar, voltando à Universidade em 1928 para estudar matemáticas, filosofia e psicologia.

Introduzido nos meios literários por Franz Blei, publica em 1931, já com 45 anos de idade, uma primeira obra importante, a trilogia *Die Schlafwandler (Os Sonâmbulos), grande fresco da época wilhelminiana. Preso pelos nazis em 1938, intervêm em seu favor perosnalidades de renome mundial, entre as quais James Joyce, acabando por ser libertado e emigrar para os Estados Unidos, onde passa a ensinar literatura alemã nas universidades de Yale e Princeton.*

*Apesar da sua entrega tardia à actividade literária, Broch é um dos analitas mais clarividentes da vida cultural vienense no virar do século, época conhecida como do «apocalipse alegre», da Viena capital do kitsch, do Wertrakuum* (ausência de valores absoluta) e da *Grunderzeit* (tempo eufórico do progresso e da revolução industrial). *Backhendizeit* (tempo dos frangos assados) seria, na opinião de Broch, um vocábulo mais adequado. Extraímos esta terminologia de um ensaio intitulado *Hofmannsthal und seine Zeit*, escrito a partir de 1948 por encomenda da Bollington Foundation (EUA), que queria publicar em versão inglesa uma antologia de textos de Hofmannsthal com uma introdução de Broch.

Só o 3.º capítulo servirá de prefácio ao volume (1.ª publicação em alemão na *Neue Rundschau*, vol. LXII, n.º 2 1951). Os dois capítulos precedentes serão publicados pela 1.ª vez por Hannah Arendt em 1955, na antologia *Dichten und Ekennen* (Criação literária e conhecimento), Rhein Verlag, Zurique. Um dos capítulos da 1.ª parte intitula-se «Apocalipse alegre em Viena por volta de 1880». O estudo crítico sobre Hofmannsthal é precedido de um ensaio sobre James Joyce, publicado em 1936.

Em 1945, aparecerá nos Estados Unidos *Der Tod des Vergil* (A Morte de Virgílio), narrativa minuciosa das últimas horas de uma vida humana. Uma interrogação semelhante à de Adorno é formulada nesta obra: será lícito escrever ainda, produzir obras de arte, depois de Auschwitz? O sentido de toda a arte é aqui posto em questão. A criação artística só é criação quando é *poiein* (fazer mítico). É insuficiente quando não desemboca numa ética ou não culmina numa teoria do conhecimento.

O autor deixou inacabados um romance intitulado **Der Versacher** (O Tentador) e um vasto estudo sobre a psicologia das multidões. Hermann Broch morreu nos Estados Unidos, em 1951.

Fontes desta nota biográfica: J. Strelka, *Broch heute* (Broch, hoje), Francke Verlag, Berna e Munique, 1978; *Vienne 1880-1938: L' Apocalipse Joyeuse*, obra colectiva sob a direcção de Jean Clair, Paris, 1986.

**Ernesto Sampaio**

# *Estética da duplicidade*

de certo modo estranho, ou no menos inesperado — como alguns espíritos inteligentes que grassam no meio da espécie humana, atribuem ainda um carácter mágico ou mítico à morte. Pólo de uma conversão que assenta na ideia limite de um infinito absoluto, ainda que em transformação, evolução da existênca recorre para defender a sua própria compreensão e afirmação a uma série aleatória de conceitos que se desenvolvem a partir da colunata sem civilização do espaço. Para atravessar estes saltos de conhecimento ou teorias estéticas que o ser implica, uma nave invísivel e abstracta divide o número e as culturas através de ténues excrescências que — segundo alguns pensadores primitivos — ecoam ainda a imemorial fusão do nada à inteligência humana.

Uma consequência lógica de tais juízos poderia levar à seguinte síntese: — Outras estrelas geraram também, face ao horror da sombra, seitas descendentes. Não se trata contudo de deuses; quando muito de homens Imortais.

O animal segundo uns tinha cabeça de águia, cauda de serpente, patas e coração de leão; outros afirmavam que tinha apenas corpo de tigre; outros, ainda, descreviam-no com uma cabeça de galo, torso e braços viris e uma cobra enrolada no pescoço. O seu nome confundia-se com o da escola. Vários iluminados da história do homem feriram-se ao roçar a fina pele nas escamas da besta. A resposta do sonho grego à inquietude da metamorfose é um oceano azul e brilhante que, em algumas fases lunares, pode, segundo o verso de Homero, tornar-se pardo. Para Inferno é fátuo, e nem Cronos nem Minotauro emudecem a ironia que conjuga o pesado movimento. Quem invoca este lado do rosto fá-lo por paciência ou conveniência; igualmente os medos, ou outros povos de este, vivem na massa da memória.

Numa ideia indeterminada existe de uma forma rápida e implacável a imobilidade. Quem a sonda, ainda que de um modo breve, fica eternamente marcado por um isolamento atroz. Emergem futuramente sensações e pensamentos que despedaçados combinam um novo corpo sobre a fina linha da memória. De que serve ter os dedos da mão disfarçados de platina quando as garras mergulham no vazio e os astros se dissolvem no vazio? O cheiro de Alexandria com a sua luz brilhante seduzia a rota de marinheiros, guerreiros e viandantes. Sírios e gregos lá se cruzavam. Não eram só as sedas, o comércio e as religiões ortodoxas que os atraíam. Na confusão de gestos e linguajares estranhos aconteciam episódios raros. O tempo metafísico era o consciente depositário desse invevitável mutismo. Para que não houvesse perdas e se combinasse no disco do sol. Por todo o lado ouviam-se densos relatos em que as paixões principais eram esfinges ou espíritos remotos disfarçados de Reis.

Podia-se falar da miséria, do fumo ou das relações carnais.

Basílides está deitado na sua esteira com os olhos fechados. Não é contudo o sono que conduz o pensamento. A sua atenção fixa-se no desdobramento de uma outra realidade. Apesar de o planeta original não estar completamente explorado, o campo do seu império é a lua. Aquela pedra imensa gira numa linha que simula envolver a Terra. A gravidade pode ser interpretada através de uma atracção maléfica ou negativa. O fascínio pela magia — herança de uma tradição pagã — decidiu incluir no desenvolvimento da humanidade, que então determinava a ética, o conceito obscuro do mal. O cristianismo, símbolo desse movimento, desdobra o pano lívido da ignorância e obra uma estrutura complexa, cujas extremidades se perdem no futuro necessariamente mecânico da humanidade. Existirão, certo, homens com a inteligência de Galileu ou Kepler; mas estes estarão embutidos pela deformação do sonho do triângulo. Há pois que preservar um humanismo isento de tal contaminação, nem que isso implique um outro mundo.

São estas as cogitações do gnóstico, que prossegue — Um mundo negativo em que as estrelas se percebem nas suas massas gigantescas e em que o tempo é reduzido a um conceito arbitrário e inexpressivo. A existência de cada ser depende, em todos os acontecimentos e ausências, de todos os outros seres, sendo também determinante, e em simultâneo, de todos eles. A antiguidade não se perde, pinta-se, isso sim, noutros volumes. A ideia hologramática agita-se já no espírito gnóstico. Se o medievo tem uma consciência fluida de todas as possibilidades que se lhe abrem ao entendimento, o renascentista perdeu por completo a noção de uma multiplicidade de mundos, para se centrar apenas na «face do tempo». A luminosidade da Lua é suave e clara; os sentidos abrem-se e fecham-se e esse homem que não é do passado nem do futuro e que apenas sabe perceber o jogo na razão oblíqua parece satisfazer-se consigo e com o mundo. E como um néscio dorme tranquilo.

Os filhos da cruz serão mais tarde seduzidos pela fragância da flor pelo nome da rosa. É no sono, é na morte que crêem a espiritualidade. O corpo como um astro move-se debaixo de uma vontade que lhe é estranha. A memória desce os degraus que conduzem ao mundo inferior. Por detrás da sombra um brilho ofuscante invoca os gestos do pensamento; lá se encontram, entre outros, a morte e a Lua. Conceitos inconciliáveis e impossíveis para a máscara solar, fundidos num único nervo. Operar sobre o cérebro para lançar sinais e captar sons inteligentes. Heranças culturais de Pitágoras, do Rei Lear de Lincoln Powell (o homem demolido) e de outras fábulas de James Joyce, perspectivam a mesma ideia. Emerge como algo difuso e irreal; manifesta-se pelo tacto, por um olhar perdido. A figura não se desenha nem se esbate; entre o delírio e o desejo. Algo metafísico prepara-se para acontecer. Este mesmo pressentimento conduziu à tragédia. O símbolo é prenhe.

A cidade ideal tem no centro uma espiral e na periferia uma linguagem.

O gnóstico quebrou ao nascer num gesto cuidado e preciso todas as imagens do espelho.

Sobre o sono fundiu-se a memória e morreu-se na terra.

O postulado da morte pouco tem de comum com a realidade. Pensar e estudar uma é ignorar quase por completo a outra. O erro de alguns pensadores foi pretenderem inteleger a morte segundo os conceitos que enformam repetidamente a outra. A concepção da realidade representa, no quadro cosmológico, uma imagem tosca e aproximativa do homem. A hierarquia, a história e a mitologia sucedem-se com as suas rodas de glória e desfeita, numa implantação do poder da miséria. É que olhar o homem desligado do efeito cósmico revela uma doentia e perversa inteligência, destinada a mergulhar no desespero e no isolamento o fluxo criativo — e na actual leitura tanto se deve entender o espírito como o esperma. Ou tudo é então pura sabedoria. Há milhares de anos que uma faixa estreita vem defendendo tal propósito.

Marginalada alienada sábia ou persa coloca dúvidas paralelas à da peste. A imaterialidade acerca-se do seu pensamento. Interiorizadas as raças invisíveis no mundo da gravidade que, de uma vez por todas, se confunde com o dos anjos, os gestos ecoam apenas segundo certas circunstâncias acidentais.

O excesso é percebido enquanto aparelho do caos. Devido à sua insegurança, a ordem é ainda um elemento muito querido à realidade. Agora a imagem não cabe dentro de nenhum espelho. A referência é um absoluto vazio um absoluto silêncio. Não há pedra nem norma que testemunhe qualquer movimento que fixe um animal simbólico que perpetue o duplo do nada. Vivo e brilhante apenas o existir puro; separado de qualquer forma de qualquer fim de qualquer abstração. Substância sem reflexo, sombra sem luz. Morte no entretecimento do infinito. Falha a memória a linguagem e cultura. Golfadas de supertempo fendem o tecido que separa a lua do oceano e asfixiam o ser, submergindo-o no nada. Ao regressar à cidade de Alexandria, nos primeiros anos da era cristã, de novo se encontra Basílides deitado no meio de sonhos. A estatuária é uma arte solar.

**L. Miranda**

## Ficções

## *Espera em sustenido*

TENS o piano. A varanda voltada para o rio...

Fascinado, martelas as teclas. Porém, não sabes tocar. Mas, que te importa isso se delas podes extrair a música que de ti, sinistramente, brota?

O dorso curvado por sobre os teus dedos, inicias um lento dedilhar. Achas belas as tuas pequenas mãos e, enquanto escutas os sons que os teus delgados dedos inventam, recordas-te dela.

«A João Pires nunca poderá ser a maior intérprete de Chopin porque tem as mãos grandes» — afimara-te ela no dia anterior ao conduzir-te a França.

«Triste estória a deste transmontano povo» — consideraste ao evocares o negro período da vossa história portuguesa. E retorquiste:

— Não sabia que o Chopin tinha as mãos grandes...

— Pequenas. Trocas tudo, José — respondeu ela, um sorriso condescendente no rosto dirigido para a estrada.

— É triste a história da emigração clandestina durante o fascismo. Deprime-me saber que aqui eram largados os homens, que tentavam fugir à miséria, com o argumento de que já estavam em FRANÇA — disseste, incontrolado o desejo de denunciar o oportunismo dos homens. A obsessiva mania de seres autêntico.

— Sim. Mas, isto é bonito. Vamos estacionar aqui? Apetece-me correr pelas searas... — falou ela, cristalina indiferença perante a tua propensão para a reflexão. Indiferença perante ti próprio, mas tu não o entendeste no momento em que, a arfar, os vossos corpos rolaram sobre as searas enquanto lhe acariciavas os seios, afagavas na tua a língua dela.

Com uma certa itonia, observei-vos e lamentei-te a boa vontade, a constante necessidade de viveres em função de um sonho construído a partir da sensaborona realidade. A entrega que lhe fazias...

Não! Não te merecia a Raquel, nem ninguém. As pessoas como tu, José, deviam habitar nos rios, passear-se pela terra e dialogar com as plantas ou mesmo com os lagartos que, depois de mortos, adquirem aquela cor azulada que te arrepia. Nunca com os homens. Porque... Aprendê-lo-ás um dia. No momento em que te conheceres melhor, no momento em que a maturidade te cercear a respiração.

«Como é que um rapaz com a tua pureza aguenta estar vivo?» — interrogou-se alguém que muito te ama. Que te espia os gostos com a mesma atenção que te dedico.

Por agora, deixa-te estar. Dedilha esse piano que se embeleza só pelo facto de o tocares. E espera. Espera que ela regresse e te diga:

— «Olá, coração»...

**Ana Paula Portugal**

# Winnie Mandela

# Parte da Minha Alma

*O Ler Escrever apresentou a edição francesa de «Parte da Minha Alma» quando ela surgiu na Du Seuil. Agora, que a* Tricontinental *a publica entre nós, divulgamos um excerto do livro. Ele faz parte da documentação essencial sobre as últimas décadas da África do Sul.*

## Na Prisão

Fui detida em 12 de Maio de 1969. Detenção significa aquele toque a meio da noite, quando tudo em redor está sossegado. Significa uma série de lanternas eléctricas devassando simultaneamente o espaço interior através das janelas, antes de se abrir a porta com um pontapé. Significa o direito exclusivo do Departamento de Segurança de ler toda a correspondência que há em casa. Significa folhear todos os livros das prateleiras, levantar os tapetes, espreitar debaixo das camas, tirar as crianças adormecidas da cama e espreitar debaixo dos lençóis. Significa provar o açúcar, o pirão de milho e todas as especiarias do armário da cozinha. Desarrumar a roupa e meter as mãos em todas as algibeiras. Ultimamente significa ser preso de madrugada, separado à força das crianças a choramingar, agarradas à camisa, implorando ao homem branco que arrasta a mamã que a deixe em paz.

Fomos os primeiros a ser presos ao abrigo da secção 6.ª da Lei de Terrorismo. Fui para a prisão Central de Pretória. A minha cela tinha uma grade do lado de dentro, uma porta no meio e outra grade do lado de fora. Pelo que tinha lido e ouvido dizer, a minha devia ser a cela da morte. Nem sequer sabia se no mesmo bloco havia outros detidos. Pensei que estava sozinha; durante meses não soube que todo o país tinha sido revolvido. Tudo o que podia ouvir era uma tosse distante e o som débil de portas de prisão a serem fechadas.

Aqueles primeiros dias são o pior na vida de quem quer que seja — aquela incerteza, aquela insegurança: há um sentimento de desespero, um sentimento de que tudo chegou ao fim. É tudo calculado para nos destruir, não só moralmente mas também fisicamente. Sabemos que o inimigo nos pode manter ali durante cinco anos. Não há contacto com ninguém. Naqueles dias, tudo o que havia na cela era um balde sanitário, uma garrafa de plástico que levava apenas uns três copos de água e uma caneca.

Por vezes, traziam num pequeno balde de plástico com água para nos lavarmos, mas nunca havia água para lavar a roupa. Deviam ter sido baldes sanitários porque o cheiro era terrível. Nem sequer tinham sido devidamente passados por água. Por isso, eu usava a água de beber da garrafa de plástico para lavar a cara. E tinha de usar as cuecas para lavar o corpo porque não havia mais nada. Durante a menstruação, davam-nos apenas papel higiénico ou então diziam: «Use as mãos, se quiser». A servir de cama havia apenas um colchão e três cobertores sujos e fedorentos. Eu enrolava um para servir de almofada e cobria-me com os outros.

Os dias e as noites tornaram-se tão longos que dei comigo a falar sozinha. O silêncio é mortal. Só isso é uma tortura. Não sabemos que fazer connosco mesmos: sentamo-nos, levantamo-nos, andamos para trás e para diante. A cela é tão pequena que nem sequer se pode andar à volta. Deitamo-nos de barriga para baixo, de costas, de lado; o corpo começa a doer porque não se está habituado a dormir no cimento. Foram os exercícios para mulheres da Força Aérea Canadiana que me habituaram às celas. Sou muito dada a esses exercícios e não podia viver sem eles.

Damos por nós à procura de qualquer coisa nas celas; por exemplo, lembro-me de como fiquei feliz quando encontrei duas aranhas e de como passei o dia inteiro a brincar com elas; e depois a tristeza que senti quando os guardas desligaram a luz. Foi durante o dia mas o edifício era tão velho que estava sempre às escuras. E acabaram-se as ocupações. Comecei então a desfiar um daqueles cobertores, puxando os fios e tecendo pequenos cordões. Passei dias inteiros a fazê-los e a desfazê-los. Depois desfiz a bainha do meu vestido, só para ter qualquer coisa que fazer. Depois é que já não havia mais nada para fazer.

À noite não era possível dormir. Eles mantinham a luz acesa, mas eu também já sofria de insónia aguda desde há alguns anos. Durante um interrogatório nocturno, Swanepoel referia-se a isso dizendo: «Arranjamos-lhe companhia para toda a noite e você ainda é mal agradecida».

Todos os dias éramos inspeccionadas na prisão. Duas guardas entram na cela, mandam-nos levantar e despem-nos. Começam por inspeccionar os sapatos estando nós nuas. Examinam as cuecas, a blusa, examinam tudo costura a costura. Passam para o cabelo e — claro que comigo nunca tiveram sorte, mas é prática comum com as detidas — examinam a vagina. Acho que eles não fizeram isso às minhas outras cinco camaradas que também estavam naquela prisão. Nada pode ser mais humilhante. E estamos completamente sós na cela.

Assim que tive autorização para receber algumas roupas de familiares, o processo passou a demorar o dobro do tempo.

Fiquei furiosa. Pensei em tudo o que poderia fazer a mim própria como forma de protesto. Se eu não tivesse filhos e não fosse o facto de acabar por beneficiar as autoridades, talvez me tivesse matado. Mas seria uma acção cometida em nome de pessoas que não têm qualquer espécie de consciência.

O meu interrogatório começou numa segunda-feira e só regressei à cela no sábado à noite. Interrogaram-me cinco dias e cinco noites. Lembro-me vagamente. Durante a quinta noite tive aqueles curtos desmaios que proporcionam grande alívio. Foi a primeira vez que reparei que a natureza tem uma maneira fantástica de se precaver contra a exaustão do corpo. Pois eu tive esses longos períodos de inconsciência; devo ter sido levada para a cela durante um deles. Éramos interrogadas continuamente. Todo o meu corpo estava inchado. Por vezes havia autorização para ir à casa de banho, mas por curto espaço de tempo, e uma guarda ia sempre connosco.

Dão-nos qualquer coisa de comer, mas naquelas circunstâncias não se é capaz de comer — o alimento não tem qualquer importância. Toda aquela experiência foi terrível porque eu tinha deixado crianças pequenas em casa e na cama e não tinha qualquer ideia do que lhes tinha acontecido.

O interrogatório era acerca das actividades do extinto Congresso Nacional Africano e dos contactos «comunistas» que supunham possuirmos no exterior. Claro que muitas coisas tinham acontecido que num país democrático são direitos de toda a gente. Tínhamos grupos e encontros de educação informal que tinham lugar em todos os países. Isso não tinha nada de ilegal. Rita Ndzanga e eu fomos interrogadas quando eles já tinham quase acabado de interrogar os outros detidos. Ambas éramos pessoas sujeitas a medidas de segurança, por isso era natural que tivésemos utilizado os contactos. Fui interrogada durante horas acerca de determinadas mulheres que tínhamos ajudado — membros da Federação das Mulheres Sul-Africanas, que tinham estado na prisão desde 1960 e não haviam recebido visitas — a velha táctica, quando as pessoas eram lançadas na prisão e as famílias não eram informadas de qual a prisão onde se encontravam.

Tínhamos tentado descobrir onde é que elas se encontravam, e mandámos lá as nossas mulheres como se fossem familiares, a fim de lhes podermos satisfazer necessidades básicas, como de sabão, papel higiénico e pasta de dentes - pequenas coisas que tornam a vida na prisão um pouco mais fácil e que elas não viam há anos. Quando a visita não era possível, mandávamos encomendas em nome dos seus familiares. Com o auxílio da Igreja Anglicana arranjámos dinheiro para as famílias, para garantirmos o pagamento das rendas de casa das detidas durante a sua ausência. Foi uma tarefa de assistência social que teria sido normal e legal em qualquer outro país.

Mas nesta sociedade dementada tinha de ser clandestina.. Durante o interrogatório, insistiram que se tratava de uma actividade de inspiração comunista e que estávamos a tentar transmitir mensagens secretas clandestinamente. Rita foi bastante torturada e quase morreu.

Fomos interrogadas por Swanepoel. Disse-me durante o interrogatório algumas das coisas mais extraordinárias que já ouvi na minha vida: «Você vai ser completamente destruída e feita em pedaços; você é uma mulher perdida». E mais: «As pessoas pensam que Nelson é um grande homem e que está na prisão porque se quis sacrificar pelo seu povo. Se eu tivesse uma mulher como você, teria feito exactamente o que fez Nelson e porocurava protecção na prisão. Ele fugiu de si. Que espécie de mulher é que anda em reuniões até ás quatro da manhã com os maridos de outras? Você é a única mulher que faz coisas destas».

E apresentava-me então declarações que alegava ter obtido desses homens: supostas reuniões com cinco ou seis deles no quarto de Nelson.

Foram dias horríveis. Detesto evocá-los. E eu já estava bastante doente quando fui para a prisão. Passava dias sem dormir absolutamente nada e na prisão foi a mesma coisa; por vezes não conseguia dormir durante vinte e quatro horas. Para ter alguma coisa que fazer, comecei a arrancar a tinta das paredes com as unhas dos dedos e a certa altura achei debaixo da tinta uma inscrição que se lia perfeitamente: «A senhora Mandela é uma trapaceira».

E perguntava então Swanepoel: «Você pensa que está a resistir em nome de quê? Você está politicamente nua». Que eu estava completamente isolada dos meus amigos na luta. Ele disse: «Conseguimos convencer as pessoas de que você quer trabalhar para nós, por isso quase não faz qualquer diferença se você quer mesmo trabalhar para nós ou não. Quer trabalhar para nós, para poder sair da prisão?»

Eu teria saído logo no primeiro mês desses dezassete meses de prisão solitária se tivesse concordado com as ridículas sugestões que me foram feitas: seria libertada se cooperasse e os autorizasse a usar a minha voz na rádio para apelar às nossas forças do ANC no sentido de se retirarem da fronteira e deporem as armas para encetarem conversações com o Governo. Seria até levada de helicóptero até junto de Nelson — com oficiais da Polícia de alta patente — para ter com ele conversações secretas, na ilha, e depois disso ele seria afastado dos outros prisioneiros e levado para a casa de campo onde esteve o falecido Robert Sobukwe. O meu marido sofreria mais confortavelmente instalado. Nunca desistiram durante todo o tempo da minha detenção. Como podem aquelas pessoas ser tão pobres de espírito! Depois de termos dado os melhores anos da nossa vida pela causa, continuam a pensar que os nossos princípios são letra vã! Se não houvesse gente neste país que ainda lutasse pela justiça, o meu destino teria sido o mesmo que o da maioria dos Pretos desta terra. A maior parte dos Pretos deste país vai parar à prisão por ninharias; todos os dias são presos milhares cuja única ofensa é desejarem viver juntos com a família. Tive a sorte de haver advogados que me defenderam e fizeram tudo para provar a minha inocência no tribunal.

Esqueci-me de dizer que tinha um exemplar da Bíblia, porque se tratava de um documento suficientemente insignificante naquelas circunstâncias. Li-a quatro vezes. Nunca me constou que fosse possível ler a Bíblica do princípio ao fim.

Bastante irónica — sabemos que os Africânderes pretendem passar por religiosos — foi a maneira como a Bíblia me chegou às mãos na prisão. Um dos homens da segurança parou à entrada da porta. Abriu-a com um pontapé e atirou com a Bíblica aos meus pés: «Aí está a Bíblia. Pede ao teu Deus que te liberte da cadeia!»

Até às pessoas que não são muito religiosas a Bíblia inspira um certo respeito. Ora aqui estão pessoas que deviam ser religiosas e fazem troça desse mesmo Deus que julgam tê-los predestinado para serem os senhores deste país. Quando nos oprimem, fazem-no em nome de Deus e consideram-se o Seu povo eleito. Em nome «desse» Deus, ele atirou com a Bíblia aos meus pés. No entanto, sobe ao púlpito todos os domingos para pregar aquilo em que nunca acreditou. A Polícia de Segurança pertence a uma raça especial. Para se ser membro, há que ter este ódio especial aos Pretos. Doutra maneira, como seria possível torturar pessoas até à morte por diferenças ideológicas? Como apontar uma metralhadora a uma criança de sete anos e rebentar-lhe os miolos? Tem de se pertencer a uma raça especial, uma raça que eu bem conheço e que tem tornado a minha vida impossível. A essa raça pertencem as pessoas que me ensinaram a odiar.

Não estou a dizer que todos os Africânderes sejam assim; estou a dizer que o Africânder que oprime o meu povo é assim. Ficam totalmente transtornados com os Negros, de tal modo que eles próprios acabam por se tornar prisioneiros. Reparem nessas guardas da prisão: são na realidade prisioneiras piores do que nós, envergando esse uniforme sórdido e vigiando-nos durante horas. Que tipo de pessoas escolhe uma profissão dessas? E quando se tenta comunicar com elas em inglês, perdem as estribeiras.

**Winnie Mandela**

# Acabados de Chegar

**■ A Morte É Um Acto Solitário, Ray Bradbury, Publicações D. Quixote, Biblioteca de Bolso**

Um policial escrito por um «expert» em ficção científica. Depois de um longo silêncio, o autor de «Crónicas Marcianas» resolveu homenagear os mestres do policial negro norte-americano; Chandler, Hammet, Ross McDonald... O resultado foi «A Morte É Um Acto Solitário», um livro onde os vários «tiques» narrativos não são (felizmente) suficientes para liquidar uma boa história. Em 1949, na cidade norte-americana de Veneza, um escritor desconhecido conduz, sem o saber, o assassino às suas vítimas, todas elas com o mesmo estigma: derrotadas pela vida, solitárias...

**■ Paragem em Berlim, Alan Winnington, Caminho Policial**

Em Berlim Oriental, um homem de negócios desaparece misteriosamente. Na Grã-Bretanha, a sua filha, jornalista, inicia uma investigação para tentar descobrir o que se passou. Eis, em traços largos, o ponto de partida do novo policial editado pela Caminho, que, através dele, apresenta ao público português mais um autor do género. Alan Winnington, que morre em 1983, foi um jornalista inglês e o único correspondente ocidental a acompanhar o exército popular chinês em 1948 e 1949.

**■ A Porta para o Verão. Robert A. Heinlein. Caminho Ficção Científica**

Mais uma vez, as viagens no tempo são pretexto para um livro de ficção científica.

**■ O Perigo é a Minha Profissão e Outras Histórias, Raymond Chandler, Ed. Afrontamento.**

É o terceiro volume de contos policiais da autoria de Chandler editado pela Afrontamento, e uma boa companhia para estas noites de Inverno. Para além do texto que lhe dá o título, o livro integra ainda os seguintes contos: «Vento Vermelho», «Eu Espero», «Os Peixinhos Dourados» e «Tiros no Cyrano's».

**■ O Vale dos Cinco Leões, Ken Follett, Ed. Livros do Brasil, Col. Vida e Aventura**

O «Triângulo Amoroso» num cenário de guerra: o Afeganistão ocupado pelos tanques soviéticos...

**■ Música e Músicos Modernos, Fernando Lopes Graça, Ed. Caminho**

Schinberg, Stravinsky, Bela Bartok, Prokofieff, são alguns dos compositores de que fala Lopes Graça neste «Música e Músicas Modernas». Uma colectânea de textos vindos a lume entre 1931 e 1943, data da primeira edição desta obra. Mais de quarenta anos depois, Lopes Graça afirma: «... o livro deveria intitular-se de preferência (não fora o perigo dos equívocos e dos quiproquós) Os Clássicos do Modernismo Musical...»

**■ Os Cisnes Selvagens e Outros Contos, Hans Christian Andersen, Ed. Estampa, Col. Livro B**

Andersen dispensa apresentações. Os seus escritos poderiam receber o «slogan» daquela revista... «Para os jovens dos 7 aos 77 anos». Como afirma Silva Duarte, tradutor do livro agora editado pela Estampa, os seus contos contam-se ainda «como sendo a obra mais divulgada depois da Bíblia».

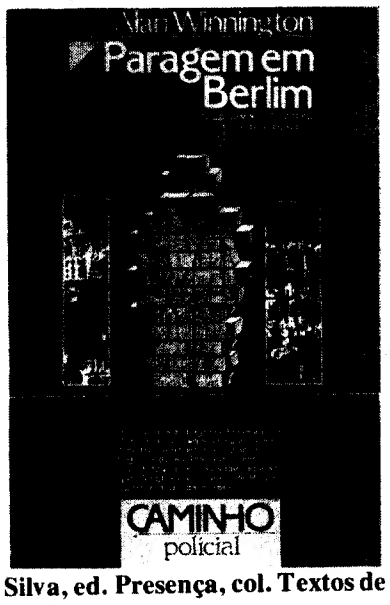
**■ Comunas ou Concelhos, B. Coelho, Ed. Caminho, col. Universitária.**

Esgotada a edição de 1973, em boa hora decidiu o autor lançar de novo nos escaparates este «Itinerário» de «meditação» pelos séculos em que se «caldeou a independência de Portugal». A importância do movimento dos concelhos como «cimento aglutinador que se vai espalhar pelo território, apesar de e pelos seus particularismos», a rica herança árabe e o papel decisivo de Henrique de Borgonha, «senhor feudal ambicioso, conde de Entre-Minho-e-Mondego, braço armado do partido franco-cluniacense-romano», na formação da nacionalidade e do Estado português, são alguns dos temas abordados por Borges Coelho, numa linguagem documentada, estimulante e poética.

**■ O Búzio de Nacar, Carlos Correia (texto), H. Cayatt (ilustrações),Ed. Caminho.**

Carlos Correia é nome consagrado da ainda escassa literatura infantil portuguesa. Este «búzio», enriquecido por magníficas ilustrações de Henrique Cayatte, e dedicado ao André(filho do autor?) para «amar o mar, a vida, o sonho e a paz» retoma preocupações pela defesa do meio ambiente( «O sétimo descarrilamento», de 1986, de que C. Correia é co-autor, ganhou o prémio «O Ambiente na Literatura Infantil»). «Passear à beira-mar pela tardinha do sol é dos gostos bons da vida», é o convite das primeiras palavras do belo texto. Você, adulto, também vai gostar. Do passeio e do livro. Fica o convite.

**■ Iniciação à Comunicação oral e escrita, Maria Alda Loya Soares Silva, ed. Presença, col. Textos de Apoio**




Um texto especialmente dedicado aos dinamizadores de grupos, professores, orientadores de cursos de formação, ou outros agentes culturais a quem é requerida «competência comunicativa». Trata-se de um pequeno manual, ilustrado e repleto de exemplos e análises de situação, e completado por uma bibliografia sumária sobre o universo estudado.

**■ Amor e dedinhos de pé, Romance de Macau, Henrique Senna Fernandes, Instituto Cultural de Macau**

O Instituto Cultural de Macau dedica-se à ficção: «Os principais protagonistas são macaenses e o enredo decorre, em nota predominante, entre macaenses», explica o autor numa nota introdutória. «É esta uma obra de ficção, todavia inspirada numa história antiga que escutei, entre riso e comentário jocoso, num dos serões da velha casa de minha avó, num daqueles serões traidcionais e sempre lembrados de outrora, era eu menino e moço».

**■ Eu nasci amanhã, Cândido José De Campos, Silex, col. Vice Verso**

«Escrevo à luz do sol sem ter avença / Em barro vento sal cristal granito / moldo a palavra em canto pranto grito / Não rendo preito nem simulo crença». Poemas. Do autor, saíram já «Não quero os trinta dinheiros» (1980), «D. Quixote vem a pé» (1981), «As profecias de Cassandra» (1982), «A sede da palavra» (1982), «Margens», «Rima em dó maior» e «Preciso de linho novo» (1984) e «Maior do que a saudade dos sentidos» (1985). Em preparação está «O trote do cavalo marinho», novela.

**■ Cântico suspenso, João Mattos e Silva, Sílex, col. Vice-Verso**

«Fui porto. Em mim se abrigaram Caravelas / e sonhos de outras terras / outros mares. / Mas hoje que passaram / esses tempos / sou apenas areia / e vejo neste mar / passarem outros barcos / outras velas». Poemas. Do autor saíram anteriormente «Sem contorno» (1986), «Tempo de mar ausente» (1972) e «Intemporal» (1976). Tem em preparação um livro de contos. É co-autor de uma série juvenil exibida na RTP e presidiu, em 1985 e 1986, ao júri do Festival de Teatro de Amadores de Lisboa.

**■ Ao acaso, Silva Carvalho, Brasília ed.**

«Ao acaso» é um longo canto que se lança sob epígrafes de Walt Whitman e de Robert Lowell: «Ao acaso do coração, um homem distraído / entre o quotidiano pífio e a viagem, / ei-lo, sem enredo nem paradeiro, saído / da matéria dos dias como uma passagem / pelo sonho, simulacro e sibilo, nascido / quando a hora se assemelha à clivagem. / Nenhum sentido, mas a grave necessidade / em permanecer, para sempre, sem idade.» Atenção, trata-se de António, e não de Armando Silva Carvalho. Do autor foram publicados «Suor do Tédio» (1968), «Les trois âges» (1973), «Memória do Presente» (1977), «Canções» (1978), «Assim» (1979), «Essas vozes» (1983), «Antes do paraíso» (1985) e «75 sonetos» (1985).

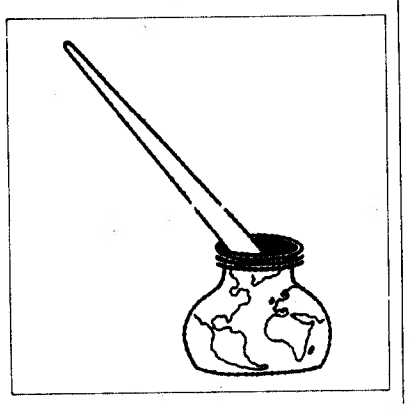
**■ Camponeses da Madeira, as bases materiais do quotidiano no arquipélago (1750-1900, Dom Quixote, col. Portugal de Perto, Jorge Freitas Branco**

Na colecção «Portugal de Perto» de «Publicações Dom Quixote», na qual foram incluídas, a par de novos originais, reedições de obras de interesse de há muito esgotadas, foi agora publicada — é o N.º 13 da colecção — a monografia de Jorge Freitas Branco: «Camponeses da Madeira, as Bases Materiais do Quotidiano no Arquipélago (1750-1900)».

O autor, doutorado em Etnologia na Universidade Johannes Gutenberg, de Mainz (RFA), é, presentemente, professor de Antropologia no ISCTE, em Lisboa. Como adverte no prefácio do volume, esta monografia etnológica, «sobre uma época importante para o arquipélago da Madeira», constitui a «primeira abordagem das duas ilhas atlânticas feita a partir de um dilema social envolvendo profundamente o campesinato insular». Segundo, Jorge Freitas Branco, a «temática desenvolve-se globalmente, de modo a conduzir-nos à grande viragem ecológica resultante do desbloqueamento de interesses até então inconciliáveis naquela sociedade».

O texto está organizado em quatro partes a cada uma das quais corresponde dois capítulos: «O Eixo da Organização do Quotidiano: Cap. 1 — «O Homem e o Ambiente: sobre os fundamentos ecológicos» Cap 2 — «A escassez do cereal»: «Instrumentos e Processos de Trabalho»: Cap. 3 — «A luta pelo pão: a produção do grão». Cap. 4 — «A luta pelo pão: do grão à farinha»; «Aspectos das Relações Sociais na Produção Agrícola»: Cap. 5 — «Etnografia da Serra». Cap. 6 — «Morgadio e Campesinato»; «Factores de Transformação duma Ruralidade»: Cap. 7 — «O Casmpesinato e a Sociedade». Cap. 8 — «Abertura Agro-Comercial». Seguem-se as «Considerações Finais» e a Bibliografia.

Trabalho de investigação sério e bem documentado no qual a análise da cultura material é o suporte do estudo do comportamento social e da dinânima do quotidiano rural em todo um período histórico.



O eu nos outros

## *Há sempre um ponto final*

Uma chuva de virgulinhas, tarde já a morrer, envolvia a cidade de uma ponta a outra. Quando a noite viesse esse líquido manto diáfano deixar-se-ia de ver — e Lisboa não mais seria do que um esplendor apaga e acende de múltiplos anúncios luminosos. Augusto estacionou, deixou o carro, ergueu a gola da gabardina. Atravessou o Rossio, meteu pela Rua do Ouro, o passo muito lento, uma a uma respirando as vírgulas da chuva...ia cruzando guarda-chuvas que o olhavam com uma certa estranheza, ora desviando-se para a esquerda ora para a direita. Uns e outros caminhavam sempre em frente, rígidos, não arredando passo — e foi assim que Augusto se encontrou sob uma sombrinha translúcida, de círculos azuis e flores amarelas. Um pulso fino sustinha o cabo da sombrinha, muito seguro, sem mostrar qualquer intenção de se desviar do caminho. E como eram muitas as pessoas que se iam pelo passeio nos dois sentidos, impedindo momentaneamente que Augusto se deslocasse para qualquer dos lados, um momento houve em que ele e a portadora da sombrinha se olharam face a face...

— Desculpe... — acabou por dizer Augusto.

Mas ela manteve-se sem uma palavra, o pulso fino sustendo a sombrinha, os olhos sem prestanejar — e mal um espaço se abriu à direita de Augusto logo ele se deu ao caminho a gola da gabardine erguida as vírgulas da chuva de novo pela cara.

Claro era o propósito de Augusto: ir até ao Terreiro do Paço, na poalha húmida, voltar depois ao automóvel, seguir para casa...Um homem atravessando simplesmente as virgulinhas da chuva numa tarde, já no fim, sem outra intenção que não fosse a de usufruir a beleza daquela hora, que no seu interior se implantara como ímpar. E não é que...

— É como te digo, Eurico. Aquela mulher de sombrinha na mão, sem arredar pé do meu trajecto, surgiu como um ponto final, por entre as vírgulas da chuva...

— Um ponto final, Augusto...?

Augusto sentou-se no braço do «maple»:

— Sei que nunca mais nos encontraremos, ela e eu. E sei também que de todas as vezes que a chuva se apresentar como vírgulas,. como pequenas vírgulas, virgulinhas, eu verei sempre diante de mim uma página terminada da minha vida. É isso, é. Qualquer coisa Eurico, que é um outro sinal: algo que não mais acontece, um verdadeiro ponto final.

**Pedro Alvim**